

JOANA ARDUIN

**A VARIAÇÃO DOS PRONOMES POSSESSIVOS DE SEGUNDA
PESSOA DO SINGULAR *TEU/SEU* NA REGIÃO SUL DO BRASIL**

**FLORIANÓPOLIS
2005**

JOANA ARDUIN

**A VARIAÇÃO DOS PRONOMES POSSESSIVOS DE SEGUNDA
PESSOA DO SINGULAR *TEU/SEU* NA REGIÃO SUL DO BRASIL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Prof^a Dr^a Izete Lehmkuhl Coelho

**FLORIANÓPOLIS
2005**

(folha de aprovação)

À minha mãe, maior incentivadora e conselheira em todos os passos que dei, sendo um exemplo de coragem, determinação e força. À minha irmã Paula, pela amizade, carinho e pela força em todos os momentos que precisei. Ao meu pai, pelos momentos de descontração e alegria. À minha vó Eurides, pelo incentivo e confiança. Ao meu namorado Valdir, pelo amor, força, respeito e compreensão em todos os momentos que passamos e que não pudemos passar juntos.

AGRADECIMENTOS

À professora Izete Lehmkuhl Coelho, minha orientadora, por ter me apresentado os caminhos da (sócio)lingüística desde a iniciação científica, no ano de 2000, pela confiança, paciência, tempo e atenção dispensadas a mim.

Às professoras Edair Maria Görski, Odete Pereira da Silva Menon e Ana Maria Stahl Zilles, pelas sugestões ao longo do estudo.

À Priscilla Neves, amiga incansável, sempre solidária, disposta e com uma palavra confortável e incentivadora. Acompanhou todo este processo tornando esta etapa, com certeza, muito mais leve e positiva.

À Raquel M. Ko Freitag, pelos textos sugeridos e cedidos. Pela leitura atenta e pelas valiosas sugestões que só vieram acrescentar para meu trabalho. Obrigada pelo apoio, incentivo e confiança.

Ao VARSUL/UFSC, por ter me acolhido e por ter me iniciado na pesquisa.

À CAPES, pelo suporte financeiro durante parte do curso.

A Deus, por tudo!

A busca que executamos não é de pouca importância, mas exige grande acuidade de espírito. Ora, dado que esta qualidade nos falta, dir-vos-ei como julgo que se deve proceder. Se se ordenasse a pessoas com visão pouco apurada que lessem de longe letras escritas em caracteres miúdos e uma delas descobrisse que essas mesmas letras se encontram escritas em outro lugar em grandes caracteres e num espaço maior, ninguém duvidaria de que seria mais fácil ler primeiro as letras grandes e examinar em seguida as miúdas, para ver se são de fato iguais.

Platão, em *A República*

RESUMO

Nesta dissertação, analisamos a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular *teu/seu*, nas cidades de Blumenau, Chapecó, Flores da Cunha, Florianópolis, Lages, Panambi, Porto Alegre e São Borja. Consideramos tanto os aspectos lingüísticos quanto os aspectos sociais dessa variação, à luz dos pressupostos teóricos da sociolingüística variacionista (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968; LABOV, 1972) e da proposta de Brown e Gilman (2003) *The Pronouns of Power and Solidarity*. Os dados foram coletados de 192 entrevistas pertencentes ao banco de dados VARSUL (Variação Lingüística Urbana da Região Sul do Brasil), as quais são estratificadas de acordo com as variáveis *faixa etária*, *sexo*, *escolaridade* e *região* (etnia). Para a análise dos dados, utilizamos o programa VARBRUL. Os resultados para a variação dos possessivos de segunda pessoa do singular apontam para algumas direções. Há uma relação entre os pronomes pessoais *tu* e *você* e os pronomes possessivos *teu* e *seu*, uma vez que o primeiro grupo selecionado significativo foi o *paralelismo formal*. Quanto aos fatores sociais, as mulheres tendem a utilizar mais o possessivo *teu* (há indícios, portanto, de que este possessivo tenha prestígio, naquelas regiões, embora o possessivo *seu* seja isento de estigma). Outro grupo selecionado significativo é a *escolaridade*, com maior tendência ao uso do possessivo *teu* pelos informantes de nível ginásial. As questões de *poder* e *solidariedade* entre os interlocutores também estão em jogo na variação destes possessivos. Os resultados mostram, por exemplo, que o pronome *teu* é mais usado nas relações simétricas ou nas assimétricas de superior para inferior, enquanto *seu* é mais usado nas relações de inferior para superior. Além disso, os mais jovens tendem a utilizar o possessivo *teu*, ou seja, tendem a utilizar mais a forma solidária, o que corrobora a hipótese de Brown e Gilman (2003) sobre as alterações que vêm ocorrendo nas sociedades modernas.

Palavras-chave: sociolingüística, variação, pronomes possessivos de segunda pessoa, Varsul.

ABSTRACT

In this dissertation we analyze the ‘teu/seu’ (your) singular second person possessive pronoun variation in the cities of Blumenau, Chapecó, Flores da Cunha, Florianópolis, Lages, Panambi, Poto Alegre and São Borja. We take into consideration not only the linguistic but also the social aspect of the variation in the light of both the theoretical assumptions of the variation sociolinguistics (WEINREICH, LABOV AND HERZOG, 1968; LABOV 1972) and the Brown and Gilman’s proposal in ‘The Pronouns of Power and Solidarity’ (2003). The data have been collected from 192 interviews belonging to the VARSUL (Urban Linguistic Variation in South Brazil) data basis, which have been stratified according to the variables ‘age’, ‘sex’, ‘schooling’ and ‘place of residence’(which is associated with etnical group). For the data analysis we have used the VARBRUL program. The research results point out to some directions. The first significant selected group, named ‘formal parallelism’, has indicated a relationship between the personal pronoun ‘tu/você’ (you) and the possessive pronoun ‘teu/seu’ (your). As to the social factors, women tend to make more frequent use of the possessive ‘teu’ (which may indicate that this possessive enjoys prestige although the possessive ‘seu’ incurs no stigma). Another significant selected group is ‘schooling’, which has shown that also secondary school informantes have a tendency to use the possessive ‘teu’. Questions of power and solidarity also play a part in possessive variation. The research results have shown, for instance, that the pronoun ‘teu’ is more used both in symmetrical relations and in asymmetrical relations from superior to subordinate while ‘seu’ is more used in relations from subordinate to superior. Besides, the youth tend to utilize the possessive ‘teu’, that is, the solidarity form of the pronoun, which corroborates Brown and Gilman’s hypothesis (2003) about the changes which have been occurring in modern societies.

Key-words: sociolinguistics, variation, second person possessive pronoun, Varsul.

LISTA DE QUADROS, TABELAS E GRÁFICO

Quadro 1: Paradigma dos pronomes pessoais e possessivos	14
Quadro 2: Paradigma dos pronomes pessoais e possessivos	16
Quadro 3: Paradigma dos pronomes pessoais e possessivos	22
Quadro 4: Pronomes pessoais e possessivos do PB referente ao sistema pronominal em uso	31
Quadro 5: Pronomes possessivos do dialeto carioca	32
Quadro 6: Pronomes possessivos para o dialeto pessoense	33
Quadro 7: Distribuição dos pronomes possessivos e das formas genitivas de + N	36
Quadro 8: A distribuição dos pronomes de tratamento em algumas línguas	56
Quadro 9: As relações assimétricas na sociedade colonial latino-americana	60
Quadro 10: Distribuição da amostra dos informantes de acordo com as células sociais	67
Quadro 11: Distribuição dos informantes quanto ao uso dos pronomes pessoais ao longo da entrevista	115
Tabela 1: Distribuição de terceira e segunda pessoa no dialeto do Rio de Janeiro	17
Tabela 2: Distribuição das formas de tratamento nos três estados	30
Tabela 3: Alternância de pronomes em Flores da Cunha, Panambi e São Borja	89
Tabela 4: Frequência e probabilidade de uso do possessivo <i>teu</i> segundo a variável paralelismo formal (input: 0,97)	90
Tabela 5: Frequência e probabilidade de uso do possessivo <i>teu</i> segundo a variável relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores (input: 0,97)	94
Tabela 6: Frequência e probabilidade de uso do possessivo <i>teu</i> segundo a variável <i>pessoa a quem se reporta</i> (input: 0,97)	97
Tabela 7: Cruzamento entre a variável <i>relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores e pessoa do discurso reportado</i>	99
Tabela 8: Cruzamento entre a variável <i>paralelismo formal e grau de familiaridade entre os interlocutores</i>	101
Tabela 9: Cruzamento entre a variável <i>paralelismo formal e pessoa do discurso reportado</i> ..	103
Tabela 10: Frequência e probabilidade de uso do possessivo <i>teu</i> segundo a variável <i>sexo</i> (input: 0,97)	104
Tabela 11: Frequência e probabilidade de uso do possessivo <i>teu</i> segundo a variável <i>faixa etária</i> (input: 0,97)	106
Tabela 12: Cruzamento entre as variáveis <i>sexo e idade</i>	108
Tabela 13: Frequência e probabilidade de uso do possessivo <i>teu</i> segundo a variável <i>escolaridade</i> (input: 0,97)	109
Tabela 14: Cruzamento entre a variável <i>paralelismo formal e a escolaridade</i>	110
Tabela 15: Cruzamento entre as variáveis <i>escolaridade e idade</i>	111
Tabela 16: Cruzamento entre as variáveis <i>sexo e escolaridade</i>	111
Tabela 17: Frequência de uso do possessivo <i>teu</i> segundo a variável <i>localidade</i>	112
Tabela 18: Frequência de uso do possessivo <i>teu</i> segundo a variável <i>localidade</i> com as cidades amalgamadas	113
Tabela 19: Frequência de uso do possessivo <i>teu</i> segundo a variável <i>alternância dos pronomes tu e você</i> ao longo da entrevista	114
Gráfico 1: Distribuição dos possessivos <i>teu</i> e <i>seu</i> em nossa amostra	88

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O FENÔMENO EM ESTUDO	13
1.1 OS PRONOMES POSSESSIVOS	13
1.1.1 A visão tradicional	13
1.1.2 Os estudos lingüísticos	15
1.2 A INSERÇÃO DO <i>VOCÊ</i> NO PARADIGMA PRONOMINAL	24
1.3 OS PRONOMES PESSOAIS DE 2ª PESSOA NA REGIÃO SUL DO BRASIL	26
1.4 OS POSSESSIVOS DE SEGUNDA PESSOA	32
1.4.1 As possíveis formas de realização para a 2ª pessoa	35
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	38
2.1 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA	38
2.1.1 A heterogeneidade	38
2.1.2 A comunidade de fala	41
2.1.3 O vernáculo	42
2.1.4 Os problemas da sociolingüística	43
2.1.5 Variáveis, variantes e regra variável	46
2.1.5.1 Variáveis e variantes	46
2.1.5.2 A regra variável dos possessivos de 2ª pessoa do singular	47
2.2 A VARIAÇÃO ESTILÍSTICA	49
2.3 A SEMÂNTICA DO PODER E DA SOLIDARIEDADE	55
3 METODOLOGIA	64
3.1 O PROJETO VARSUL	64
3.2 A AMOSTRA UTILIZADA	66
3.3 SUPORTE QUANTITATIVO	68
3.4 LEVANTAMENTO DOS DADOS	68
3.5 O ENVELOPE DE VARIAÇÃO	68
3.5.1 A variável dependente	69
3.5.2 Variáveis independentes lingüísticas e estilísticas	69
3.5.2.1 Pessoas do discurso	70
3.5.2.2 Paralelismo formal	70
3.5.2.3 Alternância dos pronomes tu e você nas entrevistas	72
3.5.2.4 Animacidade do referente	73
3.5.2.5 Posição do pronome em relação ao nome	74
3.5.2.6 Tipo de discurso	74
3.5.2.7 Discurso reportado	76
3.5.2.7.1 Pessoa do discurso reportado	77
3.5.2.7.2 Relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores	79
3.5.2.7.3 Interlocução entre as pessoas do discurso reportado	80

3.5.3 Variáveis independentes sociais	81
3.5.3.1 Faixa etária	81
3.5.3.2 Sexo	82
3.5.3.3 Escolaridade	84
3.5.3.4 Região/ Etnia	85
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	87
4.1 ANÁLISE GERAL	87
4.2 VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS DE ORDEM SINTÁTICO-SEMÂNTICAS	89
4.2.1 Paralelismo Formal	89
4.3 VARIÁVEIS ESTILÍSTICO-DISCURSIVAS	92
4.3.1 Relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores	92
4.3.2 Pessoa do discurso reportado	96
4.4 VARIÁVEIS SOCIAIS	104
4.4.1 Sexo do informante	104
4.4.2 Faixa etária do informante	105
4.4.3 Escolaridade	108
4.4.4 Localidade	112
4.4.4.1 Alternância dos pronomes tu e você ao longo da entrevista	114
CONCLUSÃO	116
REFERÊNCIAS	119
ANEXOS	124

INTRODUÇÃO

Neste estudo, analisamos a variação dos *pronomes possessivos de segunda pessoa do singular (teu/seu)*¹ no português falado na região Sul do Brasil, conforme ilustra o exemplo abaixo:

(1)Então ele (Sr. Sabadim) diz: “Djaime, a hora que tu quiseres vem aqui, ó, tem vinho aqui, nem que tu chegues aqui e diz: “O Seu Sabadim, eu quero só tomar vinho **seu**, nem quero falar com o Senhor”. Ele diz assim, né?: “Eu fico sentado no **teu** lado então, ali, só pra ver você tomar o vinho”. (SCCHP18L302)

No exemplo (1), podemos visualizar a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa *teu* e *seu* e a variação dos pronomes pessoais de segunda pessoa *tu*, *você* e *o Senhor*.

Utilizamos para a análise do fenômeno 192 entrevistas pertencentes ao banco de dados do projeto VARSUL referentes às cidades de Blumenau, Chapecó, Flores da Cunha, Florianópolis, Lages, Panambi, Porto Alegre e São Borja.

Nosso objetivo central é procurar uma explicação para os diferentes usos dos pronomes *teu/seu* nas cidades analisadas, contribuindo assim para a descrição do português falado na região Sul do Brasil e do atual estágio de variação destes pronomes possessivos.

Partimos da hipótese central de que há variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa em nossos dados, sendo que o possessivo *teu* deve ser utilizado com maior frequência, uma vez que nessas regiões o pronome *tu* ainda resiste como pronome pessoal de segunda pessoa (GUIMARÃES, 1979; RAMOS, 1989; LOREGIAN, 1996; LOREGIAN-PENKAL, 2004). Além desta, formulamos outras hipóteses, as quais apresentamos a seguir:

1 – a variação é motivada socialmente:

- a) está associada ao sexo do informante: mulheres utilizam mais a forma *teu*;
- b) está associada à idade do informante: os mais jovens utilizam mais a forma *teu*;

¹ Doravante, quando usarmos *teu/seu* estaremos nos referindo também às suas flexões, no feminino e no plural.

c) está associada à escolaridade: quanto mais anos de escolarização menor o uso de *tu* e *seu/ você* e *teu*.

d) está associada à localidade: quanto mais a localidade utilizar o pronome *tu* maior será o uso de *teu*.

2 – é motivada lingüisticamente:

a) está associada ao *paralelismo formal*: quanto maior o uso de *tu* maior o de *teu*;

b) está associada à posição do possessivo em relação ao nome: *teu* deve vir anteposto ao nome;

c) está associada ao tipo de discurso (genérico ou específico): os discursos específicos devem preferir o possessivo *teu*;

3 – é motivada estilisticamente:

a) o que está regendo a variação dos possessivos *teu* e *seu* são as questões de *poder e solidariedade* existentes entre os interlocutores;

b) o possessivo *teu* deve ser mais utilizado nas relações simétricas e nas relações assimétricas de superior para inferior;

c) quanto ao *discurso reportado*, esperamos encontrar a forma *seu* nos discursos de pessoas não-próximas.

Esta dissertação está estruturada da seguinte maneira: no primeiro capítulo, apresentamos alguns trabalhos relevantes sobre os pronomes possessivos e sobre os pronomes pessoais *tu* e *você*, pois acreditamos que a variação dos possessivos *teu/seu* está correlacionada à variação dos pronomes pessoais *tu* e *você*. No segundo capítulo, trazemos para discussão os pressupostos teóricos em que está pautada esta dissertação. No terceiro capítulo, a metodologia utilizada pela sociolinguística variacionista. No quarto capítulo, apresentamos e discutimos os resultados encontrados na análise estatística. No quinto capítulo, retomamos os principais resultados obtidos e mostramos algumas limitações deste trabalho.

1 O FENÔMENO EM ESTUDO

Neste capítulo, apresentamos alguns estudos já realizados sobre o uso dos pronomes possessivos no português e fazemos uma breve introdução a respeito da maneira pela qual o pronome pessoal *você* passou a integrar o paradigma pronominal do português. Também apresentamos estudos sobre a alternância dos pronomes *tu* e *você* na região Sul do Brasil, e estudos sobre os possessivos de segunda pessoa.

A entrada do pronome *você* como pronome íntimo de segunda pessoa é importante, pois, segundo Oliveira e Silva (1998, p.171), a inserção deste pronome ocasionou uma *convulsão* no sistema pronominal do português, a partir daí houve a migração das formas pronominais da terceira pessoa para a segunda pessoa, dentre elas, o possessivo *seu*, ocasionando assim, a variação dos possessivos *teu* e *seu*.

1.1 OS PRONOMES POSSESSIVOS

Começamos a seção apresentando a visão da gramática tradicional (normativa) sobre os pronomes pessoais e possessivos da língua portuguesa, seguindo-se dos estudos lingüísticos sobre eles, para então podermos traçar um paralelo entre o que a gramática prescreve – e, conseqüentemente, as escolas ensinam – e o que realmente se utiliza na língua falada.

1.1.1 A visão tradicional

Nesta seção, apresentamos a visão de Said Ali (1969)¹ sobre os pronomes pessoais e possessivos, seguido de Rocha Lima (1983) e Cunha (1986).

¹ É necessário ressaltar que Said Ali é um gramático anterior à NGB e, portanto, sua gramática não é ensinada na escola.

Para Said Ali (1969, p. 61), o pronome “é a palavra que denota o ente ou a êle se refere, considerando-o apenas como pessoa do discurso”. Para o autor, os pronomes pessoais denotam as três pessoas do discurso: o indivíduo que fala (1ª pessoa), o indivíduo com quem se fala (2ª pessoa) e a pessoa ou coisa de que se fala (3ª pessoa). E ainda segundo ele, os pronomes possessivos designam a noção de posse em referência às três pessoas do discurso (SAID ALI, 1969, p. 63).

Abaixo, apresentamos o seguinte paradigma para os pronomes pessoais e possessivos, segundo Said Ali:

Quadro 1: Paradigma dos pronomes pessoais e possessivos

	FORMAS DE SUJEITO ²	POSSESSIVOS
Singular 1ª pessoa	eu	meu, minha, meus, minhas
2ª pessoa	tu	teu, tua, teus, tuas
3ª pessoa	êle, ela	seu, sua, seus, suas
Plural 1ª pessoa	nós	nosso, nossa, nossos, nossas
2ª pessoa	vós	vosso, vossa, vossos, vossas
3ª pessoa	êles, elas	seu, sua, seus, suas

Fonte: Said Ali (1969, p. 62-3).³

Mesmo colocando o pronome *tu* no paradigma pronominal, Said Ali salienta que o seu uso é muito limitado: “No trato familiar, é admissível havendo muita intimidade ou liberdade” (SAID ALI, 1969, p. 62). Segundo ele, a forma *tu*, no Brasil, está sendo desbancada pelo *você*, sendo o plural, tanto de *tu* como de *você* a forma *vocês* e não *vós*, pois este, segundo ele, já caiu em desuso⁴.

No paradigma apresentado por Said Ali, o possessivo *seu* refere-se tanto à terceira pessoa do singular como do plural, e o autor afirma que este pronome se aplica para referência à pessoa com quem se fala, correspondendo ao *você*, *o senhor*, *vossa senhoria*, etc.

Rocha Lima (1983, p. 98-101) utiliza a mesma definição apresentada por Said Ali para os pronomes. Nesta gramática, só é apresentado o paradigma tradicional (*meu*, *teu*, *seu*,

² O autor também se refere a formas *retas*, nos exemplos citados por ele, estes pronomes eram os sujeitos da oração.

³ Adaptação nossa.

⁴ O *vós* mantém-se em preces, “no estilo oratório, na poesia, na linguagem de ficção, falando de seres inanimados, e no estilo oficial” (SAID ALI, p. 62).

nosso, vosso, seu), sem nenhuma menção ao possessivo *seu* na segunda pessoa ou *dele* na terceira pessoa⁵.

Cunha (1986) apresenta o paradigma dos pronomes pessoais e possessivos com as mesmas formas do paradigma proposto por Said Ali (1969), no quadro 1 acima; por este motivo, não o reproduziremos. Cunha faz referência ao uso do pronome *você* como forma de tratamento íntimo e *o senhor* para o tratamento respeitoso ou de cortesia. Cunha (1986), como Said Ali (1969), faz referência ao uso do possessivo *seu* para segunda pessoa e *dele* para a terceira pessoa.

A partir dos estudos apresentados acima, constatamos que os autores mencionam o *você* como pronome de segunda pessoa, mas não o colocam no paradigma dos pronomes pessoais. Said Ali (1969) e Cunha (1986) colocam o possessivo *seu* como pertencente à segunda e à terceira pessoa, ocasionando a ambigüidade.

A seguir, passamos a apresentar os estudos lingüísticos sobre os pronomes possessivos.

1.1.2 Os estudos lingüísticos

Para Camara Jr. (2002), os pronomes se constituem na interação falante-ouvinte. Os pronomes de primeira e segunda pessoa fazem parte do eixo falante-ouvinte, os de terceira pessoa ficam fora deste eixo.

Camara Jr. (2002, p. 119-20) aponta *você* como tratamento íntimo e *o(a) senhor(a)* como um tratamento mais cerimonioso, ficando o verbo na terceira pessoa, no dialeto culto da área do Rio de Janeiro. O autor salienta que com o uso do *você*, como tratamento de intimidade num registro informal, é introduzida a forma adverbial *te* ao lado de *o, a* ou *lhe*, ficando o *te* intercambiável com estas duas. Segundo o autor, a série *tu, te, ti, contigo* persiste com finalidade puramente estilística, ao lado de *você*.

Diante disso, Camara Jr. (2002) propõe o seguinte paradigma pronominal, válido para a língua escrita e a língua oral “formulada”, o qual o nosso ensino escolar adota⁶:

⁵ O autor faz uma breve menção ao *você(s)* para o tratamento familiar.

⁶ Esta informação é válida para o paradigma dos pronomes pessoais.

Quadro 2: Paradigma dos pronomes pessoais e possessivos

	Pronomes pessoais	Pronomes possessivos
P 1	eu	masc.: <i>me + o = meu</i> ; pl.: + /S/; fem.: * /miN/ <i>minh + a = minha</i> ; pl.: + /S/
P 2	você, o senhor (fem. a senhora), tu	masc.: <i>te + o = teu</i> ; pl.: + /S/; fem.: * <i>tu + a = tua</i> ; pl.: + /S/
P 4	nós	masc.: * /nòS/ + <i>o = nosso</i> ; fem.: + <i>a</i> ; pl.: + /S/
P 5	Primeira série de P 2 + /S/	masc.: * /vòS/ + <i>o = vosso</i> ; fem.: + <i>a</i> ; pl.: + /S/
P 3	ele (-a)	masc.: <i>se + o = seu</i> ; pl.: + /S/;
P 6	P 3 + /S/.	fem.: <i>su + a = sua</i> ; pl.: + /S/

Fonte: Camara Jr. (2002, p. 120-1).⁷

Segundo Camara Jr. (2002), as formas possessivas de P 5 persistem no tratamento formal ao ouvinte como *Vossa Alteza*, *Vossa Excelência*, *Vossa Senhoria*, etc.

Para os pronomes *seu(s)/ sua(s)*, reproduzimos as palavras do autor:

Elimina-se, porém, nos demais tratamentos do ouvinte na terceira pessoa verbal. A série P 3, 6 – *seu, sua, seus, suas* é o adjetivo correspondente ao ouvinte como determinante: *sua decisão* (a decisão de Vossa Excelência); *sua opinião* (a opinião do *senhor professor*); *seu livro* (*o livro do senhor, ou de você*). Daí decorre uma ambigüidade incômoda com a série *seu* para P 3, 6, propriamente ditos (*sua opinião = a opinião dele* ou *deles*). O resultado na língua coloquial e mesmo na língua escrita em registro pouco formal é a eliminação da série *seu* para P 3, 6 e sua substituição neste caso por *dele* etc., ou seja, o pronome pessoal substantivo de P 2, 6 sob a regência da preposição *de* (CAMARA JR., 2002, p. 121).

No fragmento acima, Camara Jr. se refere à ambigüidade que gira em torno do possessivo *seu*, por sua possível referência à segunda e à terceira pessoa. Muitas vezes pela dificuldade de recuperação do referente, os falantes optam por utilizar, quando há referência à terceira pessoa, a forma *dele*, abrindo caminho para que o possessivo *seu* seja o possessivo de segunda pessoa.

Abaixo, reproduzimos um diálogo de Cebolinha (n. 47, p. 61), apresentado por Oliveira e Silva (1984, p. 60), que ilustra bem a ambigüidade no uso dos possessivos de segunda e de terceira pessoas. Nele, há três personagens, digamos Um, Dois e Três.

Um fala com Dois para abrir a boca de Três, pois este está com dor de dente:
“Abra a sua³ boca”.

Dois entende (o que é esperado) que é para abrir a sua própria boca, o que ele faz. Um, então, diz:

⁷ Adaptação nossa.

“Não a sua² boca, a dele³”.

Se *seu* servisse igualmente para as duas pessoas, deveríamos poder encontrar, indiferentemente:

? “Não a sua² boca, a sua³”.

Ou querendo evitar ambigüidade:

? “Não a boca de você², a sua³”.

sendo *sua* para a terceira pessoa.

Neste fragmento, podemos visualizar a ambigüidade gerada pelo possessivo *seu* na língua falada. Por esta razão, os falantes dão preferência à forma *dele*, eliminando a ambigüidade do enunciado (OLIVEIRA E SILVA, 1984).

Oliveira e Silva (1982 apud MENUZZI, 1996), em seu estudo sociolinguístico sobre as formas possessivas de segunda e de terceira pessoa no Rio de Janeiro, encontrou os seguintes resultados em seu *corpus*:

Tabela 1: Distribuição de terceira e segunda pessoa no dialeto do Rio de Janeiro

	3ª pessoa		2ª pessoa		
	Seu	Dele	Seu	Teu	De você/ do senhor
Fala	25%	75%	92%	1,6%	6,4%
Escrita	86%	14%	-	-	-

Fonte: Oliveira e Silva (1982, p. 179 e 196 apud MENUZZI, 1996, p. 2).

Com base na tabela acima, constata-se que, na fala do Rio de Janeiro, o possessivo *seu* já é o possessivo de segunda pessoa, com 92% dos dados. Este resultado é interessante, pois a partir deste percentual (92%), temos evidências de que no dialeto estudado, o possessivo *seu* já passa a ser o possessivo quase exclusivo da segunda pessoa, enquanto a mesma forma (*seu*) na terceira pessoa ainda é favorecida na língua escrita, com 86% dos dados.

A seguir, apresentamos brevemente alguns estudos realizados sobre os pronomes possessivos de terceira pessoa.

Oliveira e Silva (1982 apud OLIVEIRA E SILVA, 1991), estudando *corpora* escritos – onde é mais freqüente a forma *seu* do que em *corpora* orais –, verificou que na variação entre *seu* e *dele* estariam envolvidos fatores que têm por propriedade minimizar a ambigüidade causada pelas várias aplicações de *seu* em português (segunda e terceira pessoa do singular e plural). A autora, analisando *corpora* dos séculos XV, XVI e XVII, constatou

que o fato de o possuidor⁸ ser *humano* favorecia muito o uso da forma *seu*. Já no século XVIII, segundo ela, houve alteração total desse comportamento: a forma *dele* passou a ser atribuída a *humanos*, e *seu* a *objetos*.

No trabalho de 1991 Oliveira e Silva verifica a influência do fator “definitude” (*definiteness*) através do comportamento do uso variável dos possessivos de terceira pessoa *seu/dele*. Afirma que, em seus resultados, um possuidor, chamado de um modo vago de “indefinido”, fomenta o uso de *seu*, conforme ilustra o exemplo abaixo (OLIVEIRA E SILVA, 1991, p. 90):

(2) *Todo mundo* teve que ir requerer as *suas* luzi, né? (C040177)

A autora afirma também que a total definição do possuidor inibe quase totalmente a forma *seu*, conforme o exemplo abaixo:

(3) (falando da cantora Gretchen) *Ela* agita a música *dela*, sabe? (C64252)

Os resultados da autora⁹ apontam o uso categórico do possessivo *seu* quando o sintagma nominal antecedente é totalmente geral, e pouquíssimas ocorrências (14 de um total de 924 ocorrências, correspondente a 1,44%) quando o possuidor é totalmente definido, favorecendo assim a forma *dele*¹⁰.

Negrão e Müller (1996) apresentam resultados de uma pesquisa realizada por Almeida (1993 apud NEGRÃO e MULLER, 1996) com dados do Projeto NURC do estado de São Paulo. Para as autoras, as formas possessivas de terceira pessoa estão se especializando segundo o eixo semântico de referencialidade, com especialização do possessivo *seu* na recuperação de SNs¹¹ não-referenciais. Os resultados de Almeida corroboram os de Oliveira e Silva ao mostrar que o possessivo *seu* retoma sintagmas *genéricos*¹² (94% das ocorrências),

⁸ A relação possessiva envolve pelo menos um *possuidor* e um *possuído* na situação. Apresentamos um exemplo bem simples: Tu tens *teu* carro. Neste exemplo o possuidor é *tu* e o possuído é o *carro*. Oliveira e Silva (1984) apresenta uma discussão sobre diferentes combinações entre possuidores e possuídos.

⁹ Oliveira e Silva (1991) utiliza os dados do *corpus Censo*, não constando universitários. Seis entrevistas do NURC de São Paulo, 24 entrevistas do NURC do Rio de Janeiro e 18 entrevistas do MOBREAL. Esse estudo centrou-se nas variáveis relacionadas à definitude.

¹⁰ Oliveira e Silva estudou amplamente os possessivos de terceira pessoa, no entanto, neste trabalho só nos referimos aos resultados mais significativos encontrados pela autora.

¹¹ SN é a abreviação de sintagma nominal.

¹² Sintagmas nominais que têm por referência uma classe e não um ou mais indivíduos ou entidades específicas.

conforme exemplo (4) abaixo¹³, enquanto que sintagmas *específicos*¹⁴ são quase sempre retomados pela forma *dele* (76% das ocorrências), conforme exemplo (5) abaixo:

(4) “(...) **o telégrafo** vai até perdendo *sua* importância” (NURC/SP);

(5) “(...) foi a primeira peça que o **Ziembinski** apresentou em toda a vida *dele* na carreira *dele...*” (NURC/SP).

No estudo de Arduin e Coelho (2003), com dados de 16 entrevistas da cidade de Florianópolis extraídas do Banco de Dados do Projeto VARSUL, sobre as formas possessivas de terceira pessoa *seu(s)/sua(s)* e *dele(s)/dela(s)* e sua relação com o tipo semântico do antecedente, os resultados estatísticos revelaram que houve forte predomínio do uso do possessivo *dele* referindo-se à terceira pessoa. Em um universo de 333 dados, foram encontradas 292 ocorrências com o pronome *dele*, o que corresponde a 88% dos dados, e apenas 41 ocorrências realizadas com o possessivo *seu*¹⁵, correspondendo a 12% dos dados.

Os grupos de fatores que foram considerados significativos, neste trabalho, pelo programa estatístico VARBRUL, obedeceram à seguinte ordem de relevância: forma de realização do SN antecedente e traço semântico de animacidade do possuidor. Novamente, a forma *seu* é favorecida por sintagmas totalmente gerais (genéricos) e com traço semântico [-animado], conforme ilustra o exemplo abaixo:

(6) Então eu acho que é aceitável que **todos** tivessem o *seu* dinheiro aplicado. (SCFLP21L533)¹⁶.

Com base neste trabalho, temos evidências de que a forma *seu* está sendo usada em Florianópolis como forma de terceira pessoa apenas em contextos genéricos, havendo uma forte tendência ao uso do possessivo *dele* para a terceira pessoa nos outros tipos de contextos.

Vale destacar que a ambigüidade da forma *seu* não ocorre somente na língua portuguesa, mas também na língua espanhola, como podemos constatar no texto abaixo,

¹³ Exemplos das autoras.

¹⁴ Por sintagmas nominais específicos as autoras classificaram nomes próprios e sintagmas nominais com referência específica.

¹⁵ Acreditamos que é baixo o número de ocorrências para qualquer generalização, no entanto, por limitações de tempo não pudemos ampliar o *corpus*. Mas qualitativamente as ocorrências responderam às nossas expectativas.

¹⁶ Essas informações equivalem à localização do exemplo no banco de dados do Projeto VARSUL. Primeiramente aparece o Estado (SC: Santa Catarina; RS: Rio Grande do Sul), depois a cidade (BLU: Blumenau; CHP: Chapecó; FLC: Flores da Cunha; FLP: Florianópolis; LGS: Lages; PAN: Panambi; POA: Porto Alegre; SOB: São Borja), na seqüência o número da entrevista e logo após a linha (L) e o número da mesma.

retirado do livro didático de espanhol para brasileiros Hacia el español (BRUNO e MENDOZA, 2000):

Tuteo¹⁷

Javier Ortiz es el director de una importante empresa del sur de España que fabrica muebles. El jefe del personal llama un día a la puerta de su despacho:

- Buenos días, señor director.
- Buenos días. ¿Qué pasa?
- Algo muy grave, señor director. Se trata del Sr. Galindo, el cajero... Tengo que darle a usted una mala noticia.
- Diga, ¿qué ha pasado?
- Bueno, pues mire usted...
- Vamos hombre, dígame de que se trata.
- Pues... el señor Galindo... diez minutos antes de acabar el trabajo ha cogido **su**¹⁸ coche, ha ido a **su** casa, se ha comido **su** comida, se ha tomado **su** vaso de whisky y se ha ido a bailar con **su** mujer...
- Vamos hombre, no es para tanto, por diez minutos...
- Bueno, verá... ¿Puedo tutear a usted?
- ¿Tutearme? Pues claro. Hágalo.
- Pues mira, Javier, el señor Galindo, diez minutos antes de terminar el trabajo, ha cogido **tu** coche, ha ido a **tu** casa, se ha comido **tu** comida, se ha tomado **tu** vaso de whisky y se ha ido a bailar con **tu** mujer.¹⁹

Neste texto, a ambigüidade fica evidente, pois enquanto o empregado estava tratando o chefe por *senhor* e utilizando o possessivo *seu*, o chefe não conseguia entender que se tratava dele mesmo, isto é, da sua mulher (mulher do chefe). Quando o empregado passou a tratar o chefe por *tu*, utilizando o possessivo *teu* (isento de ambigüidade), o chefe conseguiu entender o enunciado.

Em espanhol, ocorre algo semelhante ao português. Há uma maneira formal de se dirigir ao interlocutor, qual seja, *usted*, e duas informais, *tú* e *vos*. Esta última só é utilizada em alguns países hispano-americanos: Argentina, Uruguai, parte do Paraguai, na fala coloquial de alguns países do Caribe e América Central e uma parte da América do Sul²⁰ (BRUNO e MENDOZA, 2000, p. 38). O uso destas formas parece que se assemelha ao português falado no Sul do Brasil, em que a forma *tu* é informal, familiar, e a forma *você* se caracteriza por ser mais formal, aproximando-se do pronome espanhol *Usted*.

¹⁷ *Tutear*, em espanhol é tratar por *tu*, é manter um tratamento informal (BRUNO e MENDOZA, 2000, p. 37).

¹⁸ Grifos nossos.

¹⁹ Adaptado de Masoliver, Hakanson e Beek (1986) por Bruno e Mendoza (2000, p. 48).

²⁰ Estamos tratando de maneira geral a questão do uso de *tú* e *vos*, sem nos deter em particularidades dos dialetos.

Segundo as autoras, há diferenças quanto ao prestígio social entre *tú* e *vos* nos países citados acima. A Argentina é o único país onde se utiliza o *vos* sem conotação social, sendo usado inclusive em meios de comunicação.

O tratamento com *Usted* é formal tanto na Espanha como na América espanhola. Segundo Bruno e Mendoza (2000, p. 38), “se usa cuando hay poca intimidad entre los hablantes o cuando el hablante se encuentra en situación comunicativa que exige formalidad como: entre jefe y empleado, entre personas desconocidas, jóvenes dirigiéndose a personas de edad, etc.”

Portanto, em espanhol, à semelhança do português, o uso dos pronomes pessoais *tú* e *usted* afeta também o uso dos possessivos, pois há a mesma ambigüidade do português no que se refere ao uso do possessivo *seu*. Segundo Hermoso, Cuenot e Alfaro (2000, p. 46), há ambigüidade no possessivo de terceira pessoa, como pode ser observada na frase *Hemos visitado su casa*, descrita abaixo:

*Hemos visitado*²¹ *su casa* (la de usted).
Hemos visitado su casa (la de ustedes).
Hemos visitado su casa (la de él).
Hemos visitado su casa (la de ella).
Hemos visitado su casa (la de ellos).
Hemos visitado su casa (la de ellas).

A correspondência entre *su casa* e o pronome entre parênteses indica que o possessivo *seu* pode se referir, naquela língua, à segunda pessoa formal no singular e no plural e à terceira pessoa do singular e do plural.

De acordo com Faraco (1996, p. 55), há um traço particular nas línguas da Península Ibérica. Segundo o autor, a forma *Vossa Mercê/Vuestra Merced* evoluiu

ao ponto de gerar um novo pronome de segunda pessoa (*você/usted*), com sua contraparte plural (*vocês/ustedes*). Esse fato teve diferentes repercussões no interior das gramáticas daquelas línguas. O novo elemento gramatical, em razão de sua principal característica (pronome de segunda pessoa do discurso, mas estabelecendo concordância com a terceira pessoa verbal) – característica que o colocou em forte contraste com os pronomes antigos (que estabeleciam concordância com a segunda pessoa verbal) desencadeou diferentes rearranjos nos sistemas verbal e pronominal das línguas em questão [...] (FARACO, 1996, p. 55)²².

Outro estudo relevante sobre os pronomes possessivos no português é o de Perini (1985), que tenta explicar sob a ótica funcional o surgimento do sistema pronominal do

²¹ *Hemos visitado* corresponde em português a *visitamos*.

²² Retomaremos a discussão da entrada do *você* na Seção 1.2, a seguir.

português coloquial da parte central do país: Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, Goiás, São Paulo e algumas outras áreas. O autor admite que, na região Sul e na região Norte, o sistema é diferente do usado na região central do país.

Perini (1985, p. 4-5) apresenta os seguintes sistemas referentes aos pronomes pessoais e possessivos²³:

Quadro 3: Paradigma dos pronomes pessoais e possessivos²⁴

	(1) Pronomes pessoais do português coloquial ou do padrão	(2) Pronomes possessivos associados aos pronomes pessoais referentes ao português padrão ²⁵	(3) Sistemas de possessivos para o português coloquial da região central do País
Singular 1ª pessoa	Eu	meu	meu
2ª pessoa	Você	seu	seu
3ª pessoa	ele/ ela	seu	dele
Plural 1ª pessoa	Nós	nosso	nosso
2ª pessoa	Vocês	seu	de vocês
3ª pessoa	eles/elas	seu	deles

Fonte: Perini (1985).²⁶

Como se pode observar no quadro 3, no português padrão há apenas uma forma para marcar a segunda e a terceira pessoas, causando muitas vezes ambigüidade. Na linguagem escrita, é possível manipular o contexto para que a ambigüidade seja eliminada. Nas palavras de Perini (1985, p. 5):

A língua coloquial livrou-se da ambigüidade do pronome *seu* permitindo que a mesma se especializasse como uma forma possessiva de *você*, exclusivamente. Ou seja, na língua coloquial um sintagma como *seu pai* significa apenas o pai da pessoa designada como *você* (isto é, corresponde ao europeu *teu pai*)²⁷; nunca significa o pai da(s) pessoa(s) designada(s) como *ele*, *eles* ou *vocês*. As partes que resultam

²³ Adaptação nossa.

²⁴ Perini não menciona em que *corpus* está pautado para fazer as afirmações presentes neste artigo.

²⁵ Segundo Perini (1985, p. 4) o “português padrão” é a variedade formal (em geral escrita) da língua, que é muito uniforme em todo o País.

²⁶ Adaptação nossa.

²⁷ Perini (1985) refere-se ao europeu *teu pai*, no entanto, esta forma é amplamente utilizada em muitos dialetos brasileiros inclusive em dialetos que não utilizam o pronome pessoal *tu*, como por exemplo, em Curitiba, em que há variação entre os pronomes *teu/seu* (MENON, 1996) e utilizam exclusivamente o pronome pessoal *você*. Nessa região, há variação entre os pronomes *teu/seu* (MENON, 1996), porém o pronome pessoal *você* é a forma exclusiva de segunda pessoa.

faltantes no quadro são preenchidas por sintagmas possessivos da forma *de + N*: *pai dele, pai deles, pai de vocês*.

Perini (1985, p. 7) levanta quatro questões para investigar o problema:

(a) Por que o pronome *seu* não manteve seus diversos sentidos (isto é, por que o sistema apresentado em (2) não permaneceu válido para o português coloquial)?

(b) Por que *meu* e *nosso* não foram também substituídos por construções do tipo *de + N*?

(c) Por que *seu* foi mantido em um de seus sentidos (isto é, por que não foi substituído por **de você*)?

(d) Por que *seu* foi mantido em seu sentido de 2ª pessoa do singular, que no de 3ª do singular, 2ª do plural ou 3ª do plural?

Para responder a estas, questões Perini (1985, p. 12-15) formula dois princípios:

Princípio Um: A ambigüidade deve ser evitada sempre que impedir a recuperação da pessoa gramatical referida.

Princípio Dois: Quando um sistema é alterado para atender ao Princípio Um, só se admitem alterações mínimas.

Para o autor, a primeira das quatro questões anteriormente colocadas é respondida com o *Princípio Um*, pois este princípio impediria a existência de um possessivo cuja pessoa gramatical não se pode recuperar sem ambigüidade. A segunda pergunta é respondida com o *Princípio Dois*, que estabelece que só se admitem alterações mínimas, de modo que apenas os casos ambíguos foram substituídos por construções *de + N*. A terceira questão Perini também responde com o *Princípio Dois*: segundo ele, a maneira mais econômica de evitar que os pronomes *você, vocês, ele* e *elas* se transformem todos em *seu* em construções possessivas é desmarcar todos menos um deles, de maneira que deixem de ser exceções e formem seus possessivos de modo geral, através de uma construção *de + N*. O autor afirma que é fácil mostrar que *seu* permanece em um de seus significados. Por isso, *você* continua sendo uma exceção (continua marcado), e sua forma possessiva continua *seu*, em lugar **de você*. Para a quarta pergunta, Perini diz não ter resposta satisfatória, já que os Princípios Um e Dois não ajudam nesse caso.

Kato (1985), em sua réplica a Perini (1985), diz que as formas **de você* e **de mim*, que o autor considerou agramaticais, são restrições de uso, apenas não-ocorrentes ou de baixa produtividade na língua. Ao contrário de Perini, ela admite que, na variedade usada em São Paulo os falantes utilizam formas como *teu pai, É a tua!* Ou seja, utilizam em sua fala o possessivo *teu*.

Kato (1985, p. 115) observa “que não há ambigüidade quanto à pessoa, mas sim quanto a grau de intimidade. *De você* marca inequivocamente a relação interpessoal como íntima ao passo que *seu* não é marcado quanto a isso. Ele pode ocorrer tanto com *senhor* como com *você*. A forma não-marcada é, portanto, uma forma cômoda, sobretudo quando não estamos absolutamente certos de como tratar uma pessoa. Nem sempre em situações reais de comunicação, as formas *você* ou *senhor* são necessárias, pois o português permite suprimir o sujeito pronominal. Nesses casos, o possessivo *seu* parece providencial. Em variantes nas quais tanto *seu* como *teu* ocorrem com a segunda pessoa, *seu* pode indicar maior distância e *teu* maior proximidade. De qualquer forma, *de você*, seria desnecessário”.

Em virtude de a forma *você/você(s)* ser tão importante nas mudanças pronominais ocorridas no português do Brasil, na próxima seção apresentaremos a maneira através da qual se deu sua inserção como pronome de segunda pessoa, já que, com sua entrada no paradigma pronominal, ocorreu uma mudança em todo o paradigma, passando o possessivo *seu*, como já mencionado, a se referir à segunda pessoa do singular e do plural, além de se referir à terceira pessoa do singular e do plural, acompanhando os pronomes *você(s)*.

1.2 A INSERÇÃO DO *VOCÊ* NO PARADIGMA PRONOMINAL

Segundo Faraco (1982, p. 185 apud MENON 1995a, p. 334), os pronomes *tu* e *vós* se mantiveram estáveis em Portugal até o século XIV. A partir deste século, a sociedade portuguesa sofreu muitas alterações pela expansão marítima e pelo enriquecimento do reino. Em decorrência disso, as relações sociais se alteraram, e as formas de tratamento também. Nas palavras de Faraco (1996, p. 57):

E a língua – o mais sensível indicador de mudanças sociais, nas palavras de Bakhtin/Volochinov (1973, p. 19) – não poderia deixar de se adaptar à nova realidade, fornecendo os meios verbais para a expressão dos novos fatos que, reorganizando a vida social, criavam novas situações comunicativas (à medida que estabeleciam novas possibilidades no emaranhado das relações interpessoais).

Menon (1995a, p. 334) e Faraco (1996, p. 54) afirmam que o pronome *vós* tinha duplo emprego naquele século, expressava tanto o plural de *tu*, como era usado em relações assimétricas de poder. Consistia numa forma respeitosa utilizada quando um interlocutor de posição social inferior se dirigia ao superior. O pronome *tu*, por sua vez, já era a forma utilizada por iguais ou pelo superior ao se dirigir ao inferior.

Contudo, nessa época, com o declínio do sistema feudal e a ascensão da burguesia, a forma **Vossa Mercê**, usada inicialmente, e exclusivamente, para alguém se dirigir ao rei, conheceu uma tal expansão de uso que ocasionou a criação de novas formas polidas de tratamento, calcadas sobre o mesmo modelo de **Vossa Mercê**. Decretos reais estabeleceram um uso hierarquizado dessas formas: **Vossa Majestade** para os reis; **Vossa Alteza** para os demais membros da família real; **Vossa Excelência/Vossa Senhoria** para os nobres. **Vossa Mercê**, que no primeiro momento da expansão era exigido dos inferiores ao se dirigirem aos nobres, passou a ser usado em larga escala pelo restante da sociedade, para expressar o mesmo tipo de relação social ou hierárquica – de subalterno para superior –, as classes sociais mais baixas imitando a nobreza (MENON, 1995a, p. 334).

Segundo Faraco (1996, p. 59), “a difusão de *Vossa Mercê* foi particularmente notável, com a forma adquirindo um uso social tão amplo no tratamento não-íntimo que perdeu seu valor honorífico para a aristocracia”. Faraco (1982), Nascentes (1956), Paiva Baléo (1946) (apud MENON, 1995a, p. 334) afirmam que, juntamente com a perda do papel honorífico que representava, a forma *Vossa Mercê* sofreu alterações fonéticas. Para Oliveira e Silva (1998, p. 172), o percurso foi o seguinte: *vossa mercê* => *vosmicê* => *vancê* => *você*. Embora tenham ocorrido todas essas alterações, tanto do ponto de vista semântico quanto do fonético, *você* sempre representou uma forma de se dirigir ao interlocutor. Em um primeiro momento, uma forma de inferior para superior; depois, de superior para inferior ou de igual para igual. Ou seja, de tratamento *não-íntimo* passou a ser usado em tratamento *íntimo* (MENON, 1995a).

Do ponto de vista sintático, *Vossa Mercê* era uma *locução nominal*, composta por um pronome possessivo e um substantivo, e, por este motivo, a única concordância verbal possível em português era com o verbo em terceira pessoa do singular (MENON, 1995a, p. 334). A autora afirma que um processo de *gramaticalização*²⁸ transformou a forma *vossa mercê* em pronome de segunda pessoa, criando assim uma situação de conflito entre as regras normativas de concordância, pois o verbo continuou sendo utilizado na terceira pessoa, como quando era uma locução nominal. Isso teria provocado a perda da *marca* morfológica de segunda pessoa, que passou a ter, além das formas correspondentes da segunda pessoa canônica *tu*, uma forma *não-marcada*, de flexão idêntica à de terceira pessoa, passando a serem idênticas as formas de segunda e de terceira pessoas do verbo.

Na próxima seção, passamos a apresentar resultados de estudos sobre a variação dos pronomes pessoais *tu* e *você* no Sul do Brasil.

²⁸ Ao mencionar a *gramaticalização* a autora cita os seguintes autores: Reighard (1978), e Hopper e Traugott (1993).

1.3 OS PRONOMES PESSOAIS DE 2ª PESSOA NA REGIÃO SUL DO BRASIL

Começamos este tópico apresentando os resultados de Guimarães (1979), um estudo sobre as ocorrências de *tu* e *você* na linguagem escrita de estudantes da cidade de Porto Alegre da 6ª série do 1º grau, 1ª série do 2º grau e 1º ciclo universitário. A classe cultural destes estudantes foi controlada a partir do nível de escolaridade dos pais²⁹. Foram analisadas redações de 120 estudantes; nestas redações, era exigido que se desenvolvesse um diálogo entre amigos, podendo o redator incluir-se ou não como um dos amigos.

Computadas 960 ocorrências dos pronomes *tu* e *você*, a autora constatou que o pronome *você* foi utilizado na mesma proporção que o pronome *tu*, o primeiro com 50% e o segundo com 49,17%. Portanto, ambos foram utilizados em contextos de língua escrita que denotam intimidade e familiaridade (GUIMARÃES, 1979, p. 51).

A pesquisa mostrou que o fator classe cultural não foi relevante. Quanto à escolarização, a autora verificou um crescimento no índice do emprego exclusivo do pronome escolhido na medida em que crescia o nível de escolarização, chegando a 90,91% de emprego exclusivo do *tu* e 88,24% do *você*. Com base no estudo de Guimarães (1979), constatamos que os pronomes *tu* e *você* são utilizados na cidade de Porto Alegre, o que nos motiva a supor que os pronomes possessivos *teu* e *seu* também estão em variação naquela cidade.

Seguindo os moldes da sociolinguística variacionista (LABOV, 1972), Abreu (1987) realizou um estudo com dados orais de informantes curitibanos. Os dados foram coletados mediante a apresentação de 18 fotografias de pessoas variando de 20 a 60 anos. Os informantes deveriam pedir informações, favores e/ou fazer alguma declaração aos interlocutores. Como resultado, a autora contabilizou 30,9% de ocorrências de *você*, 20,1% de ocorrências de *senhor* e 49% de ocorrências com o pronome de tratamento *zero* (ausência de pronome). Neste estudo, não houve nenhuma ocorrência do pronome *tu*. Abaixo, transcrevemos a explicação que a autora apresenta para os resultados expostos:

A ausência do pronome de tratamento se configura, por vezes, como produto do intervalo que se abre entre os valores com que são empregadas as formas **senhor e você**, os quais, pelas suas marcas de cerimônia e familiaridade, não traduzem as muitas nuances das várias fases e relações que recortam o contínuo da interação social. Nesse caso, o **pronome de tratamento-zero**, talvez se revista de uma significação capaz de identificá-lo não com um determinado tipo de relação, mas

²⁹ Foram categorizados como C1 pais e mães com nível universitário; C2 pai e/ou mãe com colegial completo; C3 pai e/ou mãe com ginásio; C4 pai e/ou mãe com primário.

sim com possíveis relações nas quais o falante não esteja, ainda, emocional ou socialmente envolvido a ponto de justificar a presença do pronome de cerimônia ou de intimidade (ABREU, 1987, p. 92).

Esta explicação encontrada por Abreu (1987) nos pareceu muito satisfatória, e inclusive remete a um dado significativo encontrado durante a coleta dos possessivos. Neste dado, o entrevistado se dirige ao entrevistador da seguinte maneira:

Fala do entrevistado: Pode chamar de tu, né? (SCFLP12L3)

Fala do entrevistador: Pode chamar, pode chamar.

Com esta pergunta feita ao entrevistador, podemos pensar que o entrevistado não se sentia à vontade para tratar o entrevistador por *tu*, e por este motivo pede permissão, talvez por esta forma lhe parecer muito informal.

Outro estudo com pronomes de segunda pessoa no Sul do Brasil foi realizado por Ramos (1989), no qual a autora analisou dados de 36 informantes florianopolitanos; dois textos literários de escritores catarinenses³⁰, quais sejam, *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*, de Franklin Cascaes, e *Arca Açoriana*, de Almiro Caldeira; além de um questionário de atitudes. Este estudo também se pautou no aparato teórico-metodológico da sociolinguística laboviana. A coleta de dados era feita mediante a apresentação de 10 fotografias de pessoas em seu local de trabalho e de pessoas surpreendidas na rua. A partir daí o informante deveria fazer uma pergunta para o interlocutor.

A autora constatou que, na fala destes informantes, há quatro formas de referência à segunda pessoa, a saber: *tu*, *você*, *o(a) senhor(a)* e o *grau zero* da forma de tratamento (sujeito omitido). Em seus resultados, houve preferência pelo *grau zero* da forma de tratamento, com 40% dos dados; seguido do pronome *você*, com 31% dos dados; o pronome *tu*, com 20% das ocorrências; e *o senhor*, com 9%. A explicação de Ramos (1989) para o alto índice de ocorrência do *grau zero* é a mesma de Abreu (1987): o *grau zero* consiste em uma maneira de o falante evitar qualquer uma das outras formas de tratamento que possam comprometê-lo tanto com a semântica do poder quanto com a de solidariedade. A explicação da autora para a baixa ocorrência de *o senhor* é a de que as fotografias apresentadas não propiciaram seu uso.

³⁰ Foram escolhidos textos de autores catarinenses visto poder se evidenciar na linguagem de suas personagens o emprego das formas (RAMOS, 1989, p. 38).

Abaixo, reproduzimos uma das respostas encontradas por Ramos (1989, p. 44-5) com a aplicação do questionário de atitudes:

– Geralmente a gente usa mais o pronome de tratamento *tu*. Acho que por cultura mesmo que todo mundo fala assim. A maior parte do pessoal. É costume aqui da Ilha. Geralmente cidade mais serrana usa um jeito de falar mais correto, eu acho: *você*. O pessoal do litoral é mais aberto. *Você* é um negócio muito formal. É mais educado também, eu diria. Depende de quanto tempo conhece a pessoa. Com pessoal de fora fica meio rude, informal demais usar o *tu*. Em casa, a gente tá falando todo dia; a gente conhece melhor e não precisaria usar um jeito mais refinado. É mais informal, bem íntimo. Eu diria que usar o *tu* as pessoas ficam mais soltas para conversar do que *você*.

Esta resposta encontrada no questionário de atitudes por Ramos (1989) é muito interessante, pois mediante este questionário pode-se perceber a consciência que os falantes possuem das formas lingüísticas que utilizam e que devem utilizar, e as conseqüências que o uso de diferentes formas causam, como a própria entrevistada diz: “Eu diria que usar o *tu* as pessoas ficam mais soltas para conversar do que *você*”. Segundo Ramos (1989, p. 46), as opiniões expressadas no questionário de atitudes convergem para a seguinte correlação:

	TU		VOCÊ
	íntimo		distante
	familiar		com estranhos
	em ambiente familiar		influência de fora
+	dos ilhéus	+	bonito
	rude		educado
	informal		formal
	coloquial		correto
	desrespeitoso		respeitoso

Esses resultados nos parecem muito interessantes e serão de suma importância para a análise do uso dos possessivos de segunda pessoa em dados da cidade de Florianópolis, por acreditarmos que há uma íntima ligação entre os pronomes pessoais e os possessivos na região Sul do Brasil.

Outro estudo sobre a variação do uso dos pronomes *tu* e *você* na fala da região Sul é o de Loregian (1996), que analisa dados do projeto VARSUL das três capitais: Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba. A autora constata que, em Porto Alegre e Florianópolis, há coocorrência de *tu* e *você* para a segunda pessoa, no entanto, há diferença relacionada à marca de concordância. Em Porto Alegre, o pronome *tu* é empregado com verbo sem a marca canônica de segunda pessoa, enquanto, na capital catarinense, a marca fica concentrada majoritariamente no verbo, com a flexão canônica de segunda pessoa. Para a cidade de Curitiba, Loregian (1996) e Menon (1996) constatam não haver ocorrência de *tu*. Este

resultado é importante para a análise dos possessivos *teu/seu*, pois segundo Menon (1996), em Curitiba há ocorrências dos pronomes possessivos *teu/seu*, mesmo sem ocorrências de *tu*.

Menon (2000) estuda as ocorrências dos pronomes de segunda pessoa *tu/você* e *o senhor*, utilizando como *corpus* a tradução brasileira do livro *Vinhas da Ira*³¹ (1940), de John Steinbeck, pois ela acredita que a tradução pode retratar o dialeto gaúcho desta época, e “os resultados nos dariam pistas sobre o processo de variação e, talvez, de mudança nesta variável” (MENON, 2000, p. 149).

Menon (2000) conclui que parece haver

uma certa gradação na mudança de emprego seja de *o senhor* para *você*, seja de *você* para *tu*. Pelo menos é o que se pode inferir de uma situação retratada no *corpus Vinhas da Ira*: no início da história, quando está voltando para casa, Tom encontra o pastor Casy e o trata por *o Senhor*; Casy, por sua vez, trata Tom por *você*. No capítulo XXV, após uma separação forçada, pois Casy tinha assumido um crime e ido para a prisão, Tom reencontra o pastor e o trata por *você*; a seu turno, Casy trata Tom por *tu* (MENON, 2000, p. 157-8).

Com base nesta constatação, percebemos que há uma variação estilística envolvendo as formas de tratamento no dialeto gaúcho. Menon (2000, p. 158) também afirma que o uso de *você* para se dirigir a um estranho, apesar de não ser tão formal, evitaria intimidade à primeira vista. E acreditamos que possa haver este mesmo cuidado ao utilizar os possessivos *teu/ seu/de você/do(a) senhor(a)*.

No *corpus* analisado por Menon (2000), há ocorrências tanto do pronome *tu* quanto do pronome *você*. Portanto, não se pode pensar na “substituição do pronome *tu* por *você*” no Rio Grande do Sul como única solução. Segundo a autora, “poderia estar se realizando aí uma outra tendência possível no PB: a manutenção lexical do pronome *tu*, como marcador de uma identidade e de valores regionais [...]” (2000, p. 159).

Menon e Loregian-Penkall (2002, p. 162-3) supõem que a variação individual dos pronomes *tu* e *você* teria o seguinte processo:

³¹ “A obra *Vinhas da Ira* conta a história de uma família de retirantes, de Oklahoma, na época em que grandes plantações já haviam desalojado os pequenos agricultores e meeiros e já havia provocado desemprego naqueles que tinham continuado a trabalhar como empregados, como resultado do esgotamento da terra pela monocultura do algodão. Folhetos de propaganda e com ofertas de emprego acenavam com o paraíso da Califórnia, com perspectivas de trabalho tentadoras na colheita de frutas. E, em época de recessão, movidas pelas promessas de emprego abundante, famílias inteiras de todo o país vendiam o pouco que lhe restava, compravam um veículo, punham nele alguns pertences que conservavam e dirigiam-se maciçamente para o oeste, em busca do eldorado verde e da fortuna, sonhando sempre em conseguir o seu próprio pedacinho de terra, para se estabelecerem e muitas vezes, tentavam se apossar de terras, cultivando-as escondido da polícia, que chegava e arrasava as plantações” (MENON, 2000, p. 149-150).

- a) haveria um sistema inicial com *só tu*;
- b) o *você*, alienígena, estaria penetrando na gramática dos falantes, em concorrência com o *tu*, o que levaria a três resultados possíveis:
- (i) o *você* poderia vir a alijar o *tu* do sistema, na tentativa de regularização do paradigma;
 - (ii) o *tu* poderia ser mantido pelos falantes, como marca de identidade regional, eliminando o *você*;
 - (iii) haveria especialização das formas: o *tu* se manteria, cabendo ao *você*, marcar relações interpessoais não tão íntimas mas também não tão formais quanto aquelas que utilizam o pronome formal o *senhor*.

Acreditamos que a hipótese (iii) seja válida também para os pronomes possessivos de segunda pessoa: a forma *teu* deve ser a mais informal e a forma *do(a) senhor(a)*, a mais formal. A forma *seu* deve ficar em um estágio intermediário entre a formalidade de *do(a) senhor(a)* e a informalidade de *teu*. Quanto à hipótese da marca de identidade regional para o uso dos pronomes pessoais de segunda pessoa (*tu* e *você*), acreditamos que não seja válida para os possessivos de segunda pessoa, pois em alguns dialetos brasileiros o pronome pessoal *você* é forma exclusiva, como em Curitiba (MENON, 1996) e em São Paulo (KATO, 1985), mas o possessivo *teu* parece ser utilizado como forma íntima, mesmo assim.

Leão (2004) com base nos dados do ALERS (Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil) analisa a variação das formas de tratamento *tu* e *você* – a partir de 275 pontos de inquérito distribuídos pelos três estados da região Sul, Paraná (100 pontos), Santa Catarina (80 pontos) e Rio Grande do Sul (95 pontos) – no português rural falado na região Sul do Brasil por indivíduos com baixa escolaridade. A autora optou por analisar as formas de tratamento em três situações (mapas), quais sejam, *formas de tratamento do “informante com seu irmão ou vizinho”*, *do “informante com sua mãe”* e *do “informante com o prefeito de seu município”*, totalizando 825 ocorrências. Leão (2004) encontrou os seguintes resultados nos três estados:

Tabela 2: Distribuição das formas de tratamento nos três estados

	Você	Zero	Tu
Paraná	75,4%	1,6%	23%
Santa Catarina	23,7%	56,6%	19,7%
Rio Grande do Sul	25,3%	9,9%	64,8%

Fonte: Leão (2004, p. 27).

A partir dos resultados da tabela acima, percebemos a preferência pela forma *você* no Paraná com 75,4% das ocorrências, *pronome zero* em Santa Catarina com 56,6% das ocorrências, e *tu* no Rio Grande do Sul com 64,8% das ocorrências³².

Leão (2004) encontrou os seguintes resultados: nas indagações ao *irmão/vizinho* não houve nenhuma ocorrência de *o senhor*, nestas indagações foram utilizados as formas *tu*, *você* e *pronome zero*. Nas indagações à *mãe*, houve claro predomínio de uso de *a senhora*. E nas indagações ao *prefeito* há presença mais significativa do *pronome zero*³³.

A partir dos estudos expostos anteriormente, podemos afirmar que a entrada do pronome *você* como um pronome pessoal é um fato consumado. Contudo, com a inserção deste pronome houve alterações em outras partes da gramática, como na flexão verbal de segunda pessoa e nas formas de representação dos pronomes possessivos e dos pronomes clíticos, afinal as formas pronominais de terceira pessoa devem acompanhar o *você* (MENON, 1995a, p. 334)³⁴.

Portanto, o paradigma proposto por Menon (1995a), em que podemos visualizar o atual sistema pronominal do PB, parece ser bastante adequado:

Quadro 4: Pronomes pessoais e possessivos do PB referente ao sistema pronominal em uso³⁵

PESSOA	PRONOME	POSSESSIVO
1ª singular	eu	meu, minha
2ª singular	tu, você	teu, tua, seu, sua, de você, do(a) senhor (a)
3ª singular	ele, ela	seu, sua, dele, dela
1ª plural	nós, a gente	nosso, nossa, da gente
2ª plural	vocês	seus, suas, de vocês, do (as) senhores (as)
3ª plural	eles, elas	seus, suas, deles, delas

Fonte: Menon (1995a, p. 335).

³² Leão (2004) também analisa as formas segundo a distribuição por áreas, bilíngües / monolíngües, no entanto, não apresentaremos os resultados referentes a esta variável.

³³ No entanto, a autora faz uma série de questionamentos e cria algumas situações hipotéticas para ilustrar a possível determinação de papéis do informante que poderia influenciar na escolha da forma de tratamento empregada.

³⁴ Esse fenômeno, conhecido como *encaixamento lingüístico* (WENREICH, LABOV e HERZOG, 1968), será retomado posteriormente.

³⁵ Adaptação nossa.

Com o Quadro 4, exposto acima, podemos visualizar o atual sistema pronominal, tanto dos pronomes pessoais, como dos possessivos.

A seguir, passamos a apresentar os resultados encontrados em estudos sobre os pronomes possessivos de segunda pessoa.

1.4 OS POSSESSIVOS DE SEGUNDA PESSOA

A variação entre os possessivos *teu* e *seu* já foi objeto de estudo em algumas regiões do Brasil. O dialeto carioca, por exemplo, foi estudado por Oliveira e Silva (1998, p. 179), que propõe o seguinte quadro para ilustrar o uso dos possessivos de 2ª e 3ª pessoas:

Quadro 5: Pronomes possessivos do dialeto carioca

Pessoa	Sistema oficial	Sistema real escrito no Rio	Sistema real oral no Rio
2ª	teu	seu	seu (90%) teu (10%)
3ª	seu	seu (70%) dele (30%)	seu (geral) dele (específico)

Fonte: Oliveira e Silva (1998).

Comparando os resultados do Rio de Janeiro com os dados encontrados em outras partes do Brasil, como, por exemplo, em estudo realizado por Neta (2004) sobre os possessivos de terceira pessoa na Paraíba³⁶, pode-se afirmar que estes possessivos estão em variação em outros dialetos brasileiros. Lamentavelmente, o trabalho de Neta (2004) não apresenta dados sobre os possessivos de segunda pessoa, mas derivado dos possessivos de terceira pessoa, ela propõe o seguinte quadro para os possessivos de segunda e terceira pessoas naquele dialeto:

³⁶ Com dados de informantes da cidade de João Pessoa.

Quadro 6: Pronomes possessivos para o dialeto pessoense

	2ª PESSOA	3ª PESSOA
SINGULAR	seu/teu	seu/dele
PLURAL	teus/de vocês	seu/deles

Fonte: Neta (2004, p. 140).

O Quadro 5 proposto por Oliveira e Silva (1998) e o Quadro 6 proposto por Neta (2004) são muito interessantes, e mostram que as formas de representação dos possessivos de segunda pessoa nos dialetos carioca e pessoense são as mesmas utilizadas nos dialetos gaúcho e catarinense. Esses resultados contribuem para o levantamento da nossa hipótese segundo a qual o que está regendo a variação dos possessivos *teu* e *seu* são as questões de poder e solidariedade (BROWN e GILMAN, 2003) existentes entre os interlocutores. E a variação destes possessivos parece não ser uma marca de valores regionais, como propõem Menon e Loregian-Penkall (2002) para os pronomes pessoais *tu* e *você*.

O trabalho de Menon (1996), com dados do projeto VARSUL de Curitiba, constatou que os informantes daquela cidade só utilizam a forma *você* para se dirigir ao interlocutor. Segundo ela, para os curitibanos, quem usa *tu* é de fora: é gaúcho ou catarinense. Mesmo assim, os curitibanos empregam tanto *teu* como *seu* para se referir à segunda pessoa. Usam, portanto, o pronome pessoal *você* e alternam o possessivo de segunda pessoa. Ao contrário do que preconizam as gramáticas, diz a autora, não se trata de *mistura de tratamentos*, pois existe uma regularidade de uso no que concerne à distribuição possuidor-possuído. O uso de uma forma ou de outra está relacionado com aspectos de familiaridade, respeito e formalidade na relação entre os falantes. Para Menon, o que determina o uso de *teu* e *seu* no dialeto curitibano é, portanto, a relação inter-individual (MENON, 1996, p. 104-105), como explica abaixo:

[...] em alguns dialetos, parece ser a forma *seu* a empregada com mais frequência; noutros, como parece ser o caso do dialeto curitibano [...] na situação de comunicação, o interlocutor é que vai determinar qual o pronome a ser empregado. Se as relações de intimidade/não-intimidade, de um lado, e de poder, de outro, determinam as formas de tratamento formal/informal (o *senhor/você*), vão também ser fatores de decisão no emprego dos possessivos (*teu/seu*) que manifestem, de alguma forma que, mesmo o falante utilizando *você*, existe algum tipo de cerceamento da intimidade (MENON, 1995b, p. 102).

Acreditamos que as relações de intimidade e de poder que envolvem os pronomes *teu/seu* também sejam válidas para os dados de outras cidades que tenham os pronomes pessoais *tu/você* em sua gramática.

Menon (1997) analisa a variação dos possessivos de segunda pessoa (*seu/de vocês*), mais especificamente nos casos em que existem um possuído e vários possuidores, utilizando como *corpora* histórias em quadrinhos entre os anos de 1952 e 1982. No total, ela encontrou 15 ocorrências de *seu* e 29 ocorrências da forma *de vocês*. A autora relaciona essas formas à idéia de *posse coletiva*, proposta por Oliveira e Silva (1982), em cujo contexto a forma inovadora é favorecida, conforme ilustram os exemplos abaixo:

(7) Mapa *de vocês*? Pôxa... iac! Acho que, nesse caso as mercadorias que ganhei pertencem a *vocês*! (ZC(PD899), 28.01.69, p.19) (Pateta para Chiquinho e Francisquinho que, no balão do quadro anterior, disseram: – Pateta! Você encontrou o nosso mapa?³⁷

(8) Vocês só atrapalhariam *seu* tio! Parem com êsse berreiro e vão para a escola que é o lugar *de vocês*! (TP, 63, out/70, p. 38) (Guarda de fronteira para HLZ, falando do PD).³⁸

De acordo com Menon (1997, p. 85), (7) é um belo exemplo, pois há na história todos os elementos para justificar o aparecimento da forma inovadora, HZL no balão anterior usam *nosso mapa*; fato que indica a posse coletiva de um único possuído.

Arduin (2004), em estudo piloto sobre os possessivos de segunda pessoa com dados das cidades de Florianópolis, Blumenau e Chapecó, pertencentes ao banco de dados VARSUL, encontrou 138 ocorrências, sendo 81% (112 ocorrências) com o possessivo *teu* e 19% (26 ocorrências) com o possessivo *seu*. Baseando-se nestes resultados, constatou que os informantes catarinenses têm clara preferência pela utilização do possessivo *teu*, e também que as questões de familiaridade, intimidade e formalidade são determinantes na variação dos possessivos de segunda pessoa.

Como podemos observar pelos trabalhos expostos acima, há diferenças significativas entre os possessivos de segunda pessoa. Isto nos motiva a verificar este fenômeno em dados da região Sul do Brasil, por meio da análise de dados de quatro cidades de Santa Catarina (Florianópolis, Blumenau, Chapecó e Lages) e quatro cidades do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja) pertencentes ao banco

³⁷ Exemplo (03) retirado de Menon (1997, p. 84)

³⁸ Exemplo (07) retirado de Menon (1997, p. 85)

de dados do Projeto VARSUL. Acreditamos que este trabalho trará resultados interessantes sobre a variação destes possessivos na região Sul do Brasil.

1.4.1 As possíveis formas de realização da 2ª pessoa

A língua portuguesa oferece algumas formas de realização para se referir à posse de segunda pessoa do singular³⁹, quais sejam: *teu, seu, de ti, de você e do(a) senhor(a)*. Abaixo, apresentamos exemplos retirados do banco de dados do projeto VARSUL que ilustram estas opções:

(9) Ah! e os banhos também, a gente ia, tomava banho, tu entravas, tu deixavas **teus** apetrechos ali tudo na beira da praia, ninguém mexia, a água era limpa, a praia era limpa, com bancos, com árvores, sabe? (RSPOA13L70)

(10) Aí eu pensei, no início eu comecei a envolver criança, levava duas, três crianças todos os dias, modificava assim, fazia as crianças falarem sobre Nossa Senhora, sobre Cristo, todo mundo estava gostando, inclusive o gerente disse: "**Seu** trabalho está muito bonito." E depois eu pensei: "Mas está difícil pra mim." (RSSBO17L617)

(11) Por exemplo, eu compro a mercadoria **de ti** e vendo pra ti sem lucro, mas pelo menos eu consigo pagar a minha dívida e fico devendo pra você. (RSPAN22L 245)⁴⁰

(12) Você é casada, mas você é casada, você não é exclusividade. Nem você dele, nem ele **de você**. Vocês automaticamente se uniram. Mas ninguém é de ninguém. Pode ver que tu vais para um lado o teu marido vai pro outro. (SCFLP16L982)

(13) Porque o amigo da gente, o amigo da gente mesmo é aquele que não oferece bebida pra senhora tomar, aquele é o amigo, mas aquele que oferece não é. Isso é certo, aquele que lhe oferece bebida de álcool pra tomar, ele quer ver o azar **da senhora**. (SCCHPL952)

A partir dos exemplos expostos acima, podemos perceber que há, na verdade, duas formas de se referir à posse no português: a primeira é com os possessivos canônicos e a segunda maneira é com as formas genitivas *de + N*, como pode ser visualizado no quadro:

³⁹ Não iremos tratar da 2ª pessoa do plural, mas é importante ressaltar que os possessivos *vosso(s)/vossa(s)* já caíram em desuso na língua falada da região Sul, pois em nossa amostra só encontramos 1 ocorrência de *vosso*, em uma citação religiosa, que reproduzimos a seguir: “Eu sei de cor. ‘Oh, Deus que tantas nações criastes. Que tantos povos modificastes na longa história do mundo incerto. Oh, Deus clemente, não desampare. O amor que habita nos **vossos** lares, cobre ele bençãos a **vossa** terra. Terra de sol, de estrelas e de rosas. Quando exausta em plácido abandono. Oh, Cruzeiro do Sul nas noites gloriosas abre os braços de luz para benzer te o sol. Oh, Deus” (SCLGS22L742). Segundo Faraco (1996, p. 70) “no português europeu, o possessivo *vosso* é ainda bastante corrente, embora *vós* e *vos* tenham-se arcaizado. *Vosso* sobreviveu com seu valor antigo de tratamento formal do interlocutor [...]”

⁴⁰ Este exemplo é ambíguo, pode apresentar as seguintes interpretações: *eu compro a tua mercadoria* (tua – adjunto adnominal de mercadoria) ou *eu compro de ti a mercadoria* (ti - objeto indireto, selecionado pelo verbo comprar).

Quadro 7: Distribuição dos pronomes possessivos e das formas genitivas *de + N*

POSSESSIVOS CANÔNICOS	FORMAS DE + N
teu(s) / tua(s)	de ti
seu(s) / sua(s)	de você
	do senhor / da senhora

Segundo Camara Jr. (2002)⁴¹, os possessivos possuem marcas nominais de gênero (masculino e feminino) e de número (singular e plural), para concordarem com o adjetivo determinado. As formas genitivas possuem também marcas nominais de gênero e número, mas concordam com o possuidor.

Os possessivos *teu(s) / tua(s) / seu(s) / sua(s)* ocupam a posição pré-nominal e concordam em gênero e número com o possuído (substantivo) a que precedem. Estes possessivos não fornecem nenhuma pista do possuidor (ABRAÇADO, 2000), como pode ser visualizado nos exemplos (9) e (10) acima, em que *teus* concorda com *apetrechos* e *seu* concorda com *trabalho*. Os possessivos *de ti / de você / da senhora / do senhor*, por seu turno, ocupam obrigatoriamente a posição pós-nominal, concordando em gênero, número e pessoa com o possuidor, conforme os exemplos (11), (12) e (13) acima, em que o *de ti, de você e da senhora*, concorda com o possuidor.

Podemos perceber que de um lado, temos *teu / seu*, e de outro, temos as formas *de + N*. Há diferenças sintáticas entre estes dois grupos, pois o tipo de concordância que possuem e a posição que ocupam no sintagma são diferentes. Enquanto o primeiro grupo concorda com o possuído e geralmente se encontra anteposto ao nome, o segundo grupo concorda com o possuidor e obrigatoriamente é posposto ao nome.

Na primeira parte deste capítulo, foram citados trabalhos sobre os pronomes possessivos, além de ter sido exposta a ambigüidade que ronda o possessivo *seu*, por poder se referir tanto à terceira quanto à segunda pessoa do singular e plural. Estes estudos atestam que, em ambientes ambíguos, os falantes tendem a utilizar formas genitivas que eliminam a ambigüidade, como *dele, de você e de vocês*.

⁴¹ O autor trata os possessivos como pronomes pessoais adjetivos

Na segunda parte, apresentamos a maneira como ocorreu a inserção da forma *Vossa Mercê* e o trajeto percorrido por ela até que se tornasse o pronome pessoal *você*.

Na terceira parte, foram apresentados alguns trabalhos sobre a co-ocorrência dos pronomes *tu* e *você*, com resultados de pesquisas desenvolvidas na região Sul. Os estudos atestam que, na fala sulista, ambos os pronomes são utilizados em Porto Alegre e Florianópolis, enquanto que em Curitiba não há dados com o pronome *tu*. Citamos estes trabalhos por acreditar, como já mencionamos anteriormente, que há uma relação entre os pronomes pessoais e os possessivos.

Finalmente, apresentamos alguns estudos desenvolvidos sobre os pronomes possessivos de segunda pessoa, constatando que os mesmos se encontram em período de grande variação em vários dialetos brasileiros, como Curitiba, Rio de Janeiro e João Pessoa, por exemplo.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O presente capítulo é dedicado à apresentação do quadro teórico que norteia este estudo: primeiramente, a Teoria da Variação e Mudança Lingüística; depois, a proposta de Brown e Gilman (2003 [1960]), *The Pronouns of Power and Solidarity*¹. Acreditamos que enquanto a primeira nos auxilia a lidar com a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa, a proposta de Brown e Gilman (2003) permite entender os aspectos de poder e solidariedade entre os interlocutores ao usarem os possessivos *teu/seu*.

2.1 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA

2.1.1 A heterogeneidade

A teoria da variação e mudança lingüística (ou sociolingüística variacionista), proposta por Weinreich, Labov e Herzog (1968), parte da premissa segundo a qual a heterogeneidade e a variabilidade são características inerentes à língua. Segundo os autores:

The association between structure and homogeneity is an illusion. Linguistic structure includes the orderly differentiation of speakers and styles through rules which govern variation in the speech community; native command of the language includes the control of such heterogeneous structures (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968, p. 187-8).

Esta proposta rompe com os postulados do Estruturalismo, que entende a língua como *sistema homogêneo*, uniforme, estático, sistema de signos bem definidos, hierarquizados, não levando em consideração aspectos variáveis inerentes à língua. Na perspectiva estruturalista, a língua poderia ser estudada na ausência de uma comunidade de fala. Para Weinreich, Labov e Herzog (1968), porém, a variação é inerente ao sistema lingüístico, sistemática, regular e ordenada, sendo motivada por pressões sociais que estão permanentemente atuando na língua, e por isso não deve ser estudada fora do contexto social (LABOV, 1972). A inovação desta teoria, portanto, deve-se ao fato de abrir espaço

¹ A primeira publicação deste texto foi em 1960. No entanto, estamos utilizando a reedição de 2003.

para o componente social na linguagem, ao conceber a língua, eminentemente, como fenômeno social.

Quando se fala em variação/mudança, é necessário operar com regras variáveis (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968; LABOV, 1972). Ao contrário das regras categóricas da língua, a regra variável é influenciada por fatores lingüísticos e/ou sociais, ou seja, ela não está em “variação livre”² (LABOV, 2003 [1969], p. 241)³. O falante nativo de uma determinada língua é capaz de reconhecer as diferenças existentes entre as formas em variação, e sabe em que situação comunicativa deve utilizar uma ou outra forma. Portanto, segundo Labov (2003), o falante nativo possui o domínio das regras variáveis da sua língua.

Para discutir a regra variável, é necessário ancorar-se em alguns pressupostos teóricos:

- (i) a língua é um sistema heterogêneo;
- (ii) o falante de determinada língua é competente para operar com a regra variável, ou seja, com estruturas heterogêneas;
- (iii) a língua é constituída na interação falante-ouvinte;
- (iv) a empiria é a base da análise lingüística.

Quando se analisa a fala de indivíduos, encontram-se, por exemplo, diferentes formas sintáticas, morfológicas, fonológicas e lexicais que dizem muitas vezes a mesma coisa, num mesmo contexto. No entanto, estas variações não ocorrem aleatoriamente, a Teoria da Variação e Mudança explica este processo baseando-se em condicionadores, a saber: lingüísticos, que são as variáveis internas à língua; e sociais, que são as variáveis externas à língua relacionadas ao falante, tais como, sexo, grau de escolaridade, faixa etária, etnia. Para exemplificar, podemos citar o trabalho de Loregian-Penkal (2004)⁴ em que analisa a variação de *tu* e *você* como pronomes pessoais de segunda pessoa.

De modo geral, a variação dos pronomes *tu* e *você* é motivada por fatores lingüísticos e sociais. Quanto aos fatores sociais, a forma *tu* apresenta maior probabilidade de uso pelas mulheres, e o uso de *tu* é proporcional ao aumento dos anos de escolaridade. Quanto

² Nos trabalhos variacionistas realizados até a década de 60, as variações eram interpretadas como casos de *variação livre*, ou seja, que não eram motivadas por fatores lingüísticos e sociais.

³ A primeira publicação deste artigo foi em 1969. No entanto, estamos utilizando a reedição de 2003.

⁴ Loregian-Penkal (2004) utilizou como amostra o banco de dados do projeto VARSUL. Analisou as localidades de Blumenau, Chapecó, Flores da Cunha, Florianópolis, Lages, Panambi, Porto Alegre, São Borja e Ribeirão da Ilha.

aos *fatores lingüísticos*, somente o *gênero do discurso* foi selecionado em todas as localidades da amostra⁵ e a *determinação do discurso* só não foi selecionada na rodada das três cidades do interior de Santa Catarina. A partir do trabalho de Loregian-Penkal (2004), exposto acima, podemos entender de que maneira a sociolingüística laboviana controla as pressões externas e internas que atuam na variação/mudança.

Controlando variáveis lingüísticas e sociais, temos a frequência e os números probabilísticos que indicam quais fatores são relevantes no condicionamento do fenômeno a ser estudado. Para que se faça uma análise desta natureza, é necessária grande quantidade de dados, de maneira que possam ser descobertas as tendências quantitativas que influenciam no uso das diferentes formas⁶.

Podemos também retomar⁷ o estudo de Ramos (1989), em que analisa a variação dos pronomes *tu* e *você* na fala dos informantes florianopolitanos. Neste estudo, a autora constatou que há diferenças estilísticas no uso destes pronomes: enquanto o *tu* é apontado como íntimo, familiar, rude, informal, coloquial e desrespeitoso, o *você* é apontado como distante, bonito, educado, formal, correto e respeitoso. Portanto, na variação podem estar envolvidos fatores lingüísticos, sociais e também estilísticos⁸.

Weinreich, Labov e Herzog (1968) fazem uma distinção entre *variação* e *mudança*. Segundo eles, toda mudança pressupõe variação, mas nem toda variação acarreta mudança, ou seja, para que haja mudança é necessário que, em algum período, dada estrutura tenha passado por um momento de variação. Quando se encontram formas variantes, há duas possibilidades: a variação permanece estável ou há mudança em progresso (TARALLO, 1999, p. 63). A variação pode permanecer estável por um longo período de tempo ou pode nem mesmo ocorrer a mudança.

Resumindo, o objetivo do modelo teórico-metodológico da sociolingüística variacionista é explicar e descrever a língua analisando os fatores sociais e lingüísticos que

⁵ Loregian-Penkal fez rodadas separadas, uma só com as capitais e Riberão da Ilha, outra com as cidades do interior do Rio Grande do Sul e outra com as cidades do interior de Santa Catarina. Os resultados que estamos apresentando são os resultados gerais encontrados pela autora.

⁶ O programa freqüentemente utilizado pela sociolingüística variacionista é o programa VARBRUL (PINTZUK, 1988).

⁷ Este estudo já foi mencionado no Capítulo 1 desta dissertação.

⁸ A variação estilística será discutida na Seção 2.2.

estão envolvidos em fenômenos de variação e mudança. Labov (1972) postula a heterogeneidade da língua dentro de um contexto social, ou seja, propõe um modelo teórico-metodológico que trata do caráter social dos fatos lingüísticos, observando a variação de uma comunidade de fala. Nossa proposta, neste trabalho, é evidenciar a variação estilística que envolve o uso dos pronomes possessivos de segunda pessoa *teu/seu*.

2.1.2 A comunidade de fala

A sociolingüística variacionista observa a variação dentro de uma comunidade de fala. Segundo Labov (2001), a variação/mudança começa a partir da interação entre indivíduos e não a partir da fala de um único indivíduo. Neste momento, nos parece necessário definir o que a sociolingüística variacionista entende por *comunidade de fala*. Para tanto, utilizamos a definição apresentada por Guy (2001, p. 3):

A comunidade de fala é um grupo de falantes que:

- compartilham traços lingüísticos que distinguem este grupo de outros;
- comunicam-se relativamente mais entre eles do que com outros;
- compartilham normas e atitudes frente ao uso da linguagem.

Uma comunidade de fala é diferente de outra comunidade pelo menos em alguns traços lingüísticos por elas utilizados. Os falantes de uma comunidade de fala tendem a falar mais com membros da mesma comunidade, pois é mais fácil falar com pessoas do mesmo bairro, da mesma cidade do que com pessoas que vivem em outros bairros e cidades (GUY, 2001).

Segundo Guy (2001, p. 4), “tendemos a falar como aquelas pessoas com quem falamos mais”. No entanto, o autor salienta que não se trata de um processo automático: o simples fato do contato lingüístico não faz com que adotemos determinado comportamento lingüístico, pois há a questão de atitude e vontade. Não adotamos formas lingüísticas de quem não gostamos ou queremos nos distanciar; o falante tende a adotar a maneira de falar de prestígio e não as formas estigmatizadas; ou seja, o falante é capaz de *avaliar* as diferentes formas lingüísticas e o seu *status* social.

O indivíduo da sociolinguística variacionista é um ser estratificado. Por exemplo, o projeto VARSUL⁹ estratifica seus indivíduos de acordo com a etnia, idade, sexo e escolaridade. Neste estudo, analisamos a fala de informantes de oito cidades da região Sul, a saber, Blumenau, Chapecó, Flores da Cunha, Florianópolis, Lages, Panambi, Porto Alegre e São Borja. Nossa hipótese é de que haja um comportamento diferenciado na fala dos informantes das diferentes localidades¹⁰, uma vez que, como afirma Guy (2001), os falantes de uma mesma localidade tendem a falar de maneira similar, ou a atribuir o mesmo *status* a uma variante, no caso *teu/seu*.

As comunidades analisadas serão apresentadas na Subseção 3.5.3.4 do Capítulo 3 desta dissertação, que é destinado à metodologia.

2.1.3 O vernáculo

O vernáculo é “o estilo em que o mínimo de atenção é prestado ao monitoramento da fala” (LABOV, 1972, p. 208), e um dos objetivos da pesquisa sociolinguística variacionista é coletar dados que se aproximem do vernáculo do falante. Uma das técnicas usadas para se aproximar do vernáculo na situação de entrevista¹¹ é mediante relatos de experiências pessoais vividas, sobretudo perigo de morte, uma vez que o falante, neste caso, estaria preocupado com o **que** e não com o **como** fala; sendo este o ambiente ideal para observar as variações na fala do indivíduo.

É válido ressaltar que, em uma situação de entrevista, dificilmente é possível chegar ao vernáculo do informante, uma vez que o entrevistador muitas vezes é uma pessoa desconhecida, portanto há uma tendência ao monitoramento de sua fala. Isso é o que Labov (1972) chama de *paradoxo do observador*¹², ou seja, há influência de um estranho (indivíduo

⁹ No Capítulo 3, dedicado à metodologia, apresentamos o Projeto VARSUL e oferecemos mais informações quanto às cidades, além de nossas hipóteses para cada localidade.

¹⁰ A delimitação de uma comunidade de fala não é uma tarefa fácil para um sociolinguísta. Por exemplo, quando utilizamos o banco de dados VARSUL consideramos cada localidade uma comunidade de fala. No entanto, em cada localidade há várias comunidades de fala.

¹¹ Método de coleta de dados utilizado pelo projeto VARSUL.

¹² Uma possibilidade, frequentemente utilizada em estudos sociolinguísticos, é a análise das formas em variação descartando os primeiros momentos da entrevista, pois no início, o falante está mais tenso com a situação de entrevistado, e em decorrência disso, pode estar monitorando ainda mais sua fala. Em nossa análise sobre os pronomes possessivos de segunda pessoa, devido ao baixo número de dados em nossa amostra, não estamos utilizando esta técnica porque não podemos descartar dados.

externo à comunidade) no vernáculo do indivíduo da comunidade, além de um outro elemento estranho, o gravador.

Outra técnica utilizada por Labov (1972) para verificar a variação na fala dos indivíduos é mediante o controle dos estilos de fala. Podemos citar o trabalho de Labov (1972) sobre a estratificação social do /r/ na cidade de Nova Iorque¹³, em que controlou os estilos de fala, espontânea (casual) ou enfática (cuidadosa), e constatou diferenças de usos nestes dois estilos; o estilo casual ou espontâneo aproxima-se do vernáculo, momento em que o falante tende a não monitorar sua fala.

2.1.4 Os problemas da sociolingüística

Ao fazer uma análise utilizando o método da sociolingüística variacionista, certamente nos deparamos com alguns dos cinco problemas empíricos formulados por Weinreich, Labov e Herzog (1968), quais sejam, *restrição*, *transição*, *encaixamento*, *avaliação* e *implementação*. Os autores formularam estes cinco problemas a fim de encontrar resposta para as seguintes questões: (i) por que as línguas mudam? (ii) se a língua é estruturada para funcionar eficientemente, de que forma as pessoas continuam falando enquanto a língua muda ou passa por períodos de menor sistematicidade?; (iii) se pressões forcem a língua a mudar, e se a comunicação é menos eficiente nesse ínterim, por que tais ineficiências não são observadas na prática?

A seguir, apresentaremos brevemente algumas discussões a respeito dos cinco problemas expostos acima, analisando o fenômeno da migração do pronome *você* para a segunda pessoa (MENON, 1995a; FARACO, 1996).

No problema de *restrição*¹⁴, Labov abre as seguintes questões: Quais são os condicionadores e as restrições lingüísticas e extralingüísticas que podem determinar a ocorrência da variação ou da mudança? Que variações podem ocorrer e quais são impossíveis de ocorrer em determinada estrutura? As mudanças não ocorrem abruptamente, mas através de uma alternância gradual das formas em variação, como por exemplo, o atual estágio de variação entre as formas *teu/seu*, que acreditamos ser condicionadas por fatores de natureza

¹³ Este trabalho será apresentado na seção destinada à *variação estilística*.

¹⁴ É importante notar que, no artigo de 1982, Labov apresenta o problema da *restrição* dentro do problema do *encaixamento*.

lingüística e extralingüística, ou seja, os estudos variacionistas partem das *restrições* para buscar explicações para os fenômenos em variação. Podemos nos remeter ao estudo de Loregian-Penkal (2004), que constata que a variação dos pronomes *tu* e *você* é motivada por fatores lingüísticos e sociais no português falado nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Quanto à *transição*, os questionamentos: Como ocorre uma mudança? Qual é o caminho pelo qual a língua passa até que se efetive a mudança? Como esta mudança é difundida dentro de uma comunidade de fala? levam a traçar o trajeto percorrido pela variação até que se efetive a mudança, ou seja, a mudança de um estado de língua **A** para um estado de língua **B**. Há três etapas na variação, quais sejam: (i) o falante aprende formas alternativas; (ii) o falante passa a utilizar estas formas; (iii) uma dessas formas tende a se tornar obsoleta. Para que ocorra a mudança, estão envolvidos fenômenos de prestígio social da nova forma (ou da antiga), da pressão estrutural ou de sua utilidade funcional.

Por exemplo, no caso da migração da locução nominal *Vossa Mercê* ao pronome pessoal de segunda pessoa *você*, houve uma mudança por pressão estrutural que forçou o pronome *você* a concordar com a terceira pessoa. Quando o pronome *você* passou a fazer parte do paradigma da segunda pessoa, continuou a manter a mesma marca de concordância da locução nominal *Vossa Mercê* (MENON, 1995a), causando assim uma mudança na segunda pessoa e no paradigma pronominal e verbal como um todo.

Com relação ao problema do *encaixamento*, as questões são as seguintes: Qual a relação entre as variantes lingüísticas e extralingüísticas? Que reflexos ocorrem em outras partes da gramática a partir da variação/mudança? O princípio do *encaixamento* consiste na interação entre a estrutura social da comunidade de fala e o sistema da língua.

Para dar conta do *encaixamento*, divide-se o mesmo em duas partes: o encaixamento na estrutura lingüística e o encaixamento na estrutura social. O *encaixamento lingüístico* se dá por mudanças, em determinada parte da gramática, que acabam por interferir em outra parte. Temos o exemplo do uso do pronome *você*, que, ao migrar para a segunda pessoa (tratamento íntimo), levou consigo os pronomes possessivos de terceira pessoa *seu/sua*, provocando assim a atual variação entre os pronomes *teu/seu*, além da mudança causada na concordância verbal de segunda pessoa, como já comentado anteriormente e também no sistema dos pronomes clíticos. O *encaixamento na estrutura social*, por sua vez,

acontece quando há relação entre o fenômeno de mudança e a estrutura sociolingüística (faixa etária, sexo, etnia, grau de escolarização etc.). Por exemplo, segundo Loregian-Penkall (2004), o *você* apresenta maior probabilidade de uso por informantes do sexo masculino, mais idosos e por informantes com menor nível de escolarização.

Quanto à *avaliação*, a pergunta que Weinreich, Labov e Herzog (1968) formulam é: Que avaliação o falante faz de determinadas formas em variação? O falante é capaz de avaliar as diferenças entre as formas lingüísticas que utiliza ou que os outros falantes utilizam. Um bom instrumento para verificar quais as impressões que os falantes possuem das várias formas lingüísticas utilizadas é o *questionário de atitude*¹⁵. Abaixo, reproduzimos um trecho de uma resposta a um questionário de atitudes de Ramos (1989) em estudo sobre a variação dos pronomes pessoais *tu* e *você* no dialeto florianopolitano¹⁶:

- Geralmente a gente usa mais o pronome de tratamento *tu*. Acho que por cultura mesmo que todo mundo fala assim. A maior parte do pessoal. É costume aqui da Ilha. Geralmente cidade mais serrana usa um jeito de falar mais correto, eu acho: *você*. O pessoal do litoral é mais aberto. *Você* é um negócio muito formal. É mais educado também, eu diria. Depende de quanto tempo conhece a pessoa. Com pessoal de fora fica meio rude, informal demais usar o *tu*. Em casa, a gente tá falando todo dia; a gente conhece melhor e não precisaria usar um jeito mais refinado. É mais informal, bem íntimo. Eu diria que usar o *tu* as pessoas ficam mais soltas para conversar do que *você*.

Dependendo da avaliação que faz de uma determinada forma lingüística, o falante é capaz de passar a utilizá-la ou extingui-la do uso. Desta maneira, as avaliações negativas pelos membros da comunidade de fala podem frear ou mudar o curso da variação e, ao contrário, as avaliações positivas podem acelerar o processo de mudança.

Quanto ao problema da *implementação*, a pergunta que se faz é: Quando acontece a *implementação*? Por que determinada mudança lingüística ocorreu em certa época ou local? Esse problema está relacionado aos outros problemas, pois quando há uma forma em variação originam-se as *restrições* lingüísticas e sociais, ou seja, em que ambientes está ocorrendo a variação. Depois, é necessário analisar de que maneira ocorre a *transição* e o *encaixamento* na

¹⁵ Labov (1972) em seu estudo sobre a variação articulatória dos ditongos /ay/ e /aw/ utilizou como instrumento de pesquisa o questionário de atitudes, mediante este instrumento constatou que os informantes que possuíam atitude positiva em relação à ilha tendem à centralização (padrão da ilha), enquanto que os que possuíam posição negativa, os que pretendiam sair da ilha, por exemplo, tendiam a não centralizar os ditongos, seguindo o padrão dos veranistas. Tais resultados levaram o autor a dizer que os habitantes da ilha marcavam sua identidade cultural e ideológica através da linguagem, portanto, há uma correlação entre o social e o lingüístico.

¹⁶ Esta citação já foi reproduzida na Seção 1.3 desta dissertação.

estrutura lingüística e social. E, finalmente, a *implementação* de determinada forma ocorrerá dependendo da *avaliação* que os falantes fazem da forma lingüística.

2.1.5 Variáveis, variantes e regra variável

Neste item, apresentamos os conceitos de *variáveis*, *variantes e regra variável*, por acreditarmos que estes conceitos são de suma importância para o desenvolvimento de um trabalho sociolingüístico. Pretendemos, também, discutir a ampliação do escopo dos estudos sociolingüísticos, que a princípio eram restritos ao âmbito fonológico, mas, que a partir de Weiner e Labov (1983), passaram a tomar como variável a passiva sem agente e a ativa com pronome sujeito genérico, abrindo caminho para a realização de trabalhos variacionistas em outras áreas, como a sintaxe, semântica, morfologia e para a análise de fenômenos discursivos.

2.1.5.1 Variáveis e variantes

A definição de Tarallo (1999, p. 8) para variantes e variáveis é a seguinte: “variantes lingüísticas’ são [...] diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável lingüística’”.

Nossa variável lingüística é composta pelos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular, que são representados pelas seguintes variantes: *teu/seu*¹⁷. Portanto, nossa regra variável é composta por estas duas variantes, conforme os exemplos abaixo:

(1) Ele disse pra madre: "Olha, irmã", no colégio, "eu sou tio avô." Aí ela foi, disse: "Não, Cláudio, tu és tio. A **tua** irmã que casou ganhou um nenezinho." "Não, eu sou tio avô." (RSSBO06L398)

(2) Aí o ("Lima") foi e disse pra ela (mãe): "Não, só até aqui a senhora <s> [Do] daqui pra adiante pode deixar. Nem se preocupe com o dinheiro da **sua** doença, de coisa, porque agora é com nós, não é com a senhora mais." (RSSBO06L826)

Retomemos os exemplos (1) e (2) acima, que foram proferidos por um mesmo informante. Podemos constatar que ambos possuem referência à posse de segunda pessoa,

¹⁷ Devido ao baixo número de ocorrências das formas *de + N*. Foram encontradas 4 ocorrências de *de você* na busca em todas as cidades. Não foram controladas todas as ocorrências de *do(a)/ senhor (a)* em todas as cidades, apenas em Florianópolis, Blumenau e Chapecó. Nesta busca só foi encontrada uma ocorrência de *da senhora*. A forma *de ti* foi procurada nas cidades de Porto Alegre, Panambi, São Borja, Flores da Cunha e Lages, e apenas foi encontrada uma ocorrência, na cidade de Panambi.

mantendo o mesmo valor de verdade e, portanto, podemos considerá-los como variantes de uma mesma variável. No entanto, estas diferentes formas possuem significados sócio-estilísticos próprios, o falante sabe que é capaz de reconhecer em que momento deve utilizar uma ou outra variante. Podemos constatar que, quando se reporta à maneira como a madre se dirigiu ao menino, utiliza a variante menos formal (*teu*) e quando se reporta ao modo como o Lima se dirigiu à senhora (mãe), utilizou a variante mais formal *seu*.

Quanto ao *valor de verdade*, consideramos o conceito de Labov (1978, p. 2):

Though formal linguistics recognizes the existence of expressive and effective information, these are in practice subordinated to what Bühler (1934) called “representational meaning” or what I will call “state of affairs.” To be more precise, I would like to say that two utterances that refer to the same state of affairs have the same truth-value, and follow Weinreich in limiting the use of “meaning” to this sense.

Como podemos visualizar no trecho acima, para Labov (1978) o mesmo estado de coisas possui o mesmo valor de verdade, ou seja, o significado é o mesmo.

2.1.5.2 A regra variável dos possessivos de 2ª pessoa do singular¹⁸

Neste momento, passamos a tecer algumas considerações sobre o conceito de regra variável.

Segundo Hora (1997):

[...] o uso da regra variável permite ao variacionista extrair as regularidades e tendências dos dados, podendo, através dela, determinar como a seleção de uma estrutura lingüística é influenciada pelas configurações específicas dos fatores que caracterizam o contexto em que ela ocorre (HORA, 1997, p. 172).

Os trabalhos pioneiros de Labov (1972) foram desenvolvidos no âmbito da fonologia, como, por exemplo, a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ na ilha de Martha’s Vineyard e a pronúncia do /r/ pós-vocálico nas lojas de Nova Iorque como uma marca de prestígio. Dado o êxito dos trabalhos realizados na área da fonologia utilizando o método de análise quantitativa, Labov abre espaço para o estudo na sintaxe utilizando a mesma metodologia. O estudo pioneiro sobre variação na sintaxe é de Weiner e Labov (1983), em que tomam como variável as passivas sem agente e as ativas com pronome sujeito genérico

¹⁸ Quanto aos possessivos de segunda pessoa do plural, só foi encontrado um dado com o possessivo *vosso*, em contexto bíblico, sendo portanto categórico o uso da forma *de vocês*. Em toda nossa amostra só foram encontradas 19 ocorrências de *de vocês*, certamente porque o tipo de entrevista do projeto VARSUL não propicia seu uso.

(*The closet was broken into* e *They broke into the closet*). Os autores consideraram que as duas estruturas mantêm o mesmo significado referencial, por possuírem o mesmo estado de coisas, ou o mesmo valor de verdade. Neste estudo, os fatores sociais mostraram-se irrelevantes para a análise, chegando-se à conclusão de que as duas formas eram semanticamente equivalentes e socialmente não significativas, pois o que motivava a escolha de uma ou de outra forma eram os fatores internos.

No entanto, esta tentativa de extensão do modelo para além do âmbito fonológico encontrou sérias dificuldades quanto à manutenção do significado das formas em variação, pois na fonologia, os conceitos de mesma coisa, mesmo contexto e valor de verdade não são questionados. Então, em análises além do nível fonológico, não seria o caso de duas ou mais formas dizerem coisas diferentes?

O estudo de Weiner e Labov (1983) foi alvo de críticas. Para Lavandera (1978), “as unidades de níveis além do fonológico, como um morfema, um item lexical, ou uma construção sintática, cada uma tem por definição um significado”. Para a autora, a variação não-fonológica afeta formas com significado. Por esta razão, a noção de variável sociolinguística não seria facilmente aplicável a outros níveis de análise fora do âmbito fonológico. E o que a autora questiona é: como fenômenos sintáticos podem ser considerados variantes de uma mesma variável?

Outra crítica que Lavandera (1978) faz ao estudo de Weiner e Labov (1983) refere-se ao fato de os fatores sociais não estarem atuando. Diante disso, a autora diz que não se pode falar em variação sociolinguística. Labov (1978) responde, dizendo que os estudos sociolinguísticos não se limitam apenas a fatores externos, e, desta forma, podemos trabalhar com variação mesmo que os fatores sociais se mostrem irrelevantes para a análise. A proposta de Lavandera é que a noção de mesmo significado seja ampliada para comparabilidade funcional.

Para Bentivoglio (1987, p. 14), em sintaxe não é possível encontrar contextos iguais tal como na fonologia, porque “as razões que sustentam a impossibilidade de encontrar casos de autêntica variação sintática são indubitavelmente fortes”. Portanto, há duas maneiras de se realizar um estudo variacionista: restringimo-nos a trabalhos no campo da fonologia ou admitimos que as formas possuem a mesma intenção significativa.

Se pensarmos na formas possessivas *teu/seu* e nas genitivas *de + N*, *de você*, *de ti* e *do(a) senhor(a)*, expostas no primeiro capítulo, estaríamos diante de uma caso de variação na sintaxe, devido às diferenças de posição, como em *teu carro* e *carro de você* (o primeiro ocupa a posição pré-nominal e o segundo ocupa a posição pós-nominal). Há diferenças também na concordância, enquanto os possessivos *teu/seu* concordam com o possuído, por exemplo, *teu carro*, *tua casa*, as formas *de + N* concordam com o possuidor, por exemplo, *o carro de você*, *a casa de você*. Acreditamos que, quanto à intercambialidade das formas possessivas de segunda pessoa (*teu/seu*) em estudo, há diferença quanto ao significado estilístico, porém, elas mantêm o mesmo significado referencial, podendo ser consideradas, portanto, variantes de uma mesma variável (WEINER e LABOV, 1983; BENTIVOGLIO, 1987).

2.2 A VARIAÇÃO ESTILÍSTICA

Segundo Labov (2003, p. 234), um dos princípios fundamentais da pesquisa sociolinguística pode ser assim formulado: “não há falante de estilo único”. Isto significa que “every speaker will show some variation in phonological and syntactic rules according to the immediate context in which he is speaking” (LABOV, 2003, p. 234).

Estas mudanças estilísticas são determinadas por:

- a) relações do falante, ouvinte e público, e particularmente as relações de poder ou solidariedade entre eles;
- b) o amplo contexto social ou o domínio: escola, trabalho, casa, vizinhança, igreja;
- c) tópico (assunto). (LABOV, 2003, p. 234)

Para ilustrar a variação estilística, nos remeteremos a um trabalho clássico de Labov (1972)¹⁹, bastante conhecido na literatura e objeto de reflexões para este trabalho sobre os pronomes possessivos *teu/seu*. Labov analisa a presença ou ausência do /r/ em posição pós-vocálica, como em *car*, *card*, *four*, *fourth*. O autor utilizou uma metodologia de coleta de dados diferenciada, o inquérito breve e anônimo. Os informantes eram vendedores de três

¹⁹ Este trabalho foi publicado em Labov (1972), mas é um estudo de 1966, *The Social Stratification of English in New York City*.

lojas de departamento de Nova Iorque: *Sacks Fifth Avenue*, de classe média alta; *Macy's*, de classe média baixa; e *S. Klein*, de classe baixa. As lojas foram selecionadas de acordo com a localização geográfica, anúncios em jornais, lista de preços de mercadorias, espaço físico das lojas e condições de trabalho dos funcionários.

No procedimento para a coleta de dados, Labov fazia as seguintes perguntas: *Que andar é este?* ou *Onde fica a seção X?* sempre buscando obter a resposta *fourth floor* (quarto andar). Na primeira vez em que fazia a pergunta, obtinha a fala casual. Depois perguntava novamente, simulando não haver entendido, então o informante respondia enfatizando o andar. Desta maneira, obtinha a fala enfática ou cuidada. Nestes dois momentos, Labov conseguia perceber como os informantes falavam nos dois estilos: casual e cuidado/enfático.

Com os resultados desta pesquisa, Labov constatou que na loja *Sacks* os vendedores utilizavam mais o /r/ retroflexo, que era (e é) variante de prestígio em Nova Iorque, com 62%; na loja *Macy's*, utilizavam 51%; e, na loja *S. Klein*, 20%. Vale ressaltar que os funcionários das três lojas pertenciam à mesma classe social, no entanto os que trabalhavam na loja de classe média alta procuravam utilizar a variável de prestígio, adequando-se assim ao modo de falar dos seus clientes.

Depois de estudos dessa natureza, Labov conclui que língua e identidade estão intimamente relacionadas, pois através da língua, o falante pode demonstrar suas posições ideológicas, como os vendedores das diferentes lojas de Nova Iorque procuravam se assemelhar aos seus compradores através da língua, ou seja, tentavam se adequar à maneira do ouvinte²⁰. Quanto à diferença de estilos, casual e enfático, trata-se de uma variação estilística, a qual passamos a apresentar e discutir.

Estamos assumindo, portanto, que há uma diferença estilística no uso das formas *teu/seu*, pois estamos considerando que as diferenças entre *tu* e *você* também podem ser estendidas para os possessivos em análise.

Abaixo, apresentamos exemplos da fala de uma única informante, que utilizou os possessivos *teu/seu*. Observando estes exemplos, temos evidências de que há variação estilística no uso dos pronomes possessivos de segunda pessoa:

²⁰ A tese de Pagotto (2001) analisa as questões de *Variação e Identidade* que envolvem as consoantes oclusivas alveolares na cidade de Florianópolis.

(3) Eu acho que essa, como diz o ditado, quando nasce [pra] pra ser alguém ela luta sozinha, né? Aí foi quando ela se mudou daqui de casa, antes disso, né? que eu disse: "Minha filha, tu estás ficando já com idade, tu és dona do **teu** nariz, tu tens as **tuas** coisas". (RSSBO10L679)

(4) Quer dizer que ("um mesinho") eu sofri, porque eu pedi no desespero, pedi na última hora, cheguei lá e digo: "Me dêem minhas férias." "Ai, mas, Maria, tu vais tirar **tuas** férias agora, como que tu vais tirar **tuas** férias se tu não tens dinheiro, a firma não mandou dinheiro?" "Não sou rica, mas eu não quero dinheiro, eu quero é a vida da minha filha e eu não tenho quem cuide ela." (RSSBO10L756)

(5) Digo: "Nádia, não é isso, a mãe tem medo é duma desgraça, Nádia, isso é que eu tenho medo que amanhã ou depois tu caias na boca do povo, porque o povo é injusto, não é? ele não quer saber se tu és [daquela] de gente, as **tuas** amigas não são boas pra ti, meu amor, tá? não é que eu tenha orgulho, enquanto vieram aqui em casa <s> senta no pátio ali; quer fazer um chimarrão, toma; quer fazer um cafezinho, toma; tu queres fazer um bolinho frito ou uma coisinha, convida as **tuas** amigas, mas não vai na casa, meu amor, não é que eu não queira que tu sejas <ami>, eu não quero " (RSSBO10L794)

(6) Chimarrão também. O chimarrão também é ("ótimo"), também no banco eu faço chimarrão: "Bah! tia, mas está gostoso o **teu** chimarrão." Outra coisa também que é segredo que a gente não conta, né? (RSSBO10L1023)

(7) Então naquela ("ferveadeira") ali eu ponho duas xícaras de açúcar, então ele fica doce, né? Pro café eu ponho três xícaras de açúcar. Diz: "Ai! Dona Maria, que delícia **seu** café, todos os dias está a mesma coisa." (RSSBO10L1064)

(8) Eu já sabia que ele estava soltando chispa, né? Aí eu já sabia [pela] tinha uma porta nos fundos, eu já subia lá pela porta dos fundos na casa dele, trazia o chimarrão: "Seu Trindade, está aí o **seu** chimarrão." "Mas tu és um gênio, né, Maria? Como é que tu sabias que eu ia tomar chimarrão? (RSSBO10L1144)

(9) Depois as gurias queriam cozinhar lá dentro Diz: Não, faz uma reunião com as gurias aí, se caso as gurias aceitarem, mas não vai se prejudicar também, Mariazinha. "Vamos ver quem é que vai te pagar." No fim, eu tirava meu ordenado livre, eu ganhava mais [um] um salário que eu trabalhava com elas cozinhando, ganhava tudo lá dentro, o que sobrava, tudo era meu. Janta eu não fazia, né? Chegava o fim do mês, cada uma me dava o que tinha que me pagar e eu cozinhei seis anos e meio pra elas. " coisa boa a **tua** comida." Então todos os dias eu inventava uma coisa diferente, né? Então aquilo ali é carinho, né? eles dão carinho, então tu vais viver a **tua** vida assim cheia de amor e cheia de carinho, né? tu dás carinho e recibes também. (RSSBO10L1179)

Para explicar casos como estes apresentados acima, precisamos lidar com a variação estilística, ou seja, com casos em que o falante varia dependendo da situação (ou do interlocutor). A partir destes exemplos, constatamos que a forma *teu* é utilizada em discursos da informante com sua filha, ou entre colegas de trabalho, exemplos (3), (4), (5), (6) e (9); quando a informante se dirige ao seu patrão, utiliza a forma *seu*, exemplo (8); quando um colega de trabalho se dirige a ela por *Dona Maria*, utiliza a forma *seu*, exemplo (7).

Segundo GUY (2001, p. 1)

(...) é importante notar um terceiro ponto: a diferenciação que estamos discutindo não é limitada a diferenças **entre** falantes, ela acontece também **dentro** do falar de cada pessoa. Isto é, os falantes não falam sempre do mesmo jeito, mas variam o uso por vários motivos. Efetivamente, manipulam essas mesmas diferenças sociolingüísticas para fins comunicativos e sociais. Quando percebemos pela maneira de alguém de falar, que está mostrando formalidade ou informalidade, polidez ou intimidade, etc..., estamos percebendo características lingüísticas que distinguem o uso deste estilo ou registro de outros estilos ou registros.

Para investigar essa “maneira” de alguém usar os possessivos de segunda pessoa, precisamos entender as relações interpessoais, de maior ou menor intimidade entre os falantes envolvidos na situação comunicativa.

Segundo Labov (1972), o conceito de variante está ligado a estilo, pois as variantes devem ser idênticas em referência e valor de verdade, mas são diferentes em significado social e/ou estilístico. Para Labov, baseado em seu trabalho sobre a pronúncia do /r/ pós-vocálico nas lojas de Nova Iorque, a diferença entre a fala cuidada (formal) e a fala casual (informal) é estilística.

Nas palavras de Camacho (2001, p. 60), “um indivíduo pode alternar entre diferentes formas lingüísticas de acordo com a variação das circunstâncias que cercam a interação verbal, incluindo-se o contexto social, propriamente dito o assunto tratado, a identidade social do interlocutor etc.”. O autor apresenta o seguinte exemplo de variação estilística: um professor universitário em três situações distintas, a saber, no restaurante universitário conversando banalidades com seus alunos; na sala de aula, exercendo sua profissão; e no auditório dando uma palestra. Segundo ele, essas diferentes circunstâncias exigem progressivamente maior freqüência da escolha da variedade padrão. Esta interação envolve as três mudanças estilísticas expostas por Labov acima: as relações entre o falante e o ouvinte; o local; e o assunto.

Para Labov (2003, p. 235), a variação estilística está associada a um processo mental. Quanto mais formal a situação, mais atenção é prestada à fala, quanto menos formal a situação menos atenção é prestada à fala.

Segundo Camacho (2001, p. 57-8), do ponto de vista da relação com fatores de natureza extralingüística, toda língua comporta variantes:

- (i) em função da identidade social do emissor;
- (ii) em função da identidade social do receptor;
- (iii) em função das condições sociais e de produção discursiva.

Em relação ao primeiro fator, estão as variantes que se podem denominar dialetais em sentido amplo: variantes geográficas e socioculturais. Em relação ao segundo e terceiro fatores, temos as variantes de registro ou estilísticas. Referem-se ao grau de formalidade da situação e ao ajustamento do emissor à identidade social do receptor.

No exemplo (10), abaixo

(10) Disse: "E a senhora não leva a mal de eu lhe contar?" Digo: "Não senhor, pra isso eu estou perguntando, porque eu tenho de obrigação de saber." Disse: "Pois olha, o **seu** marido não sara porque ele está com câncer no pulmão." Ah! eu botei as mãos na cabeça e digo: "O senhor nem me diga doutor disso aí." (SCLGS05L360)

acreditamos que a informante esteja utilizando um discurso mais formal por estar se reportando a um discurso entre ela e o médico, provavelmente em um hospital. Por este motivo, faz uso de um discurso mais cuidado, optando pelo possessivo *seu*. Assim, quanto aos possessivos de segunda pessoa – objeto deste estudo – nossa hipótese é de que o que está em jogo é a variação estilística do informante. Todavia, como salienta Camacho (2001, p. 61), “o indivíduo necessita ter, interiorizadas em sua competência lingüística, as formas alternativas padrão e não-padrão sobre as quais ele pode operar a seleção conforme variam as circunstâncias de interação”²¹.

Já no exemplo (11), em que o falante cita uma fala do Papai Noel ao fazer uma pergunta a uma criança, utiliza-se a forma *teu*, mais informal e próxima ao informante.

(11) “Qual foi a safadeza que você fez?, né?” “você estudou?” “Hum, hum.” “Mas você bateu na **tua** irmã?” (SCBLU05L1828)

Quanto ao significado estilístico, Labov (1978, p. 2-3) fala de duas funções da língua, além da função representacional: a identificacional (referente ao falante), e a de acomodação (referente ao ouvinte). Segundo ele, é exatamente isto que nos permite reconhecer quando alguém está falando de uma maneira mais cuidada ou mais casual.

²¹ É necessário ressaltar que as duas formas *teu* e *seu* são padrão, pois nenhuma delas sofre estigma. E dentro deste padrão há variação. Estamos considerando a variante *seu* mais formal e a variante *teu* mais informal, embora ambas pertençam à variedade padrão.

Menon (1996, p. 104), ao estudar os pronomes possessivos de segunda pessoa utilizando o banco de dados VARSUL com dados pertencentes a informantes curitibanos, afirma que o uso das formas *teu(s) / tua(s) / seu(s) / sua(s)* está relacionado com aspectos de familiaridade, respeito e formalidade na relação entre falante e possuído. Abaixo, retomamos o exemplo da autora (p. 104):

(12) Nós morávamos na rua onde *seu pai* jogava.

A explicação que a autora dá para esta sentença é que o falante (masculino, primeira faixa etária, escolaridade primária) emprega *seu pai* porque, provavelmente, não tem familiaridade com o pai do interlocutor, ou porque tem uma relação formal com o possuidor, o pai do interlocutor. Portanto, nesses casos, estamos diante de uma variação estilística em que *seu* é utilizado em um discurso mais formal e *teu* em uma situação mais informal.

O que analisamos na coleta de dados nas cidades catarinenses e gaúchas é que ambas as formas de segunda pessoa (*teu / seu*) são utilizadas pelos informantes. Menon e Loregian-Penkal (2002) fizeram uma análise das formas *tu* e *você* na região Sul observando a variação *no indivíduo* e *na comunidade*. O ideal seria que tivéssemos dados suficientes para fazer uma análise nos moldes das autoras, no entanto, devido ao baixo número de ocorrências em cada entrevista, só podemos falar em variação *na comunidade*. Nossa hipótese é de que os informantes catarinenses e gaúchos devem manter a mesma diferenciação estilística que os informantes estudados por Menon (1996).

No trabalho de Labov (1972) sobre a pronúncia do /r/ pós-vocálico na cidade de Nova Iorque, o autor controla as variações estilísticas de acordo com o tipo de fala: fala casual ou enfática. Com nosso banco de dados (VARSUL), não temos possibilidade de verificar estas variações estilísticas. Por este motivo, será incluída em uma de nossas variáveis lingüísticas a pessoa a quem o informante está se referindo ao utilizar as formas (*teu / seu*): se em relações simétricas ou assimétricas²².

²² Relações simétricas são relações de igualdade entre os interlocutores. Nas relações assimétricas há superioridade ou inferioridade de um dos interlocutores. Em nossos dados, nas ocorrências de *discurso reportado* controlaremos as seguintes relações: relações assimétricas de superior > inferior (por exemplo, de pai para filho); relações simétricas entre iguais (por exemplo, entre amigos); relações assimétricas de inferior para superior (por exemplo, de filho para pai).

2.3 A SEMÂNTICA DO PODER E DA SOLIDARIEDADE

Além da teoria da variação e mudança lingüística, ancoramo-nos na proposta de Brown e Gilman, no artigo *The pronouns of power and solidarity* (2003), a fim de buscar mais uma explicação para a variação dos possessivos de segunda pessoa *tu/seu*. Como exposto no Capítulo 1 desta dissertação, acreditamos que o uso destes pronomes está relacionado à questão de familiaridade, respeito e intimidade que envolve os pronomes *tu/você* nos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul (MENON 2000; RAMOS 1989). Partimos da premissa de que para os informantes destes dois estados, o *você* é a forma de mais respeito ou distanciamento e o *tu* seria a mais próxima ou íntima. Por este motivo, estamos nos pautando na semântica do poder e da solidariedade para nos guiar na questão dos pronomes possessivos de segunda pessoa. No trabalho citado, Brown e Gilman (2003) analisam o uso dos pronomes de tratamento nas seguintes línguas: francesa, italiana, inglesa, espanhola e alemã, além de outras línguas da Europa, África e Índia. Segundo os autores:

In French, German, Italian, Spanish and the other languages most nearly related to English there are still active two singular pronouns of address. The interesting thing about such pronouns is their close association with two dimensions fundamental to the analysis of all social life – the dimensions of power and solidarity. Semantic and stylistic analysis of these forms takes us well into psychology and sociology as well as into linguistics and the study of literature (BROWN e GILMAN, 2003, p. 156).

Para a execução desse trabalho, os autores utilizaram a literatura existente sobre os pronomes de tratamento, como Baugh (1935), Brunot (1937), Diez (1876), Grimm (1898), Jespersen (1905) e Meyer-Lübke (1900) (BROWN e GILMAN, 2003, p. 156). No entanto, o interesse destes autores centrava-se na evolução fonética e não na mudança semântica, que é o que interessa para Brown e Gilman. Também foram investigadas teses que descreviam com detalhes a semântica dos pronomes de uma ou outra língua, como Gedike (1794), Grand (1930), Johnston (1904) e Schliebitz (1886) (BROWN e GILMAN, 2003, p. 156), mas algumas delas tratavam somente sobre a história, outras só diziam respeito a um século, como Kennedy (1915) e Stidston (1917) (BROWN e GILMAN, 2003, p. 157), e algumas somente sobre a obra de determinado autor, como Byrne (1936) e Fay (1920) (BROWN e GILMAN, 2003, p. 157), além de documentos legais (JARDINE, 1832-5) e cartas (DEVEREUX, 1853; HARRISON, 1935) (BROWN e GILMAN, 2003, p. 157). No entanto, as melhores informações foram aquelas encontradas nos questionários com falantes nativos de francês, italiano, alemão e espanhol.

Os questionários foram respondidos por estudantes que estavam visitando Boston entre os anos de 1957 e 1958. Foram analisadas as respostas dos seguintes números de estudantes: 50 franceses, 20 alemães, 11 italianos, e dois informantes de cada um dos seguintes países: Espanha, Argentina, Chile, Dinamarca, Noruega, Suécia, Israel, África do Sul, Índia, Suíça, Holanda, Áustria e Iugoslávia. Os autores informam que possuem mais informações do inglês, francês, italiano, espanhol e alemão.

Podemos observar no quadro a seguir os pronomes de tratamento de algumas línguas. Vale ressaltar que, no inglês, não há diferença entre pronome familiar e pronome polido, pois esta língua só possui a forma *you*.

Quadro 8: A distribuição dos pronomes de tratamento em algumas línguas

LÍNGUA	POLIDO	FAMILIAR
Francês	Vous	Tu
Alemão	Sie	Du
Italiano	Lei	Tu
Russo	Vy	Ty
Espanhol	Usted	Tu

Fonte: Lyons (1987, p. 287).

Os autores utilizam as seguintes abreviações para referência aos pronomes de segunda pessoa: T e V (do latim) *tu* e *vos*, T para pronome familiar e solidário e V para pronome polido, de poder ou cerimonioso. Estas abreviações são válidas para qualquer língua.

Segundo a explicação que os autores apresentam, o desenvolvimento dos dois pronomes começou com o latim *tu* e *vos*, sendo que no latim antigo havia somente o *tu* no singular. O plural *vos* como forma de referência a uma pessoa era primeiramente dirigido ao imperador. Há, porém, muitas teorias (BYRNE, 1936; CHÂTELAIN, 1880 apud BROWN e GILMAN, 2003, p. 157) que buscam explicar como isto ocorreu. O uso do plural para se dirigir ao imperador começou no século IV. Por consequência da cisão do Império Romano, naquele tempo havia dois imperadores. O que imperava a parte Ocidental era radicado em Roma e o que imperava a parte Oriental era radicado em Constantinopla. Então, as palavras eram dirigidas aos dois imperadores, já que se buscava a preservação da unidade do império. As palavras endereçadas a um eram, por implicação, dirigidas aos dois (BROWN e GILMAN, 2003, p. 157). Um falante comum, ao se dirigir ao imperador, utilizava a forma *vos* por estar se dirigindo a alguém que detinha o poder. Ao longo do tempo, esta forma foi se tornando

uma forma polida de tratamento, inclusive entre outras figuras de poder. Então, os imperadores e os poderosos se tratavam por *vos*, mas se dirigiam aos seus subalternos por *tu*. De acordo com o estudo de Ramos (1989), há indícios de que no dialeto florianopolitano os falantes ainda atribuem à forma *você* uma certa formalidade, como já citamos anteriormente.

Sempre que em uma situação de diálogo houver uma pessoa que detém maior prestígio ou poder, isto é, quando existir relação assimétrica, haverá tratamento não-recíproco, o superior se dirigirá ao inferior por T e será tratado por V. Existem muitas bases de poder: maior força física, maior poder econômico, idade mais avançada, sexo diferente, papel institucionalizado da igreja, do estado, do exército ou da família (BROWN e GILMAN, 2003, p. 158).

Os autores apresentam exemplos de várias línguas em que os superiores (nobreza) tratam os inferiores (não-nobres) por T e recebiam o tratamento por V. Alguns desses usos podem ser observados nas peças de Corneille, Racine e Shakespeare.

Benveniste (1995, p. 258) também faz referência às diferenças entre os usos dos pronomes *tu* e *vós*. Segundo ele, em línguas, sobretudo as ocidentais, “o “*tu*” assume freqüentemente valor de alocação estritamente pessoal, portanto familiar”.

Enquanto a semântica do poder não-recíproco restringiu o uso de T para inferiores e V para superiores, não houve problemas. No entanto, em algum momento começou a haver a interferência de outro fator na escolha dos pronomes de tratamento, pois os pronomes íntimos começaram a ser utilizados em relações assimétricas de poder. Durante o período medieval, e algum tempo depois, as pessoas da classe alta mudaram o tratamento mútuo para V e as pessoas da classe baixa mudaram o tratamento para T. As pessoas da classe baixa, por imitação aos nobres. Esta prática aos poucos foi se disseminando na sociedade. Nos próximos séculos, este uso de V passou a se tornar marca de elegância.

For many centuries French, English, Italian, Spanish and German pronoun usage followed the rule of nonreciprocal *T-V* between persons of unequal power and rule of mutual *V* or *T* (according to social-class membership) between persons of roughly equivalent power. There was at first no rule differentiating address among equals but, very gradually, a distinction developed which is sometimes called the *T* of intimacy and the *V* of formality. We name this second dimension *solidarity* [...] (BROWN e GILMAN, 2003, p. 159).

A visão dos autores é a de que, nas sociedades antigas, a força que regia os pronomes de tratamento era a do *poder*, e muito gradualmente esta força foi enfraquecendo,

sendo substituída pela *solidariedade*²³. Abreu (1987, p. 17), baseada neste mesmo artigo, ilustra os diferentes estágios pelos quais as semânticas dos pronomes de tratamento passaram:

- 1º estágio: T era a forma para o interlocutor e V para o plural;
- 2º estágio: introdução do fator **poder** não-recíproco;
- 3º estágio: introdução de um novo fator **solidariedade**, geração de conflito;
- 4º estágio: resolução do conflito a favor da **solidariedade**.

Brown e Gilman (2003) dizem que as relações que envolvem *mais velho que, filho de, empregado de, mais rico que, mais forte que* são assimétricas. O pronome usado para expressar esta relação de poder é assimétrico e não-recíproco, ou seja, a pessoa recebe V e se dirige ao outro por T.

No século XIX, a semântica do poder prevalecia entre os garçons, soldados e empregados quando eram tratados por T, enquanto que os pais, irmãos mais velhos eram tratados por V. No entanto, todas as evidências indicam que, no século passado, a semântica da solidariedade ganhou supremacia (BROWN e GILMAN, 2003, p. 160-1).

Uma mudança do poder para a solidariedade está governando este princípio semântico (BROWN e GILMAN, 2003, p. 162). No geral, o uso mútuo de T está avançando entre os estudantes, colegas de trabalho, entre membros do mesmo grupo político, pessoas que compartilham o mesmo *hobby* ou que viajam juntas. Os autores acreditam que esta é uma transformação corrente, pois isto é o que os informantes relataram sobre o uso dos pronomes entre “pessoas jovens”, ou seja, o oposto do comportamento das pessoas idosas (BROWN e GILMAN, 2003, p. 162-3). Os autores acreditam que o desenvolvimento das sociedades abertas, com ideologias igualitárias, agiu contra a semântica do poder não-recíproco, em favor da solidariedade (BROWN e GILMAN, 2003, p. 167).

Os autores, além da semântica do poder e da solidariedade, mencionam a variação estilística, e a definem como: “Different styles are different ways of ‘doing the same thing’, and so their identification waits on some designation of the range of performances to be regarded as ‘the same thing’” (BROWN e GILMAN, 2003, p. 169).

²³ *Solidariedade* é o nome que se dá a uma relação geral simétrica, pois é utilizada entre colegas, pessoas com idades próximas, de mesma profissão etc.

Segundo eles, nas línguas que estudaram existem variações estilísticas nos pronomes de tratamento que são associadas ao *status* social do falante. Todas as línguas indo-européias estudadas possuem dois pronomes de segunda pessoa do singular, mas nestas línguas há uma fonética individual e um estilo semântico no uso destes pronomes, envolvendo a variação estilística.

Lyons (1987, p. 288), baseado em *Pronoun of power and solidarity*, salienta que,

[...] a respeito da mudança gradual de poder para solidariedade, como fator dominante na mudança que ocorreu no uso de T/V nas línguas europeias nos últimos cem anos mais ou menos, são de natureza estatística. Não se trata certamente de poder prever com precisão total se duas pessoas usarão T ou V em dada situação com base exclusiva em informação sobre sua classe social, idade, sexo, tendências políticas etc. Além disso, existem diferenças dentro do que parece constituir grupos sociais comparáveis em diferentes países da Europa, com relação à liberdade com a qual T é utilizado.

A mudança de uso dos pronomes T/V é decorrente das mudanças sociais sofridas pela sociedade, e segundo Lyons (1982, p. 289) seu significado social e expressivo depende de cultura, sendo um caso de conhecimento socialmente adquirido.

No artigo de Biderman (1972-3), a autora toma as proposições de Brown e Gilman (2003) sobre a semântica do poder e da solidariedade, apresentando exemplos da língua francesa, espanhola e portuguesa. Segundo ela, na língua francesa,

desde a Idade Média o tratamento mais comum entre os nobres [...] era *vous*. O *tu* aparece como variante estilística nos momentos de emoção ou para marcar a intimidade. “Só as classes inferiores servem-se apenas de *tu*”. O *vous* se estende como marca de “*bienséancé*”, bons costumes, e no “*grand siècle*” quase elimina o *tu* totalmente na linguagem dos salões (BIDERMAN, 1972-3, p. 347).

Na língua francesa, havia o uso de *tu* para inferiores, marcando posições hierárquicas, e também para os íntimos ou para marcar emoções. O *vous* era utilizado entre pessoas bem nascidas, entre iguais, e era a forma como um inferior se dirigia ao superior.

Segundo Biderman (1972-3, p. 349), “quanto ao pronome *tu*, a Revolução Francesa triunfante, quis fazer dele uma bandeira dos seus ideais igualitários. Brunot informa que o ‘Comité du Salut Public’ adotou o ‘*tutoyement*’ como símbolo da igualdade entre os cidadãos”. No entanto, este decreto oficial não conseguiu mudar o comportamento lingüístico dos indivíduos, pois não é por meio de decretos que se muda a maneira de falar de uma sociedade. Desta forma, os pronomes *tu* e *vous* “continuaram lado a lado”.

Se a pesquisa de Brown e Gilman revelou que o *tu* está-se expandindo à custa do *vous* porque a solidariedade entre os homens está relegando ao arcaísmo as relações

de poder dominantes anteriormente, talvez o *vous* um dia venha a ser uma antigüidade de museu como o *thou* inglês (BIDERMAN, 1972-3, p. 349).

A proposta da autora é que a estrutura social e os padrões de comportamento que foram trazidos para a América Latina eram os mesmos existentes na Península Ibérica, e os colonos europeus trouxeram o mesmo esquema a que foram submetidos. Desde então, se estabeleceram as relações assimétricas na sociedade colonial latino-americana, as quais reproduzimos a seguir:

Quadro 9: As relações assimétricas na sociedade colonial latino-americana

1 Relações de trabalho:	Senhor ↓ ↑ Escravo	(posteriormente)	Senhor (patriarca, coronel) ↓ ↑ Colono (ou criado)
2 Relações familiares:	Pais ↓ ↑ Filhos	E	Marido ↓ ↑ Mulher
3 Relações entre os sexos:	Homem ↓ ↑ Mulher		

Fonte: Biderman (1972-3, p. 350).

Na língua espanhola, no século XVII, a forma *vos* passa a possuir dois valores, a saber, o tratamento dado a um inferior (um criado) ou a um amigo, pessoa com quem se tem familiaridade. Desta maneira, a forma respeitosa passou a vazia no sistema, e daí o preenchimento com a forma *Vuestra Merced*.

Segundo a autora, há um sistema misto na América Espanhola (tu-vos, Usted), como é o caso da Argentina e, até certo ponto, do Chile, onde há o predomínio do *tu* (Chile) e *vos* (Argentina)²⁴. Ambas as formas são para o tratamento informal, familiar.

O estudo de Weimberg (1970 apud BIDERMAN, 1972-3), observando o avanço do pronome *vos* na região de Buenos Aires desde o começo do século XX até o ano de 1970, constatou a tendência de os jovens utilizarem exclusivamente o pronome *vos* entre os dois

²⁴ *Vos* na Argentina é o tratamento informal. *Tutear* neste país é tratar por *vos*.

sexos, além do tratamento com os pais²⁵. Segundo Biderman (1972-3, p. 358), “o estudo de Weimberg confirmou a tese de Brown e Gilman sobre a extensão da solidariedade em detrimento das relações de poder para uma secção da sociedade Argentina”.

Também, segundo este estudo de Biderman, na sociedade portuguesa da Idade Média, o pronome *tu* era utilizado para indicar intimidade, afeto e emotividade, além de expressar inferioridade. O pronome *vos* era marca de não-intimidade e distância, e expressava respeito e superioridade.

Um dado interessante é o surgimento da forma “*você* como tratamento intermediário entre *tu* e *Vossa Mercê* provavelmente no século XVIII” (BIDERMAN, 1972-3, p. 362). Uma de nossas hipóteses para o uso do pronome *seu* nas comunidades estudadas é que este pronome assume essa posição intermediária entre a familiaridade do *teu* e o formalismo do *do senhor*²⁶.

Segundo Biderman (1972-3, p. 363), o *Usted* do espanhol se consolidou como forma de respeito, substituindo o pronome *vós*. No Brasil, a forma *você* está substituindo a forma familiar *tu*²⁷. Faraco (1996, p. 64) sugere que em Portugal parece que se manteve a formalidade ligada a *vossa mercê*, uma vez que o *tu* é de uso corrente para o tratamento íntimo, *você* é usado para o tratamento entre iguais não solidários. O estudo de Ramos (1989), sobre a variação dos pronomes *tu* e *você* em informantes Florianopolitanos verifica esta mesma semelhança com o sistema pronominal de Portugal. Seu estudo revela que o uso de *você* em Florianópolis é intermediário entre a intimidade de *tu* e o formalismo de *o senhor*.

De acordo com Biderman (1972-3), até meados do século XIX, *você* era o tratamento do superior ao inferior. A autora acredita que a substituição de *tu* por *você* tenha ocorrido na virada do século XIX para o século XX. Segundo ela, um século depois, o tratamento por *tu* está quase extinto no Brasil. No entanto, os pronomes oblíquos *te* e os possessivos *teu/tua* continuam sendo utilizados, acompanhando o pronome *você*.

A autora menciona o uso do pronome *tu* no Rio Grande do Sul, ressaltando que as formas verbais pertencem à terceira pessoa. E com relação a este fato, levanta a seguinte

²⁵ Segundo este estudo, somente em meios rurais e provincianos os jovens tratam os pais por *Usted*.

²⁶ Não será possível testar esta hipótese devido o baixo número de ocorrências da forma *do(a) senhor(a)*.

²⁷ A autora não faz ressalvas sobre a que regiões do Brasil faz estas generalizações, mas podemos afirmar que muitas delas não são válidas para o português falado na região Sul, ao menos não nos dialetos estudados por nós.

questão: “não será por influência dos países vizinhos de fala espanhola como o Uruguai?” Mas podemos perguntar: como então se explica o uso de *tu* em Santa Catarina? Seria pela proximidade com o Rio Grande do Sul? E como explicar o caso de Lages, *você/teu*? No entanto, segundo Guy (2001), apenas pelo contato lingüístico os informantes não adotam outro comportamento lingüístico, ao menos que haja a vontade de adotar o mesmo comportamento.

Segundo constatações de Biderman (1972-3, p. 366-7):

Nas áreas urbanas das grandes cidades, em meio à geração jovem, trata-se os pais de você. Assim também se está verificando no Brasil o mesmo que Brown e Gilman observaram para algumas culturas européias como a francesa, a italiana, a alemã e que qualificaram como a extensão da semântica da solidariedade em detrimento da semântica do poder.

O uso de diferentes formas de tratamento revela muito sobre as crenças e valores de uma sociedade. As “[...] mudanças nas formas de tratamento estão correlacionadas com mudanças nas relações sociais e valores culturais” (FARACO, 1996, p. 52).

A partir da discussão sobre o trabalho de Biderman (1972-3), pode-se constatar que a estrutura de poder sofreu grandes abalos nos tempos atuais, e a solidariedade das relações humanas está alterando as relações de poder do passado.

Acreditamos que os falantes percebem as mudanças que estão ocorrendo na sociedade de um modo geral, e conseqüentemente na fala dos indivíduos, pois durante nossa coleta de dados encontramos a seguinte constatação de uma informante da cidade de Porto Alegre, pertencente à segunda faixa etária (mais de 50 anos) e de escolarização primária:

E (Entrevistador) Ficava louco [pra passar de ano?]

F (Falante) [Mas, ficava] pra aumentar mais, é. E todos sabiam, né? e a disciplina muito bonito que era, sabe? Porque se pra se entrar numa escola se formava fila, né? como nos colégios atuais. **Mas o respeito, meu filho, o respeito que a gente tinha pela escola, pelos professores, então pela diretora-** Quando a nossa diretora entrava assim [a gente] se a gente estava na área, que tinha um jardim enorme defrente, né? Quando ela passava, a gente se perfilava pra ela passar, sabe? Ninguém corria, não se corria, não se brincava nem nada, né? Tudo bem perfiladinho. Porque às vezes ela chegava na hora do recreio, estava tudo brincando. **Mas quando a diretora entrava, olha, parava tudo assim com aquele respeito, ela cumprimentava, botava a mão na gente assim, né? acariciava, mas era com um respeito que a gente não vê hoje em dia de parte de crianças pra qualquer pessoa de mais idade que seja.** Mesmo nas escolas. Até com as professoras. **Elas hoje tratam as professoras de tia, né? Eu acho tão engraçado. É carinhoso e tudo. Mas elas têm uma intimidade, né?** assim tão- **Que naquele tempo a distância era muita do aluno pra um professor.** E quando batia a campainha, todos entravam, não é? Já [se] sabia se [a] a sua aula e, quando a professora entrava, a gente levantava da classe, né? I (Interveniente) Bem devagarinho.

F Não tinha que ter um ruído. Não podia ter ruído, não se conversava assim como é agora, sabe? Entrava se ali pra estudar. I A senhora acha que piorou?

F Olha, eu não vou te dizer que piorasse. Nessa parte do relacionamento [eu] até que eu acho bonito, né? mas não é dizer que a gente não tivesse um carinho especial pela professora da gente. Ai, meu Deus do céu, aquela era um ídolo. (RSPOA16L142)²⁸

Para finalizar esta seção, vale ressaltar a importância do artigo de Brown e Gilman (2003). Ele se tornou um marco nos estudos sociolinguísticos sobre os pronomes de tratamento e alicerça também este estudo sobre os pronomes possessivos de segunda pessoa, uma vez que acreditamos que ambos, pronomes de tratamento e possessivos de segunda pessoa, estão correlacionados. Além disso, acreditamos também que “a estrutura social depende das relações estabelecidas entre os indivíduos. Assim, tudo se resume a relações interpessoais” (BIDERMAN, 1972-3, p. 371).

²⁸ Grifos nossos.

3 METODOLOGIA

No presente capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos pelos quais passa uma pesquisa de cunho variacionista (LABOV, 1972), tais como: seleção de informantes, coleta de dados reais de fala, transcrição dos dados, delimitação das variáveis lingüísticas e sociais envolvidas na variação de determinado fenômeno. Após esta etapa, são necessárias a localização, codificação, digitação e quantificação dos dados.

Neste capítulo também é apresentada nossa amostra, assim como as variáveis que são controladas neste estudo sobre a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa *teu/seu*.

Mas, inicialmente, achamos importante apresentar o Projeto VARSUL (Variação lingüística urbana da região Sul do Brasil), cujo banco de dados será utilizado para a realização deste estudo.

3.1 O PROJETO VARSUL

O Projeto VARSUL teve início oficialmente no ano de 1991, e primeiramente era composto pelas três universidades federais do Sul do Brasil, UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), UFPR (Universidade Federal do Paraná) e UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Em 1993, a PUC-RS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) passou a integrar o projeto.

O VARSUL segue os moldes da sociolingüística variacionista (LABOV, 1972), e sua principal meta é “armazenar e colocar à disposição dos pesquisadores interessados amostras de realizações da fala de habitantes enraizados em áreas urbanas sócio-culturalmente representativas de cada um dos três estados da Região Sul do Brasil” (KNIES e COSTA, 1995, p. 01), fornecendo subsídios para estudos de variação lingüística da região.

Segundo as autoras, para a seleção dos informantes foram considerados os seguintes critérios étnicos: (i) ter nascido principalmente na localidade analisada; (ii) ter morado na cidade a maior parte de sua vida (pelo menos 2/3); (iii) não ter morado fora da região por mais de um ano no período de aquisição da língua (2 a 12 anos); (iv) ser uma pessoa representativa da localidade e/ou que não cause estranheza a outros moradores da região.

O banco de dados do projeto armazena amostras de quatro cidades representativas de cada estado da região Sul, quais sejam: (i) de Santa Catarina: Florianópolis, Blumenau, Chapecó e Lages; (ii) do Paraná: Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco; (iii) do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja. A amostra de cada cidade é composta por 24 informantes estratificados de acordo com a faixa etária, sexo, escolaridade e etnia. Portanto, o banco de dados do projeto é composto por 96 entrevistas de cada estado, totalizando 288. Este acervo está sendo ampliado com amostras de informantes jovens e universitários, cujas entrevistas já foram coletadas, e encontram-se atualmente em fase de transcrição e digitação pelos bolsistas¹ do projeto.

Para a coleta de dados, foram feitos dois contatos com os informantes. No primeiro encontro, foi feita a sua ficha social, além de ser marcado o segundo encontro, geralmente na casa do entrevistado. Uma vez que o objetivo da pesquisa sociolinguística é aproximar-se do vernáculo² do falante, este primeiro encontro contribuiu para que ambos se conhecessem. O fato de o informante encontrar-se em sua própria residência contribui para que ele fique *à vontade* minimizando assim os efeitos do *paradoxo do observador*, qual seja, o de observar como as pessoas falam quando não estão sendo observadas, e, no entanto, só se poder obter tais dados mediante a observação (LABOV, 1972).

Um recurso que Labov (1972) diz ser muito importante é o de não revelar ao falante as reais intenções da entrevista. Portanto, os entrevistados são informados de que a entrevista tem por objetivo coletar dados sobre a colonização do local, costumes, folclore, hábitos dos moradores, etc. Em nenhum momento é falado de questões linguísticas. O pesquisador possui um roteiro de perguntas e conduz o falante a discorrer sobre sua vida,

¹ Fui bolsista de Iniciação Científica do projeto VARSUL nos anos de 2000 e 2001.

² Situação em que o mínimo de atenção é prestado à fala.

cidade, preferências pessoais, etc. Segundo Labov (1972), os relatos sobre experiências vividas, sobretudo perigo de morte, fazem com que o falante não se preocupe com *como* falar e sim com *o que* falar, aproximando-se do vernáculo.

As amostras são armazenadas sob a forma de entrevistas gravadas em fita cassete com 1h de duração e posteriormente transcritas de acordo com o sistema de transcrição de três linhas. Na primeira linha é registrada a sintaxe real da fala do entrevistado, considerando as hesitações e interrupções. Na segunda linha registram-se aspectos fonéticos variáveis e pausas. Na terceira linha é feita a classificação morfossintática dos itens lexicais (atualmente em desuso), além da marcação de aspectos prosódicos, como velocidade e ênfase na fala.

3.2 A AMOSTRA UTILIZADA

Inicialmente, iríamos analisar somente as entrevistas referentes ao estado de Santa Catarina. No entanto, encontramos poucos dados de possessivos de segunda pessoa, o que de certa forma já era esperado, uma vez que as entrevistas do VARSUL instigam o falante a relatar experiências pessoais, opiniões, e não o diálogo, ambiente favorável para o aparecimento dos possessivos *teu/seu*. Por este motivo, ampliamos nossa amostra, incluindo as cidades do estado do Rio Grande do Sul. Foram escolhidos Rio Grande do Sul e Santa Catarina por apresentarem ampla variação no uso dos pronomes pessoais *tu* e *você* (LOREGIAN-PENKAL, 2004), e por acreditarmos que esta variação se reflita no uso dos pronomes possessivos de segunda pessoa.

Nossa amostra constitui-se de 192 entrevistas extraídas do Banco de Dados do Projeto VARSUL, pertencentes às cidades catarinenses de Florianópolis, Blumenau, Chapecó e Lages; e das cidades gaúchas de Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja, estratificadas de acordo com as variáveis sociais: sexo (feminino e masculino), idade (25-49 anos e + de 50 anos), tempo de escolarização (até quatro anos, até oito anos e até doze anos) e região³, distribuídas de acordo com o quadro seguinte:

³ A *região* será explicada na Subseção 3.5.3.4 deste capítulo.

Quadro 10: Distribuição da amostra dos informantes de acordo com as células sociais

Cidade/etnia	Escolaridade	Faixa etária			
		25-49 anos		Mais de 50 anos	
Blumenau	Primário	2M	2F	2M	2F
	Ginasial	2M	2F	2M	2F
	Colegial	2M	2F	2M	2F
	Sub-total	12		12	
		24			
Chapecó	Primário	2M	2F	2M	2F
	Ginasial	2M	2F	2M	2F
	Colegial	2M	2F	2M	2F
	Sub-total	12		12	
		24			
Flores da Cunha	Primário	2M	2F	2M	2F
	Ginasial	2M	2F	2M	2F
	Colegial	2M	2F	2M	2F
	Sub-total	12		12	
		24			
Florianópolis	Primário	2M	2F	2M	2F
	Ginasial	2M	2F	2M	2F
	Colegial	2M	2F	2M	2F
	Sub-total	12		12	
		24			
Lages	Primário	2M	2F	2M	2F
	Ginasial	2M	2F	2M	2F
	Colegial	2M	2F	2M	2F
	Sub-total	12		12	
		24			
Panambi	Primário	2M	2F	2M	2F
	Ginasial	2M	2F	2M	2F
	Colegial	2M	2F	2M	2F
	Sub-total	12		12	
		24			
Porto Alegre	Primário	2M	2F	2M	2F
	Ginasial	2M	2F	2M	2F
	Colegial	2M	2F	2M	2F
	Sub-total	12		12	
		24			
São Borja	Primário	2M	2F	2M	2F
	Ginasial	2M	2F	2M	2F
	Colegial	2M	2F	2M	2F
	Sub-total	12		12	
		24			
Total geral		192 informantes			

3.3 SUPORTE QUANTITATIVO

A sociolinguística variacionista, também conhecida como “sociolinguística quantitativa” (TARALLO, 1999, p. 8), opera com grandes quantidades de dados de fenômenos variáveis, para que se possam estabelecer as tendências quantitativas que operam na variação/mudança de determinado fenômeno variável.

Para a análise dos dados, utilizamos os programas computacionais do sistema Logístico VARBRUL (PINTZUK, 1988), que fornecem os percentuais, pesos relativos, além dos grupos de fatores relevantes para a variação dos possessivos de segunda pessoa *teu/seu*, objeto de nosso estudo.

3.4 LEVANTAMENTO DOS DADOS

Em um primeiro momento, começamos pela leitura de todas as entrevistas. Em algumas delas, porém, eram encontrados apenas um ou dois dados. Por este motivo, optamos por buscar os dados pelo programa computacional *Interpretador*⁴ ENGESIS, que é o método mais rápido e eficaz nestes casos⁵. Após coletados os dados pelo programa, fomos às entrevistas com o intuito de analisar o contexto em que aparecem para fazer a codificação dos dados.

3.5 O ENVELOPE DE VARIAÇÃO

Segundo Labov (2003), as variantes não se encontram em variação livre, mas são influenciadas por fatores de natureza lingüística ou social, isto é, pelas variáveis independentes. Nosso envelope de variação, exposto a seguir, é formado pela variável dependente (nosso objeto de estudo) e por treze variáveis independentes, nove lingüísticas e quatro sociais.

⁴ Os programas *Interpretador* e *Editor* foram desenvolvidos pela empresa ENGESIS especialmente para o Projeto VARSUL.

⁵ Para esta finalidade as entrevistas são armazenadas eletronicamente.

3.5.1 A variável dependente

Nossa variável dependente, binária, é constituída pelos seguintes pronomes possessivos de segunda pessoa:

- 0 – *teu(s)/tua(s)*;
 1 – *seu(s)/sua(s)*⁶,

conforme ilustram os exemplos abaixo:

(1) "Essa aqui é **tua** tia, esse aqui é não sei quem, não sei mais quem", aí ficou naquele rolo: que um queria quando eu era pequena, mas a Maria não quis dar. (SCFLP03L184)

(2) Daí a dificuldade, muita gente já não gosta mais dessa festa, viu? Daqui, porque dá muito incômodo, viu? né? Isso é a mesma coisa que **voce** fazer uma festa em **sua** casa, faz uma festa muito grande. (SCBLU23L504)

3.5.2 Variáveis independentes lingüísticas e estilísticas

O uso dos pronomes possessivos de segunda pessoa *teu/seu* pode estar correlacionado às seguintes variáveis lingüísticas:

- pessoas do discurso;
- tipo de discurso (interlocução);
- paralelismo formal;
- alternância dos pronomes *tu* e *voce* nas entrevistas;
- animacidade do referente;
- posição do pronome em relação ao nome.

Para as ocorrências de discurso reportado (um dos tipos de discurso), foram considerados os seguintes grupos de fatores:

- pessoa do discurso reportado;
- relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores;
- interlocução entre as pessoas do discurso reportado.

⁶ As formas *de + N* (*de voce, de ti, do(a) senhor(a)*) não compõem nossa variável dependente devido ao baixo número de ocorrências em nossa amostra.

3.5.2.1 Pessoas do discurso

Ao analisar os pronomes possessivos de segunda pessoa, constatamos que eles podem se referir à *segunda pessoa do singular*, ou podem ainda ter uma referência *genérica*:

Segunda pessoa do singular: este fator corresponde às ocorrências em que podemos recuperar o referente do pronome possessivo, sendo este uma pessoa específica. Abaixo apresentamos um exemplo em que o informante reporta-se a uma situação em que outra pessoa dirige-se a ele:

(3) E, pra provar que eu era, eu puxei meu passaporte e mostrei. Daí o senhor falou: “*Potrà darci che il tuo passaporto sai falso*”. Quer dizer, me falou que: “Pode ser que o **teu** passaporte seja falso, desconfiou e me mandou embora. (SCCHP20L367)

Genérica: classificamos como genéricas as ocorrências em que não é possível recuperar o referente. Abaixo apresentamos um exemplo de referência genérica, pois é qualquer pessoa que precisa ter *o seu estudo*, isto é, não há referência a uma pessoa específica.

(4) Hoje eu digo o seguinte: que ninguém depende de ninguém. Não interessa se é de sexo feminino ou masculino. Você tem que ter o **seu** estudo porque na hora que o calo apertar, porque hoje é o seguinte: você casa e descasa. (SCFLP02L1365)

Nossa hipótese é que as referências genéricas sejam expressas pela variante *seu*, por não se referir a uma pessoa específica, mas sim a qualquer pessoa, enquanto que as ocorrências com referência a uma pessoa específica sejam expressas pela variante *teu*, devido à proximidade com as “pessoas” do discurso (BENVENISTE, 1995).

Menon e Loregian-Penkall (2002) constataram que o contexto mais vulnerável para a entrada do pronome *você* na fala dos informantes que utilizam o pronome *tu* é através da indeterminação do referente. Com base neste resultado, queremos verificar se a entrada do possessivo *seu* na segunda pessoa também é favorecida pelos contextos mais genéricos.

3.5.2.2 Paralelismo formal

O *paralelismo formal* consiste na “tendência de marcas levarem a marcas e zeros levarem a zeros” (POPLAK, 1980; NARO, 1981 apud SCHERRE e NARO, 1993, p. 3). Ao controlar este grupo de fatores, vamos verificar se a forma do pronome pessoal exerce alguma

influência na escolha do pronome possessivo utilizado. Baseada nesta tendência, nossa hipótese é a de que os informantes que utilizam o pronome pessoal *tu* utilizam também o possessivo *teu*; os que utilizam o pronome *você* utilizam, por sua vez, o possessivo *seu*; e os que utilizam os dois pronomes também utilizam as formas *teu* e *seu* para referência à segunda pessoa. Haveria paralelismo formal entre as variantes escolhidas? De acordo com Brown e Gilman (2003), formas não solidárias tendem a levar a marcas não solidárias (*você – seu*) e formas solidárias tendem a aparecer com formas solidárias (*tu – teu*).

No estudo piloto de Arduin (2004), quando foram analisados dados das cidades catarinenses de Florianópolis, Blumenau e Chapecó, este foi o segundo grupo de fatores selecionado como significativo pelo programa VARBRUL. A presença do pronome *tu* agiu como favorecedora do uso do pronome *teu* com PR de 0,84, e o pronome *você* agiu como desfavorecedor do uso do pronome *teu* com PR de 0,14. Já a ausência de pronome pessoal na oração ficou próxima ao ponto neutro, com 0,44 de probabilidade de uso⁷.

Os fatores controlados para esta variável são: *teu* com pronome *tu*; *teu* com pronome *você*; *seu* com pronome *tu*; *seu* com pronome *você*; *teu* sem pronome pessoal expresso no período; *seu* sem pronome pessoal expresso no período; e vocativo.

Abaixo, ilustramos alguns casos:

Teu/seu com pronome pessoal tu: queremos verificar em que medida o pronome pessoal *tu* exerce influência no uso de *teu/seu*.

(5) Que eu não agüentava mais ver nada quebrando dentro de casa. Não dava. Aí eu peguei e disse pra ele: “Essa foi a última vez que **tu** me deste esse pontapé.” Aí começamos a discutir, eu disse: “**Tu** pegas tudo o que é **teu** e **tu** vai saíres daqui agora”. Porque se **tu** não saíres por bem **tu** vais saíres por mal. (SCFLP03L695)

Teu/seu com pronome pessoal você: com este fator pretendemos verificar o oposto do que ocorre acima, queremos constatar se o *você* influencia o uso dos pronomes *teu/seu*, conforme os exemplos abaixo:

(6) “Ah, ele está tuberculoso”, como existia tuberculose na época, que era uma doença contagiosa, mas **você** não deixava de visitar o **seu pai**, o **seu primo**, o **seu tio**, ou lá um

⁷ Neste estudo as ocorrências com *vocativo* foram amalgamadas ao fator *teu/seu sem pronome pessoal na oração* devido ao baixo número de ocorrências.

amigo seu, não deixava de ir visitar um ente querido porque ele estava com uma doença contagiosa, não, negativo. (SCFLP02L601)

Teu/seu sem pronome pessoal no período: encontramos alguns dados sem nenhum pronome pessoal expresso na oração, conforme o exemplo abaixo:

(7) Era daquela fogueira, né? de São João, por exemplo, convidava toda a vizinhança, né? **os seus amigos** lá, era aquela festa, né? (SCCHP23L128)

Vocativo: houve ocorrências em que não existia nenhum pronome na oração, mas sim um vocativo, conforme ilustra o exemplo abaixo:

(8) Eu disse: “Monique, o **teu pai** é o Joel e a **tua mãe** é a Ângela. Te manda. (SCFLP07L855)

Scherre e Naro (1993), ao analisarem o paralelismo formal na concordância verbal no nível clausal (marcas no sujeito)⁸ e no nível discursivo (marcas no verbo)⁹, concluem que “marcas conduzem a marcas e zeros conduzem a zeros no nível clausal e no nível discursivo, evidenciando-se indubitavelmente a tendência de formas gramaticais particulares ocorrerem juntas” (p. 11). Segundo os autores, esta variável tem se mostrado pertinente para um número suficientemente grande de fenômenos no português falado no Brasil, além de ser válido para outras línguas naturais como o inglês, espanhol, francês, quechua e crioulo caboverdiano.

3.5.2.3 Alternância dos pronomes *tu* e *você* nas entrevistas

Na variável exposta acima (paralelismo formal), foram controladas as ocorrências de *tu* e *você* no mesmo período. Neste grupo de fatores *alternância dos pronomes tu e você*, estamos analisando, de um modo geral, se o informante utiliza somente o pronome *tu*, somente o pronome *você* ou ambas as formas de referência à segunda pessoa *tu* e *você*¹⁰. Admitimos que esta variável consiste em outro tipo de paralelismo formal, em que é analisada a variação dos pronomes pessoais ao longo da entrevista. Acreditamos que este grupo refine nossa análise quanto ao paralelismo formal.

⁸ Os resultados apontam que se o último elemento flexionável do SN sujeito apresentar uma marca explícita de plural, o verbo correspondente tende a vir com a marca explícita de plural. Ao contrário, se o último elemento do sujeito não apresentar marca de plural, o verbo correspondente tende a não vir no plural.

⁹ Se o primeiro verbo é marcado o segundo verbo também será. Ao contrário, se surge um verbo não marcado, o seguinte não será marcado também.

Em Arduin (2004), esta variável mostrou-se relevante para a variação dos possessivos. Neste estudo, os informantes que só utilizavam o pronome *tu* apresentaram PR de 0,68 de probabilidade de uso do possessivo *teu*. Os que só utilizavam *você* apresentaram PR de 0,07, e os que utilizavam ambas as formas, PR de 0,52 para uso de *teu*.

Esse resultado nos conduz à hipótese de que os informantes que só utilizam o pronome *tu* também utilizem o possessivo correspondente *teu*; os que só utilizam *você*, utilizem apenas o possessivo *seu*; e os que utilizam as duas formas de referência de segunda pessoa utilizem os dois possessivos *teu/seu*.

3.5.2.4 Animacidade do referente

Com este grupo de fatores, pretendemos analisar se há alguma correlação entre a escolha dos pronomes possessivos *teu/seu* e a animacidade do possuído, ou seja, do nome que o segue. Em Arduin (2003), este grupo mostrou-se relevante para a variação no uso dos possessivos de terceira pessoa, em que o uso de *seu* (terceira pessoa) é favorecido por sintagmas nominais com traço [- animado].

Não possuímos nenhuma hipótese formulada quanto à animacidade para os possessivos de segunda pessoa. Embora não tenhamos hipóteses específicas, o controle do traço de animacidade pode contribuir para a definição dos contextos de variação de *teu/seu*.

[+ animado]: abaixo apresentamos um exemplo com antecedente [+ animado]:

(9) Agora só que você fez errado, não ter avisado para o pai, não ter chegado para o pai e ter dito. **Teu pai**, também não ia te bater, não ia te fazer nada. (SCFLP04L1133)

[- animado]: o exemplo abaixo apresenta um referente [- animado]:

(10) Ah! e os banhos também, a gente ia, tomava banho, tu entravas, tu deixavas a **teus apetrechos** ali tudo na beira da praia, ninguém mexia, a água era limpa, a praia era limpa, com bancos, com árvores, sabe? (RSPOA13L365)

¹⁰ Esta busca foi feita pelo *Interpretador* e não foram analisadas as percentagens de utilização das duas formas *tu/você*.

3.5.2.5 Posição do pronome em relação ao nome

Com esta variável, estamos controlando a posição do possessivo em relação ao nome, se anterior ou posterior. Nosso objetivo é constatar se a posição influencia o uso dos possessivos de segunda pessoa.

Segundo Borges (1985-6), há uma diferença semântica entre os possessivos precedendo ou seguindo o nome. Observemos os exemplos abaixo¹¹:

(11) Espero tua carta.

(12) Espero carta tua.

Segundo Borges, no exemplo (11) há o pressuposto da existência de uma carta, sendo que o falante sabe que a mesma está para vir. Já no exemplo (12), não há a pressuposição da existência de uma carta para vir. Mesmo admitindo haver esta diferença de significado, controlaremos esta variável a fim de verificar que influência a posição exerce no uso de uma ou de outra variante.

É importante salientar que o lugar canônico do possessivo é anteposto ao nome, a forma posposta é uma forma marcada. Não possuímos nenhuma hipótese para esta variável, no entanto, optamos por controlá-la a fim de cercar os possíveis contextos favorecedores de uma ou de outra forma. Abaixo, apresentamos um exemplo que contém possessivos antepostos e pospostos:

(13) “Ah, ele está tuberculoso”, como existia tuberculose na época, que era uma doença contagiosa, mas **você** não deixava de visitar o **seu pai**, o **seu primo**, o **seu tio**, ou lá um **amigo seu**, não deixava de ir visitar um ente querido porque ele estava com uma doença contagiosa, não, negativo. (SCFLP02L601)

3.5.2.6 Tipo de discurso

Controlamos esta variável com o objetivo de verificar se o tipo de discurso (*não-reportado e reportado*) exerce alguma influência na escolha do uso dos possessivos *teu/seu*.

¹¹ Exemplos (11) e (12) de Borges (1985-6, p. 146).

Segundo Zilles e Faraco (2002, p. 21), “[...] é indispensável, na análise de *corpora* orais, tomar o discurso reportado como espaço enunciativo específico[...]”. Pois, segundo os autores, “o discurso reportado introduz heterogeneidade no dizer do informante” (p. 16).

Discurso não-reportado: este fator corresponde às ocorrências em que o entrevistado não está se reportando a nenhuma fala. Incluímos também, nesta variável, os discursos genéricos e os discursos em que o entrevistado se dirige diretamente ao entrevistador ou ao interveniente, fazendo algum comentário ou alguma pergunta. Labov (1972) acredita que, sendo o entrevistador uma pessoa desconhecida do entrevistado, este tende a monitorar sua fala, havendo um certo grau de formalidade. Quanto ao interveniente, que geralmente é uma pessoa conhecida, acreditamos que também haja um certo grau de formalidade devido à presença do entrevistador.

Abaixo, apresentamos um exemplo em que o entrevistado faz uma pergunta diretamente ao entrevistador:

(14) De vez em quando não dá uma briguinha com o **seu** noivo? Mas depois não volta numa- Então é normal. (SCFLP02L601)

Discurso Reportado¹²: este tipo de discurso ocorre quando o entrevistado reporta sua própria fala ou a fala de uma outra pessoa ao entrevistador, ou seja, quando refere-se a algo que foi falado no passado.

Nossa hipótese para esta variável é a de que haja algum monitoramento neste tipo de discurso, dependendo das relações, se simétricas ou assimétricas entre os interlocutores. Criamos outro grupo de fatores para controlar esta diferença, cujo nome é *relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores*¹³.

Abaixo temos um exemplo de discurso reportado:

¹² Zilles e Faraco (2002) salientam as diferenças existentes entre os seguintes discursos reportados: *direto*, *indiretos* e *indireto livre*. Em nossa análise só incluímos o *discurso reportado direto*. Portanto sempre que mencionado *discurso reportado* entenda-se que se trata do *discurso direto*.

¹³ Este grupo de fatores será apresentado na Seção 3.5.2.7.2 deste capítulo.

(15) Aí as amigas disseram assim: "Mas ô Isabel, **tu** vais deixar o **teu** carro zero aqui? E tu vais ir de moto?" (RSPOA14L610)

Neste trecho, a informante está se reportando à fala das amigas ao se dirigirem a Isabel.

3.5.2.7 Discurso reportado

Ao analisar as ocorrências que contemplam os possessivos de segunda pessoa, constatamos que muitas delas se encontravam em discurso reportado. Diante desta constatação, tínhamos duas opções: descartar os dados da amostra ou refinar a análise desses dados, e para isso era necessário incluir outros grupos de fatores. Como as ocorrências de discurso reportado eram muitas, e nos pareceram muito significativas para a variação dos possessivos de segunda pessoa nos dados do VARSUL, decidimos incluir outros quatro grupos de fatores para as ocorrências de *discurso reportado*, quais sejam: *pessoa a quem se reporta*; *pessoas do discurso reportado*; e *relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores*.

Acreditamos que, com estas variáveis, podemos avaliar melhor que fatores estão em jogo no discurso reportado. Zilles e Faraco (2002, p. 16) salientam que se deve pensar o *discurso reportado* como

[...] um espaço enunciativo diferenciado que, por isso mesmo, exige um tratamento analítico específico: ele introduz heterogeneidade no dizer do informante, o que pode redundar em ocorrências de fenômenos não propriamente correntes na sua fala, fato que pode interferir nas análises quantitativas.

O entrevistado pode assumir a fala de outra pessoa no seu discurso, o que pode causar enviesamento nos cálculos quantitativos. Menon (1996), por exemplo, encontrou três ocorrências do pronome *tu* em um mesmo informante de Curitiba, mas salientou que o falante, ao pronunciar este pronome em um dos casos estava imitando um gaúcho e nos outros dois o informante utilizou o pronome *tu* em uma expressão estereotipada. Portanto, apesar de este ser um dado do discurso do informante, no primeiro caso estava reportando-se à maneira de falar de outra pessoa.

3.5.2.7.1 Pessoa do discurso reportado

Com esta variável, pretendemos controlar as diferenças dos discursos reportados e verificar se o discurso de pessoa próxima é diferente do de pessoa não-próxima e do próprio informante. Segundo Amaral (2002, p. 54-5),

A hipótese central de uma variável como esta é a de que, em discurso reportado direto, o discurso de pessoa próxima (pais, irmãos, avós, tios etc.), o discurso de pessoa não-próxima (cabeleireira, adversários de taekwondo, técnico de futebol etc.) e o discurso do próprio informante afetam a taxa de aplicação do fenômeno estudado em escala diferente de situações discursivas em que há referência genérica ou interlocução.

Ramos (1989) aplicou um questionário de atitudes aos informantes e obteve como resultado que o pronome pessoal *você* é mais formal que o pronome pessoal *tu*, como exposto na Seção 1.3 desta dissertação. A partir deste resultado, poderíamos aventar a hipótese de que *seu* é mais formal que *teu*, uma vez que o possessivo *seu* acompanha o pronome pessoal *você*, que na opinião dos florianopolitanos, segundo Ramos (1989), é mais formal. E *teu* seria empregado no tratamento informal.

De acordo com a proposta de Brown e Gilman (2003), nossa expectativa é que no discurso reportado de pessoa próxima, o informante utilize a forma solidária *teu*, enquanto que no discurso de pessoa não-próxima, utilize a forma de poder *seu*.

Outra hipótese é que o uso do *seu* está associado a estilo mais próximo do formal, uma vez que o *tu* é muito mais familiar e o *você* é mais respeitoso (RAMOS, 1989).

Discurso de pessoa próxima: segundo Amaral (2002, p. 55) “devido ao grau de convivência, o entrevistado tem condições de reportar com maior facilidade a fala de pessoas próximas, reproduzindo não só o discurso, mas também a prosódia, o estilo característico de cada indivíduo incluído na narrativa”. A hipótese de Amaral (2002, p. 55-6) é de que, com a inserção do discurso de pessoa próxima na própria narrativa, “o informante pode imprimir marcas associadas a um estilo mais formal em índice diferenciado do seu uso comum, especialmente quando reporta a fala da pessoa com quem mantenha, em determinados momentos, uma relação assimétrica”.

Em uma situação comunicativa, os interlocutores podem manter uma relação simétrica ou assimétrica. Em uma relação simétrica, os interlocutores estão em situação de

igualdade, por exemplo, entre amigos. Já em uma relação assimétrica, um dos falantes se posiciona de maneira superior ou inferior ao outro. E acreditamos que estas diferenças fazem com que os falantes optem pela variante mais formal *seu* em relação assimétrica de inferioridade, e pela variante *teu* em situações de igualdade ou de superioridade.

No exemplo abaixo, a informante reporta-se à maneira como seu pai se dirigiu a ela.

(16) Aí o pai só disse assim pra mim, poucas palavras: “**A tua vida** vai mudar daqui pra frente, e **teus irmãos** nunca vão dizer nada pra ti”, tudo que fosse assim: me xingasse, me chamasse de qualquer palavra feia, né? ele proibiu. (SCFLP20L1104)

Discurso de pessoa não-próxima: segundo Amaral (2002, p. 56), “o comportamento deste fator pode ser afetado pela visão que o reportador tem das características sociais (idade, classe social, ocupação etc.) das pessoas cujo discurso foi reportado”. Neste exemplo, o informante utiliza a variante *seu* ao se reportar à fala da professora ao falar com o pai da criança. A professora é tida como não-próxima ao falante. Diante deste exemplo, esperamos encontrar mais a variante *seu* nestes contextos.

(17) Por exemplo, quando nós íamos pra escola, que nós brigássemos na escola, a professora dizia alguma coisa pra ele (pai): “Olha, o **seu filho** fez isso, fez isso, aquilo.” (SCFLP04L252)

Discurso do próprio informante: com este fator, controlaremos a maneira com que o falante reporta sua própria fala. Amaral (2002, p. 56) salienta que “deve-se verificar se há alteração no padrão de aplicação do fenômeno estudado quando o informante reporta a própria fala em relação à média de aplicação ao longo de sua entrevista”¹⁴.

No exemplo que segue, o informante está se reportando à maneira com que falou ao se dirigir ao seu filho.

(18) Eu digo: “É, o pai esteve deitado no **teu travesseiro**, mas podes ficar certo que eu não vou mais me deitar no **teu travesseiro**”. (SCFLP04L367)

Nossa expectativa é que, nestes contextos, o informante utilize seu vernáculo. Porém, acreditamos que a variável *relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores*

¹⁴ Conforme exposto anteriormente, foram encontrados poucos dados de segunda pessoa nas entrevistas. Por este motivo não será possível controlar o comportamento do informante ao longo da entrevista, mas apenas nas ocorrências de discurso reportado.

(que será apresentada a seguir) esteja atuando também, como ilustra o exemplo (18), em que o informante está se reportando à maneira com que falou ao seu filho, portanto um discurso de superior para inferior.

3.5.2.7.2 Relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores

Nesta variável, foram incluídos os seguintes fatores: *superior se dirigindo ao inferior*, por exemplo, pai se dirigindo ao filho; *entre iguais*, entre amigos; e *inferior se dirigindo ao superior*, filho se dirigindo ao pai.¹⁵

Em Arduin (2004), este foi o terceiro grupo de fatores selecionado como significativo pelo programa VARBRUL. Para a variável *superior se dirigindo ao inferior*, o PR para o uso de *teu* foi 0,56; *entre iguais*, 0,74; e *inferior ao se dirigir ao superior*, 0,02. Tendo em vista a significância destes resultados, decidiu-se seguir com o controle desta variável, apesar da dificuldade de alcance das relações sociais nas quais as construções com *teu/seu* estão inseridas.

De acordo com Brown e Gilman (2003), nossa expectativa é de que: ao se dirigir ao inferior, a forma mais utilizada pelo superior seja *teu*, o que indica poder; na relação entre iguais, a forma mais utilizada seja a solidária *teu*; e no caso de inferiores se dirigindo aos superiores, a forma mais utilizada seja *seu*, indicando respeito e formalidade. Abaixo, apresentamos exemplos:

Relação assimétrica de superior para inferior:

(19) Ah, isso, às vezes eu digo assim (para os netos): “Vai lavar **teus** dentes!” Eles dizem: “Vó não é lavar os dentes é escovar” (RSPOA05L849)

¹⁵ As ocorrências que envolvem um grupo de fatores como este não são fáceis de serem categorizadas, pois, por exemplo, eu mantenho uma relação simétrica com minha mãe, com minha avó e as trato por *tu*, conseqüentemente utilizo *teu/tua* ao me dirigir a elas. Da mesma maneira que mantenho uma relação simétrica com minha orientadora (professora). No entanto, não temos como saber que tipo de relação os informantes mantêm com seus familiares ou com suas professoras, por exemplo, sobretudo os informantes pertencentes à segunda faixa etária, os mais idosos. Porém, acreditamos que isto não invalide a tentativa de controlar este grupo de fatores que parece ser tão importante para nossa análise.

Relação simétrica entre iguais:

(20) Aí quando eu voltei, uma antiga amiga, ela disse: "Não Sônia, **teu** lugar não é no tanque lavando roupa. Vamos trabalhar na minha loja lá". (RSPAN20L525)

Relação assimétrica de inferior para superior:

(21) Aí eu já sabia [pela] tinha uma porta nos fundos, eu já subia lá pela porta dos fundos na casa dele, trazia o chimarrão: "Seu Trindade, está aí o seu chimarrão." (RSSBO10L1144)

3.5.2.7.3 Interlocução entre as pessoas do discurso reportado

Neste grupo, estamos considerando a oração em que se encontra o verbo *dicendi*, e não a oração do discurso reportado, pois todas são de referência à segunda pessoa, uma vez que é onde se encontram nossos dados. Nossa intenção é cercar as possíveis variações que possam ocorrer nesses ambientes, se a relação entre as pessoas do discurso (BENVENISTE, 1995) são condicionadores dos possessivos *teu/seu*.

Nas entrevistas do Projeto VARSUL, encontramos ocorrências que retratam o que disse a primeira pessoa para a terceira pessoa, a terceira pessoa para a primeira pessoa e a terceira pessoa para a terceira pessoa¹⁶.

De primeira pessoa para terceira pessoa:

(22) Aí eu estava aqui dentro, quando ele chegou ali, eu olhei pra ele e disse: "Você não vai mais ficar aqui dentro de casa. Tudo o que é teu já está tudo arrumado, você pode pegar tudo o que é teu e ir-se embora porque eu não lhe quero mais aqui dentro de casa." (SCFLP03L724)

De terceira pessoa para primeira pessoa:

(23) Mas o meu pai contava: "Oh, tua mãe, quando tu nascente, daí o médico mandou esperar que vinha mais um", e tinha que ter mais alguma coisa. (SCBLU18L809)

De terceira pessoa para terceira pessoa:

(24) Aí então ela (filha) voltou, e depois o tio que ele esperou ela em Miami, no aeroporto, ele disse: "Vai visita teus pais, depois tu vens aqui". (SCBLU13L481)

¹⁶ A princípio, neste grupo, também incluímos primeira pessoa falando para segunda pessoa, segunda pessoa falando para primeira pessoa, segunda pessoa falando para terceira pessoa e terceira pessoa falando para segunda pessoa, porém não encontramos dados desta natureza em nosso *corpus*.

3.5.3 Variáveis independentes sociais

Para a análise dos pronomes possessivos de segunda pessoa, além das variáveis lingüísticas, faz-se necessária a análise de variáveis sociais. Para tanto, elencamos quatro variáveis sociais, controladas a partir do banco de dados VARSUL, a saber: faixa etária; sexo; escolaridade; região/etnia.

Em Loregian-Penkal (2004), todas as variáveis sociais se mostraram relevantes para a variação dos pronomes pessoais *tu/você*. Portanto, nossa expectativa é que ocorra o mesmo em nosso estudo, uma vez que acreditamos que haver estreita correlação entre os pronomes pessoais e os possessivos.

3.5.3.1 Faixa etária

São controladas as seguintes faixas etárias: 25 a 49 anos; e mais de 50 anos.

Para analisar a variação dos possessivos de segunda pessoa temos que pensar em dois planos, o da *inovação/conservadorismo* e *formalidade/informalidade*¹⁷.

Em relação à *inovação/conservadorismo*, a hipótese é de que a variante *seu* seja a mais utilizada pelos jovens por ser a forma inovadora na segunda pessoa, enquanto que a hipótese é de que os mais velhos utilizem a forma *teu* por ser a conservadora.

Quanto à *formalidade/informalidade*, é esperado que os mais idosos utilizem a forma *seu*, mais formal, e os mais jovens a forma *teu*, menos formal.

Com relação à idade, Menon (1996)¹⁸, ao analisar os pronomes possessivos de segunda pessoa com dados do VARSUL referentes à cidade de Curitiba¹⁹, encontrou uma variação acentuada entre *teu* e *seu*: uso preferencial de *seu* pelos mais idosos e de *teu* pelos mais jovens. Segundo a autora há uma tendência à mudança no uso das formas.

¹⁷ É válido ressaltar que formalidade existe independente da idade dos informantes; já o conservadorismo e a inovação são, tradicionalmente, associados a determinadas faixas etárias.

¹⁸ Neste estudo foram analisados 75 ocorrências e os resultados foram apresentados em PR.

¹⁹ Em que é absoluto o uso do pronome pessoal *você*.

Loregian-Penkall (2004), em seu estudo sobre a variação dos pronomes *tu* e *você* utilizando o banco de dados VARSUL²⁰, constatou que os informantes mais velhos utilizaram mais a forma *você*. A autora atribuiu este resultado ao fato de que

os falantes mais velhos dessas localidades poderiam ser mais formais que os mais jovens. Também que o uso de *tu* talvez esteja de fato associado a uma menor formalidade, ou a uma maior intimidade. Assim, na análise da variação na comunidade foi confirmada a nossa hipótese de que os falantes mais jovens da amostra usam mais a variante “mais íntima” *tu* que os de mais de 50 anos (LOREGIAN-PENKALL, 2004, p. 218).

Acreditamos que a variável *faixa etária* associada a outros grupos de fatores, tais como *sexo* e *escolaridade*, possa trazer resultados significativos para a análise da variação dos possessivos de segunda pessoa. Vale salientar que é um estudo de tempo aparente, e a distribuição dos resultados em função da faixa etária dará evidências para analisar se o fenômeno de variação encontra-se estável ou se é uma possível mudança em curso.

3.5.3.2 Sexo

Segundo Labov (2003), homens e mulheres não falam da mesma maneira. Segundo o autor, o comportamento sociolinguístico da mulher é bastante diferente do comportamento do homem. De um modo geral, elas são mais sensíveis às correções sociais que os homens e preferem as variantes linguísticas com maior prestígio social. Em seu estudo sobre o /r/ retroflexo nas lojas de Nova Iorque, Labov (1972-2003) concluiu que a variante inovadora e de prestígio ocorre mais frequentemente na fala das mulheres. O autor, porém, salienta que estas diferenças não são independentes da classe social, pois, por exemplo, a mulher de classe social mais baixa usa mais a forma não padrão na fala casual que os homens. Mas no estilo mais formal, elas mudam mais rapidamente e mostram um excessivo comportamento de hipercorreção. Além disso, as mulheres respondem de uma forma extrema a testes de reações subjetivas sendo mais propensas a estigmatizar o uso não-padrão.

O desempenho global do comportamento da mulher se encaixa em um princípio sociolinguístico geral postulado por Labov (2003, p. 245): “those who use more non-standard

²⁰ A autora analisou as localidades catarinenses (Florianópolis, Blumenau, Chapecó, Lages e Ribeirão da Ilha) e gaúchas (Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja) para a execução do estudo.

forms in their own casual speech will be most sensitive to those forms in the speech of others”.

Loregian-Penkhal (2004) constatou que as mulheres apresentam maior probabilidade de uso do pronome *tu*. A autora considerou este resultado como “um indício de que o pronome *tu* possui prestígio social nessas localidades, uma vez que a tendência das mulheres é se mostrarem mais conservadoras ou observadoras da variante de maior prestígio” (LOREGIAN-PENKAL, 2004, p. 216).

Menon (1996), analisando dados de Curitiba, verificou maior uso do pronome *teu* na fala dos homens, o que a autora acredita ser uma marca de agressividade²¹. Já as mulheres utilizam mais a forma *seu*, “que apontaria para um discurso mais respeitoso, mais polido e mais conservador” (MENON, 1996, p 107).

Oliveira e Silva (1998), em seu estudo sobre as formas *seu* e *dele*, constatou que as mulheres utilizam mais a forma de prestígio *seu* do que os homens. Ao cruzar dados referentes a sexo e escolaridade, verificou que as mulheres respondem um pouco melhor à escolarização que os homens, pois utilizam mais a forma *seu*, exceto no caso dos jovens, em que os homens tendem a utilizar mais a variante *seu*.

Apesar de os estudos expostos acima (LOREGIAN-PENKAL, 2004; MENON, 1996) apontarem direções opostas, é válido ressaltar que se tratam de estudos com dialetos distintos, o primeiro com dados de pronomes pessoais das cidades dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e o segundo com pronomes possessivos da cidade de Curitiba. Assim, seguiremos nossa hipótese geral do paralelismo formal (entre o pronome pessoal e o possessivo) e aventaremos a hipótese de que as mulheres utilizem mais a forma *teu* e os homens utilizem mais a forma *seu*, de acordo com o estudo de Loregian-Penkhal (2004).

No entanto, Paiva (2004) salienta que do cruzamento com outras variáveis independentes como classe social, idade, estilo de fala “podem emergir padrões de correlação diferenciados que apontam a relatividade das correlações entre uso de variantes lingüísticas e

²¹ É válido ressaltar que o sistema pronominal da cidade de Curitiba se distingue do sistema pronominal das outras duas regiões do sul do Brasil (Rio Grande do Sul e Santa Catarina).

o gênero/sexo do falante” (p. 37). Portanto, para discutir esta variável, foram feitas rodadas cruzando o grupo de fatores *sexo* com outros grupos de fatores sociais.

3.5.3.3 Escolaridade

Nesta variável são controlados três níveis de escolarização: primário (correspondentes a 4 anos de escolarização); ginásio (até 8 anos de escolarização); colegial (até 11 anos de escolarização).

A escola tende a interferir na fala e na escrita das pessoas que a freqüentam, atuando como preservadora das formas de prestígio (VOTRE, 2004). Nos possessivos de segunda pessoa não há propriamente o que prescrever por não haver uma forma estigmatizada. No entanto, as gramáticas tradicionais informam que “com *você(s)/ o(s) senhor(es)/ a(s) senhora(s)* a correspondência se dá com os pronomes de terceira pessoa: *o(s)/ a(s)/ lhe(s)/ seu*”. Estas mesmas gramáticas condenam o que se chama de *mistura de tratamento*, ou seja, a utilização dos pronomes *seu/sua* acompanhando o pronome *tu* ou *teu/tua* acompanhando o pronome *você* (FARACO, 1996, p.70).

Menon (1996, p. 104), entretanto, afirma que “não se trata de *mistura de tratamento*”. Segundo a autora, o que está em jogo na distribuição dos possessivos de segunda pessoa “está relacionado a aspectos de familiaridade, respeito e formalidade na relação falante/possuído”.

Oliveira e Silva (1998, p. 297-9), em seu estudo sobre as formas *seu* e *dele*, constatou uma correlação direta entre o uso da forma *seu* e o grau de escolarização. Em seus resultados encontrou 4% de uso da forma *seu* para o primário, 9% para o ginásio e 17% para o colegial. Em relação a esta variável, Oliveira e Silva (1984, p. 101) encontrou PR de 0,88 de uso da forma *seu* (terceira pessoa) com informantes de nível superior, e PR de 0,26 em informantes alfabetizando²².

²² Programa de alfabetização de adultos MOBREAL.

No estudo de Menon (1996), a autora encontrou os seguintes resultados: primário 0,59 de uso de *seu*: ginásio, 0,58 de uso de *seu*; e, ao contrário do esperado, no colegial encontrou PR de 0,80 de uso do *teu*. O esperado era maior uso de *seu* nos mais escolarizados acompanhando o pronome *você*, já que, em Curitiba, o único pronome pessoal utilizado é *você*.

Nossa expectativa é de que, com o aumento do grau de escolarização, os informantes passem a utilizar o possessivo *teu* acompanhado do pronome *tu*, e *seu* com o uso de *você*. Para tanto, fizemos o cruzamento do grupo de fatores *escolaridade* e *paralelismo formal*.

3.5.3.4 Região/ Etnia

Com esta variável objetivamos controlar em que medida a alternância dos pronomes possessivos de segunda pessoa *teu/seu* é influenciada pela localidade/etnia. São controladas as seguintes localidades:

- a) Florianópolis (capital, etnia açoriana);
- b) Porto Alegre (capital);
- c) Flores da Cunha (etnia italiana);
- d) Chapecó (etnia italiana);
- e) Blumenau (etnia alemã);
- f) Panambi (etnia alemã);
- g) Lages (caminho dos tropeiros);
- h) São Borja (zona de fronteira).

Loregian-Penkall (2004, p. 216) constatou que Chapecó apresenta maior PR associado ao uso de *tu*, o segundo foi Ribeirão da Ilha²³, seguido por São Borja, Porto Alegre e Blumenau. Ao contrário, Flores da Cunha, Florianópolis, Panambi e Lages apresentam PR que desfavorece o uso de *tu*.

²³ Em nosso estudo não estamos controlando esta localidade.

Baseando-nos neste estudo, nossa expectativa é que essa tendência se confirme com os pronomes possessivos, uma vez que uma de nossas hipóteses é de que o princípio do *paralelismo formal* esteja atuando nos pronomes possessivos. Os falantes que utilizam o pronome pessoal *tu* tendem a utilizar o possessivo *teu*. Portanto, nossa expectativa é que em Chapecó, São Borja, Porto Alegre e Blumenau, os informantes utilizem mais o pronome *teu*; já em Flores da Cunha, Florianópolis, Panambi e Lages, a tendência seja o uso do pronome *seu*. Essa hipótese se deriva dos resultados de Loregian-Penkal (2004), a respeito do uso dos pronomes pessoais *tu* e *você*.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na presente seção, apresentamos e discutimos os resultados obtidos nas rodadas do pacote estatístico VARBRUL no estudo sobre a variação no uso dos possessivos de segunda pessoa *teu* e *seu*. Os resultados são discutidos à luz dos pressupostos teóricos apresentados anteriormente e comparados com os resultados obtidos em outros trabalhos sobre o tema.

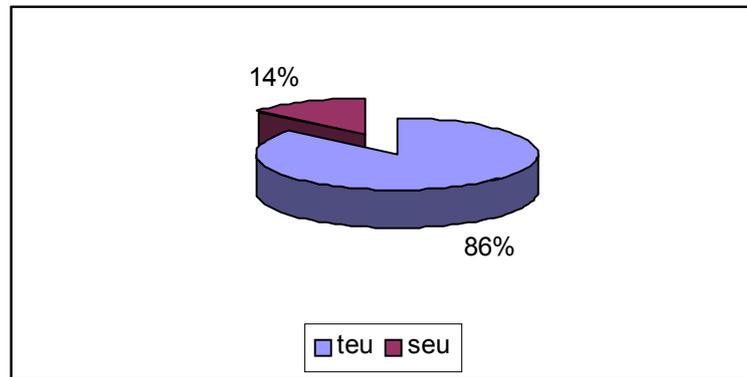
Optamos por apresentar os resultados do programa VARBRUL em subseções que são apresentadas tematicamente. A primeira subseção é a que envolve as variáveis lingüísticas de base sintático-semânticas; a segunda, as variáveis de base estilístico-discursivas; e a terceira, as variáveis sociais¹. Esta disposição nos pareceu ser a mais interessante para a discussão e a interação entre as variáveis.

4.1 ANÁLISE GERAL

A amostra analisada apresentou 415 ocorrências de possessivos de segunda pessoa *teu* e *seu*. Dentre estas, houve a presença maciça do pronome *teu*, com 356 ocorrências, correspondendo a 86% do total. As ocorrências com o possessivo *seu*, 69, correspondem a apenas 14% do total, conforme ilustra o gráfico abaixo:

¹ Optamos por esta divisão, pois a primeira variável selecionada significativa foi o *paralelismo formal*, de base sintático-semântica, a segunda selecionada significativa foi de base estilístico-discursiva e a terceira de base social.

Gráfico 1: Distribuição dos possessivos *teu* e *seu* em nossa amostra



Este resultado confirma nossa hipótese central, de que os informantes gaúchos e catarinenses utilizariam com maior frequência a variante *teu* do que a variante *seu*, uma vez que o pronome pessoal *tu* é bastante recorrente na fala dos informantes destes dois estados. Segundo Loregian-Penkall (2004), dos 203 informantes analisados 8 não utilizaram nenhum pronome (*tratamento zero*) e 91 foram categóricos. Destes, 78 utilizaram apenas o pronome *tu* ao longo da entrevista e somente 15 informantes utilizaram apenas o pronome *você* ao longo da entrevista.

Os grupos de fatores selecionados como significativos pelo programa VARBRUL, por ordem de relevância, foram:

- 1º Paralelismo formal;
- 2º Relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores;
- 3º Sexo;
- 4º Pessoa do discurso reportado;
- 5º Faixa etária;
- 6º Escolaridade.

A única variável lingüística selecionada como significativa é o *paralelismo formal*. Os demais fatores selecionados relevantes são variáveis de base estilístico-discursivas e sociais, indicando que, na verdade, o que está em jogo na variação dos possessivos *teu/seu* são as determinações socioculturais do informante.

Estes resultados, de um modo geral, confirmam nossas hipóteses gerais de que os fatores estilístico-discursivos e sociais são determinantes na variação destes possessivos.

Acreditamos que na variação dos possessivos *teu/seu* estão em jogo as relações de poder e solidariedade entre os interlocutores (BROWN e GILMAN, 2003) e suas determinações sociais.

A seguir, passamos a discutir os resultados, começando pelas variáveis lingüísticas de ordem sintático-semântica. Para as rodadas, estipulamos como *aplicação da regra* o uso do pronome possessivo *teu*².

4.2 VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS DE ORDEM SINTÁTICO-SEMÂNTICAS

4.2.1 Paralelismo formal

Como já apontado anteriormente, o paralelismo formal foi o primeiro grupo dado como significativo pelo programa VARBRUL no condicionamento do uso dos possessivos *teu* e *seu*.

Loregian-Penkall (2004), ao controlar a variável *alternância dos pronomes pessoais tu e você no mesmo período*, constatou que a mesma foi selecionada na rodada das três cidades do interior do Rio Grande do Sul, cujos valores são expressos na tabela abaixo:

Tabela 3: Alternância de pronomes em Flores da Cunha, Panambi e São Borja

Fatores	Flores da Cunha, Panambi e São Borja		
	Apl./total	%	P.R.
Pronome <i>tu</i> usado anteriormente ao <i>você</i> no mesmo período	18/35	51%	0,36
Pronome <i>você</i> usado anteriormente ao <i>tu</i> no mesmo período	9/15	60%	0,67
Total	27/50	54%	

Fonte: Loregian-Penkall (2004, p. 151).

Os resultados de Loregian-Penkall (2004) apontam que, quando o falante começa o período utilizando o pronome *você*, há tendência a utilizar na seqüência o pronome *tu*, com

² Devido ao *paralelismo* com o pronome *tu*, característico da região Sul.

PR de 0,67. No entanto, quando o falante começa o período utilizando o pronome *tu*, o PR de 0,36 indica pouca tendência a utilizar o pronome *você* em seguida. A autora salienta que são poucos dados, o que limita qualquer conclusão. Este resultado é relevante, pois atesta que os informantes dessa amostra alternam entre os pronomes pessoais *tu* e *você* no mesmo período, e pretendemos controlar que pronomes possessivos esses informantes utilizam com os pronomes pessoais *tu* e *você*.

Nossa hipótese para este grupo de fatores é de que haja o paralelismo formal entre o pronome pessoal *tu* e o possessivo *teu*; por outro lado, esperamos que haja baixa tendência de uso do pronome *você* acompanhado pelo possessivo *teu*.

A seguir, apresentamos a tabela com os resultados obtidos:

Tabela 4: Freqüência e probabilidade de uso do possessivo *teu* segundo a variável paralelismo formal (input 0,97)

Fatores	Aplicação/total	Percentual	Peso Relativo
<i>Teu</i> com sujeito <i>tu</i>	143/144	99%	0,90
<i>Teu</i> com vocativo	18/21	86%	0,60
<i>Teu</i> com sujeito nulo ³	136/176	77%	0,23
<i>Teu</i> com sujeito <i>você</i> ⁴	59/74	80%	0,19
Total	356/415	86%	

Os resultados expressos na tabela acima confirmam nossas hipóteses quanto ao *paralelismo formal* entre o pronome pessoal e o possessivo, pois 99% das ocorrências com o possessivo *teu* se deram acompanhadas pelo pronome pessoal *tu*. O PR 0,90 confirma esta leitura, ou seja, o pronome *tu* se comporta como um forte favorecedor ao uso do possessivo *teu*, atestando assim o princípio lingüístico do *paralelismo formal*, postulado por Scherre e

³ Por ainda não encontrarmos uma terminologia suficientemente clara vamos utilizar a terminologia de *sujeito nulo* (DUARTE, 1995).

⁴ Este fator foi amalgamado ao fator *Teu/seu* com sujeito *O(a) senhor(a)*, devido ao knockout ocorrido, pois houve somente duas ocorrências de *O(a) senhor(a)* e ambas com o possessivo *seu*.

Naro (1993), de que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros⁵. O exemplo abaixo ilustra o paralelismo entre o pronome pessoal *tu* e o possessivo *teu*:

(1) É, **tu** crias um animal, **tu** vais abater aquele animal, **tu** vais aproveitar tudo que **tu** puderes, né? porque **tu** sabes o **teu** trabalho, né? tem que valorizar o **teu** trabalho.
(RSSBO09L173)

O informante após utilizar o pronome *tu*, também utiliza o possessivo *teu*.

Já a presença do pronome pessoal *você* age como desfavorecedor do uso do possessivo *teu*. Embora a frequência de 80% seja alta⁶, o PR de 0,19 indica que a probabilidade de ocorrência é baixa, confirmando, novamente o efeito do *paralelismo*.

As ocorrências de *vocativo* também se comportaram como leve favorecedoras ao uso do possessivo *teu*, embora com PR mais baixo, de 0,60. Nestas ocorrências não há influência do princípio paralelismo formal por não haver nenhum dos pronomes pessoais (*tu* e *você*) expressos no período.

O uso de *teu* com sujeito nulo (sem nenhum pronome pessoal expresso no período), embora com alto percentual (77%), não é recorrente, fato evidenciado pelo PR de 0,23. Diante deste resultado, nos remetemos a Abreu (1987), que atribui que a escolha do sujeito nulo, ou, nos termos da autora, “pronome de tratamento-zero” (p. 92), possa estar relacionada à dificuldade que o falante encontra em optar pelo uso da forma íntima ou cerimoniosa na situação comunicativa, optando então pelo sujeito nulo. Quando o falante não sabe qual forma de tratamento usar, opta pelo sujeito nulo, e o PR de 0,23 para uso de *teu* (forma íntima) pode estar relacionado à tendência de o falante utilizar a variante mais formal *seu* quando não sabe qual pronome de tratamento usar.

Estes resultados confirmam a tendência lingüística do *paralelismo formal*, atestando, desta maneira, que os pronomes pessoais *tu* e *você* exercem influência no uso dos pronomes possessivos de segunda pessoa *teu* e *seu*.

⁵ Este é um princípio generalizado a partir da concordância (verbal e nominal); estamos transpondo esse princípio para a relação entre pronomes pessoais e possessivos, ou seja, o pronome *tu* acompanha o pronome *teu* e o pronome *você* acompanha o pronome *seu*.

⁶ Analisando a tabela acima, constatamos que todas as percentagens são altas (acima dos 75%), isto se deve ao fato de que o possessivo *teu* foi a variante mais utilizada pelos informantes.

4.3 VARIÁVEIS ESTILÍSTICO-DISCURSIVAS⁷

Foram controladas três variáveis estilístico-discursivas; dentre elas, duas foram consideradas significativas pelo programa VARBRUL, a saber: *relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores* (o segundo grupo de fatores selecionado); e *pessoa do discurso reportado* (o quarto grupo selecionado significativo). Passamos a apresentar os resultados obtidos com estas variáveis⁸.

4.3.1 Relações simétricas/assimétricas⁹ entre os interlocutores

Este foi o segundo grupo de fatores selecionado significativo para a variação dos possessivos *teu/seu* pelo programa VARBRUL.

Conforme explicitado na metodologia, esta variável só é controlada nas ocorrências de discurso reportado, por ser este um ambiente em que se pode resgatar o tipo de relação que mantinham as pessoas envolvidas na interação de discurso reportado (AMARAL, 2003), se entre pais e filhos, patrão e empregado, entre amigos, etc.

Amaral (2002, p. 54) salienta que “as relações de poder entre indivíduos podem ser simétricas ou assimétricas, e isso depende exclusivamente do contexto discursivo”. No trabalho de 2003, Amaral, ao controlar esta variável, elencou os seguintes fatores: *relações simétricas; relações assimétricas com superioridade do falante; relações assimétricas com inferioridade do falante; impossível definir se há simetria ou assimetria nas relações; / (não se aplica) casos em que não há relações de poder envolvidas.*

Em nosso estudo, estamos analisando da seguinte maneira:

⁷ É válido ressaltar que estas variáveis foram controladas somente nas ocorrências de discurso reportado, por ser o único ambiente possível de controlar estas relações. As demais ocorrências foram categorizadas como *não se aplica*.

⁸ Como informado na metodologia, houve entrevistas em que não encontramos nenhum dado, em algumas encontramos apenas um ou dois dados, por este motivo se tornou inviável fazer o que sugere Amaral (2002, p. 56) “[...] deve-se verificar se há alteração no padrão de aplicação do fenômeno estudado quando o informante reporta a própria fala em relação à média de aplicação ao longo de sua entrevista.”

⁹ Relações simétricas são relações de igualdade entre os interlocutores. Nas relações assimétricas há superioridade ou inferioridade de um dos interlocutores.

- relações assimétricas de superior para inferior; por exemplo, pai se dirigindo ao filho;
- relações simétricas entre iguais; entre amigos, irmãos, primos, etc.;
- relações assimétricas de inferior para superior; por exemplo, filho se dirigindo ao pai.

O estudo de Ramos (1989), sobre a variação dos pronomes *tu* e *você*, apontou o pronome pessoal *tu* (mediante o questionário de atitudes), como mais íntimo, mais próximo e menos formal. E o pronome *você* foi apontado como mais distante e mais formal. Diante desse resultado, estamos considerando o pronome *teu* como a forma solidária, íntima e menos formal, portanto nossa expectativa é de que seja utilizado em discursos de *superior para inferior* e *entre iguais*. Ao contrário, esperamos encontrar maior probabilidade de uso de *você* em discursos de *inferior para superior* por ser uma forma de poder, não-íntima e mais formal.

Abaixo, apresentamos um exemplo de uma informante da cidade de Lages em que podemos visualizar estas relações. Podemos ver que, no exemplo (2), quando a informante se reporta à sua fala se dirigindo à sua mãe (*inferior para superior*), utiliza a variante *seu*; depois, ao se reportar à fala de sua mãe ao se dirigir a ela (*superior para inferior*), utiliza a variante *teu*:

(2) Porque eu era uma guria que não saía de casa nem nada, o que é que tinha acontecido, né? Daí eu falei pra ela (mãe) assim: "Não, é porque a tia Ana falou que eu não sou **sua** filha." Ela ficou bem louca, ficou bem atentada, sabe? com a minha tia assim, sabe? Queria ir lá brigar com a minha tia e coisa e tal. Daí ela me contou a história. Daí ela me contou, ela disse assim: "Olha, então já que você sabe, então vou te contar. Você não é minha filha mesmo, mas eu te quero muito mais bem do que o meu próprio filho. [Você] eu te peguei pequenininha e vocês são em cinco irmãos. [E a] [e a **tua** mãe] o **teu** pai ficou doente, foi para o hospital em Curitiba, né? E daí que ele morreu lá." (SCLGS01L191)

Quando se reporta à fala de sua irmã (*entre iguais*), utiliza a variante *teu*:

(3) Eu e as duas irmãs minhas brincávamos. Aí eu chamava a minha mãe e ela dizia: "Essa aqui não é a **tua** mãe. **Tua** mãe é minha mãe." (SCLGS01L271)

A partir desses exemplos, visualizamos o que ocorre nas interações entre os falantes e temos evidências de que os falantes percebem as diferenças estilísticas existentes entre as formas em variação.

Abaixo, apresentamos a tabela com os resultados obtidos:

Tabela 5: Frequência e probabilidade de uso do possessivo *teu* segundo a variável relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores (input: 0,97)

Fatores	Aplicação/ total	Percentual	Peso Relativo
Superior > inferior	87/96	91%	0,65
Entre iguais	62/68	91%	0,56
Inferior > superior	11/25	44%	0,05
Total	160/189	85%	

Conforme se pode observar na tabela acima, no discurso de *superior para inferior* há alta frequência de uso do possessivo *teu*: 91%, acompanhada de PR de 0,65, o que aponta uma tendência ao uso do possessivo *teu* neste tipo de discurso. Já a frequência de uso de 44% de *teu* no discurso de *inferior para superior*, acompanhada de PR de 0,05, é considerada um ambiente desfavorecedor do uso deste possessivo. Esse resultado comprova o que Brown e Gilman (2003) estabelecem a respeito do tratamento entre os interlocutores: o *superior* trata o *inferior* por *teu*¹⁰, mas recebe o tratamento *seu*, numa relação assimétrica de poder, como podemos constatar no exemplo (2) acima.

No discurso *entre iguais*, observamos alta frequência de uso do possessivo *teu*, 91% e PR de 0,56. Embora próximo ao ponto neutro, este PR indica uma leve tendência ao uso deste possessivo, como se, neste discurso, a forma solidária *teu* fosse a preferida.

Consideramos estes resultados de suma importância para nosso estudo, pois fundamentam as hipóteses quanto à influência da semântica do poder e da solidariedade na variação dos possessivos de segunda pessoa. Os resultados indicam que o possessivo *seu* é mais formal e inspira maior respeito em relação ao interlocutor, e, por consequência, maior uso na relação de *inferior para superior*. O possessivo *teu* representa a forma solidária, usada *entre iguais*, e a forma de *superior para inferior*. Portanto, nos dialetos estudados, há diferença semântica quanto ao respeito e à formalidade no uso dos pronomes possessivos, confirmando nossas hipóteses.

¹⁰ Brown e Gilman (2003) analisam as formas de tratamento *tu*, *você* e *o senhor*. Quando falamos em *teu* e *seu* estamos fazendo uma associação entre as formas de tratamento de segunda pessoa e os pronomes possessivos de segunda pessoa.

Abaixo, apresentamos outro exemplo em que podemos ver as relações existentes entre os informantes quanto ao grau de respeito que há entre os interlocutores:

(4) Então ele (Sr. Sabadim) diz: “Djaime, a hora que **tu** quiseres vem aqui, ó, tem vinho aqui, nem que **tu** chegues aqui e diz: “O Seu Sabadim, eu quero só tomar vinho **seu**, nem quero falar com o Senhor, eu fico [<sentado->]”. Ele diz assim, né? diz: “Eu fico sentado no **teu lado** então, ali, só pra ver **você** tomar o vinho.” (SCCHP18L302)

No exemplo acima, ocorre uma situação muito interessante, pois o falante se reporta à fala do Seu Sabadim ao se dirigir a ele: Então ele (Sr. Sabadim) diz: “*Djaime, a hora que **tu** quiseres vem aqui, ó, tem vinho aqui, nem que **tu** chegues aqui e diz: (...)*. Nesta situação, o Seu Sabadim trata o falante por *tu*.

Depois há o discurso reportado do Seu Sabadim, a maneira como o falante deve se dirigir a ele: “*O Seu Sabadim, eu quero só tomar vinho **seu**, nem quero falar com o Senhor, eu fico [<sentado->]*”¹¹. Neste momento, o falante o trata por Seu Sabadim e utiliza o possessivo *seu*.

No final, novamente o informante se reporta à fala do Seu Sabadim, ao se dirigir a ele (falante, Djaime), “*Ele (Seu Sabadim) diz assim, né? diz: ‘Eu fico sentado no **teu lado** então, ali, só pra ver **você** tomar o vinho.’* Então, o Seu Sabadim se dirige ao falante por *teu* e utiliza o pronome *você*.

Neste exemplo, ocorre o previsto em nossas hipóteses: quando o Seu Sabadim se dirige ao informante, utiliza a forma *teu*. E quando o falante se dirige ao Seu Sabadim, utiliza a forma *seu*. Nesses discursos de *superior para inferior*, *entre iguais* e de *inferior para superior*, também estão relacionados os aspectos de atenção prestados à fala (LABOV, 2003). Quando nos dirigimos a uma pessoa hierarquicamente *superior*, tendemos a monitorar a fala, optando, portanto, pela variante mais formal, no nosso caso, *seu*. Enquanto que, quando nos dirigimos a uma pessoa hierarquicamente *inferior*, ou *entre iguais*, há a tendência a não monitorar a fala dando preferência à variante mais informal *teu*. Isto fica evidenciado nos PRs encontrados para estes diferentes tipos de discurso reportado, como já mencionamos.

¹¹ Não temos como saber ao certo se este trecho realmente foi proferido pelo Seu Sabadim ou se é a forma como o falante (Djaime) se reportaria à fala do Seu Sabadim.

Também devemos levar em consideração a identidade social do emissor e do receptor (CAMACHO, 2001) nestes discursos. Há a preocupação, por parte do falante, em se adaptar ao seu receptor (ouvinte), por esta razão há a opção pela variante mais formal, *seu*, ao se dirigir a um *superior*. Ao contrário, quando se dirige a um *inferior* ou *entre iguais*, a opção pela forma mais íntima e menos formal, *teu*, é a preferida.

Os resultados obtidos para esta variável são de suma importância, pois atestam que a variação dos possessivos *teu/seu* são de base estilística (LABOV, 1972-2003) sendo motivada pela semântica do poder e da solidariedade (BROWN e GILMAN, 2003).

4.3.2 Pessoa do discurso reportado¹²

Neste momento, apresentamos os resultados referentes ao quarto grupo selecionado significativo pelo programa, que é a pessoa a quem se reporta, outro grupo que só foi controlado nas ocorrências de discurso reportado.

Neste grupo, estamos controlando os seguintes fatores: *discurso do próprio informante*, *discurso de pessoa próxima* e *discurso de pessoa não-próxima*.

Acreditamos que o uso do pronome possessivo *seu* está associado a um estilo mais formal, por este motivo nossa expectativa é encontrar um maior uso do possessivo *seu* em *discursos de pessoas não-próximas*, por acreditar que nesse tipo de discurso há um monitoramento na fala do falante ao se reportar à fala de pessoa não-próxima. Quanto ao possessivo *teu*, nossa expectativa é encontrar um maior uso em *discursos de pessoas próximas* ou no *discurso do próprio informante*¹³.

Abaixo, é apresentada a tabela com os resultados obtidos:

¹² O terceiro grupo selecionado como significativo é o *sexo* do informante, no entanto, deixaremos para discutir esta variável na próxima subseção, que compreende as variáveis sociais.

¹³ No entanto, sabemos que este grupo está relacionado também às relações simétricas e assimétricas.

Tabela 6: Freqüência e probabilidade de uso do possessivo *teu* segundo a variável *pessoa a quem se reporta* (input: 0,97)

Fatores	Aplicação/total	Percentual	Peso Relativo
Discurso de pessoa próxima	51/53	96%	0,76
Discurso do próprio informante	67/76	88%	0,59
Discurso de pessoa não-próxima	42/60	70%	0,19
Total	160/189	85%	

Os resultados expressos na tabela acima atestam nossas hipóteses, pois constatamos alta probabilidade de uso do possessivo *teu* com PR de 0,76 em *discurso de pessoa próxima*. Abaixo, apresentamos um exemplo em que o pai se dirige à filha, utilizando, a variante *teu*:

(5) O pai disse: "Olha, minha filha, que tu vais ganhar o **teu** dote, mas vocês têm que ver o que vocês querem começar, o que vai ser, porque uma vez saiu de casa, tem que saber se sustentar, (est) eu vou dar o começo." (RSPAN05L381)

A partir de exemplos como este, exposto acima, reforçamos a suposição de que as relações entre os informantes (*superior para inferior*, *entre iguais* ou *inferior para superior*) são importantes na escolha dos possessivos *teu* e *seu*.

No *discurso do próprio informante*, acreditamos que o que está em jogo também são as relações simétricas ou assimétricas entre os interlocutores, ou seja, a pessoa a quem o discurso está sendo dirigido. O PR de 0,59 indica este fator como um leve favorecedor ao uso do possessivo *teu*.

Novamente, nossa hipótese sobre as questões de poder e solidariedade é confirmada pelos nossos resultados, pois o PR de 0,19 para o *discurso de pessoa não-próxima* aponta que, ao se reportar a uma pessoa que não seja conhecida, o informante tende a utilizar a forma de poder, ou seja, o possessivo *seu*. Nossos resultados seguem os de Amaral (2003, p. 143)¹⁴, em que nos *discursos de pessoas não-próximas* os informantes tendem a concordarem¹⁵ mais, com PR de 0,60¹⁶.

¹⁴ Amaral (2003) estuda a concordância verbal de segunda pessoa do singular.

¹⁵ A marca de concordância é considerada a variante mais formal.

¹⁶ O *discurso de pessoa próxima* e o *discurso do próprio informante* apresentaram PR próximo ao ponto neutro, 0,53 e 0,51, respectivamente.

Abaixo, apresentamos um exemplo de *discurso de pessoa não-próxima*:

(6) Digo: "Não senhor, pra isso eu estou perguntando, porque eu tenho obrigação de saber". Disse (médico): "Pois olha, o **seu** marido não sara porque ele está com câncer no pulmão." Ah! eu botei as mãos na cabeça e digo: "O senhor nem me diga **doutor** disso aí." (SCLGS05L360)

Neste exemplo, a informante está se reportando à fala do médico, atestando que no *discurso de pessoa não-próxima* há um maior cuidado na fala, sendo maior o uso do possessivo *seu*, resultado que comprova a hipótese da preferência pela variante mais formal neste tipo de discurso. Portanto, há um maior monitoramento na fala para se adequar ao ouvinte.

O exemplo (6) ilustra o que Labov (2003, p. 234)¹⁷ trata como relações do falante, público, local e tópico (assunto). É um bom exemplo para demonstrar os indícios de formalidade da situação apresentada, em que o discurso é de um médico se dirigindo à esposa do seu paciente, portanto uma pessoa não-próxima a ele, provavelmente no hospital ou no seu consultório, e o assunto é o câncer no pulmão. Este exemplo apresenta todas as condições estilísticas para que se utilize a variante mais formal *seu*.

Neste momento, passamos aos resultados dos cruzamentos realizados entre nossos grupos de fatores. O primeiro é o cruzamento entre *relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores e pessoa do discurso reportado*¹⁸, pretendemos verificar em que medida as variáveis estão inter-relacionadas.

Abaixo, apresentamos a tabela com os resultados:

¹⁷ Conforme Capítulo 2 desta dissertação.

¹⁸ Estes dois grupos de fatores mostraram-se relevantes em nossa rodada estatística.

Tabela 7: Cruzamento entre a variável *relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores e pessoa do discurso reportado*

	Discurso próprio informante		Discurso de pessoa próxima		Discurso de pessoa não-próxima		Total	
	Apl/ total	%	Apl./total	%	Apl./ total	%	Apl/total	%
Entre iguais	34/35	97	20/20	100	8/13	62	62/68	91
Superior > inferior	27/28	96	28/28	100	32/40	80	87/96	91
Inferior > superior	6/13	46	3/5	60	2/7	29	11/25	44
Total	67/76	88	51/53	96	42/60	70	160/189	85

A partir dos resultados da tabela acima, observamos que o contexto menos favorecedor ao uso do possessivo *teu* é o *discurso de inferior para superior*, sobretudo o *discurso de pessoa não-próxima*, com o menor percentual da tabela, 29%. Diante do resultado de 2 ocorrências em um total de 7 ocorrências, procuramos estas duas ocorrências a fim de verificar em que ambiente aconteceram, uma vez que o esperado era não encontrar nenhuma ocorrência com *teu* neste ambiente. As ocorrências seguem abaixo:

(7) Nós somos pecadores, mas ele não é. Daí o outro cara falou. "Mestre, lembra-te de mim quando entrares no **teu** paraíso." Daí o candidato da última hora: "Hoje mesmo tu estará comigo no paraíso." (inint), candidato da última hora. (RSSBO21L00)

(8) Senhor, mestre, o lado direito é baixo o rio, não tem nada de peixe aí. Não tem! "Não, mas-" O Pedro já respondeu: "Mas sobre a **tua** palavra eu vou lançar a rede." Lançou. Lançou [a rede]- armou a rede. "Tira, agora." Tirou. (RSSBO21L00)

Podemos constatar que estas duas ocorrências foram proferidas em um discurso bíblico de um mesmo informante. Por estas duas ocorrências estarem em contexto bíblico, nos permitimos fazer generalizações sem considerá-las.

Acreditamos, portanto, que o *discurso de pessoa não-próxima*, sobretudo de *inferior para superior* pode ser considerado o ambiente mais formal na situação de entrevista devido à não-ocorrência de *teu* neste ambiente (somente estes dois casos expostos acima). Este resultado aproxima-se dos resultados encontrados anteriormente, na análise dos grupos em separado.

Percebemos que há um certo "cuidado" ou um maior monitoramento na fala ao se reportar a uma *pessoa não-próxima*, pois todos os percentuais mantiveram-se baixos, se comparados aos *discursos do próprio informante* ou *discurso de pessoa próxima*. Ilustramos

com os exemplos abaixo, de um mesmo informante da cidade de Florianópolis, pertencente à primeira faixa etária (25 a 49 anos), sexo masculino, de nível primário. Em sua fala, podemos constatar algumas diferenças estilísticas.

(9) Por exemplo, quando nós íamos pra escola, que nós brigássemos na escola, a professora dizia alguma coisa pra ele (pai) : “Olha, o **seu filho** fez isso, fez isso, aquilo.” (SCFLP04L252)

(10) Eu digo: “É, o pai esteve deitado no **teu travesseiro**, mas podes ficar certo que eu não vou mais me deitar no **teu travesseiro**”. (SCFLP04L367)

(11) Agora só que **você** fez errado, não ter avisado para o pai, não ter chegado para o pai e ter dito. **Teu pai**, também não ia te bater, não ia te fazer nada. (SCFLP04L1133)

(12) Nunca deixava ela na rua pra ir até em casa, não. Entrava e dizia: “**Sua filha** está aqui.” E assim fui indo. (SCFLP04L734)

Podemos observar que, quando o informante se reporta à *fala da professora*¹⁹ no exemplo (9), ao se dirigir ao seu pai (pai dele), utiliza a variante de poder, seu, indicando maior respeito, menos familiaridade e mais formalidade²⁰.

Nos exemplos (10) e (11), em que reporta *sua própria fala* ao se dirigir ao seu filho, o informante utiliza a forma solidária mais familiar, menos formal, pois está se dirigindo a um *inferior*.

No exemplo (12), o informante se reporta à sua própria fala ao se dirigir à sua sogra. À sogra, sendo uma pessoa mais velha, que se deve maior respeito, a forma *seu* é usada.

Exemplos como estes são de suma importância para nossa análise, pois a partir deles podemos observar as diferenças estilísticas existentes ao se reportar às diferentes pessoas e ao se dirigir a diferentes pessoas em contextos distintos. Ao se reportar ao discurso da professora, e ao se reportar à maneira como fala com sua sogra, o informante opta pela variante *seu*. Enquanto que, quando se reporta à sua maneira de falar com seu filho, utiliza a variante *teu*.

¹⁹ Estamos considerando o discurso da professora um *discurso de pessoa não-próxima*, pois de fato, ela não é uma pessoa tão próxima como os pais, irmãos, avós, etc. No entanto, sabemos que muitas vezes temos mais contato com a professora do que com certos familiares. Além disso, sabemos que, dependendo da época, mudam as relações sociais.

²⁰ Este dado foi categorizado como *discurso de pessoa não-próxima* e de *superior para inferior*.

Os resultados da tabela acima corroboram também a hipótese de Menon (1996), segundo a qual o que está em jogo na variação dos possessivos de segunda pessoa são os aspectos de familiaridade, respeito e formalidade.

Outro cruzamento que também nos pareceu interessante é entre o grupo de fatores *paralelismo formal e relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores*²¹, cujos resultados apresentamos na tabela a seguir:

Tabela 8: Cruzamento entre a variável *paralelismo formal e grau de familiaridade entre os interlocutores*

	<i>Você</i> acompanhado de <i>teu</i>		Sem pronome pessoal na oração		<i>Tu</i> acompanhado de <i>teu</i>		Vocativo		Total	
	Apl./total	%	Apl./total	%	Apl./total	%	Apl./total	%	Apl./total	%
Entre iguais	10/11	91	24/29	83	22/22	100	6/6	100	62/68	91
Sup. > inf.	18/19	95	37/45	82	25/25	100	7/7	100	87/96	91
Inf. > sup.	0/4	0	6/13	46	1/1	100	4/7	57	11/25	44
Total	28/34	82	67/87	77	48/48	0	17/20	85	160/189	85

Analisando os resultados da tabela acima, ao cruzar o *paralelismo formal* e o *grau de familiaridade entre os interlocutores*, podemos perceber que as relações entre os interlocutores são mais relevantes que a variável *paralelismo*, pois nas relações *entre iguais*, houve alta frequência de uso do possessivo *teu*. Mesmo quando há a presença do pronome *você*, há alta frequência de uso do possessivo *teu*, com 91%. Ao analisar o número absoluto de ocorrências, porém, percebemos que foram encontrados apenas 11 dados dessa natureza.

No discurso de *superior para inferior*, o percentual de uso de *teu* também é alto, com 95% das ocorrências. Já na relação de *inferior para superior*, não há uso do possessivo *teu*. Esse resultado corrobora nossa hipótese de que o que está envolvido na variação dos possessivos de segunda pessoa são as relações entre os interlocutores.

Quando não há pronome pessoal expresso na oração, há alta frequência de uso de *teu* nos discursos *entre iguais* e de *superior para inferior*, com respectivamente 83% e 82%. No entanto, quando a relação é de *inferior para superior*, este percentual cai para 46%. Nas

²¹ Ambos foram selecionados significativos pelo programa VARBRUL.

ocorrências com *vocativo* acontece algo semelhante: nenhuma ocorrência nos discursos *entre iguais*; de *superior para inferior*, 100% de uso de *teu*; e de *inferior para superior*, este número cai para 57% de uso de *teu*.

O resultado expresso na tabela é muito interessante, pois a partir daí podemos visualizar que as relações sócio-pessoais entre os falantes são determinantes no uso dos pronomes de tratamento (BROWN e GILMAN, 2003; BIDERMAN, 1972; FARACO, 1996) e, conseqüentemente, no uso dos possessivos a eles relacionados.

Abaixo reproduzimos uma carta²² do deputado Serafim Venzon, endereçada à minha mãe (Chica), a mim (Joana) e à minha irmã (Paula)²³. Esta carta foi enviada na véspera das eleições de outubro de 2004 para prefeito e vereadores, nesta carta o Deputado Federal Serafim Venzon pede voto para seu colega de partido.

Brusque, 22 de outubro de 2004.

CHICA, JOANA e PAULA,

Tudo o que somos e o que temos, depende do esforço de cada um e do conjunto de todos.

Do céu vem o sol, a chuva e as Bênçãos de Deus. A maneira de viver decorre do aproveitamento das oportunidades.

A **tua** família dá sustentação moral, psicológica e social para aproveitar as ocasiões que a vida te oferece.

A família é o ponto de partida e de chegada de cada dia. É a base da sociedade e do poder.

No dia 31 de outubro, Florianópolis irá se unir para um desafio novo: Vamos levar os sentimentos que predominam na **tua** família para dentro da grande família, a Prefeitura.

Tenho certeza que DÁRIO junto **com você** fará uma Florianópolis melhor.

Por isso, peço o **teu** voto, o voto da **tua** família e de **teus** amigos para Prefeito DÁRIO BERGER 45.

Forte abraço!

SERAFIM VENZON
Deputado Federal – PSDB/SC

²² A cópia da carta original segue em anexo.

²³ Desconhecemos onde este deputado conseguiu os nomes (inclusive apelido) e endereço da família.

Na carta acima, podemos constatar que há preferência pela forma *com você* ao invés de *contigo*, no entanto, quanto ao uso dos possessivos, podemos observar que há somente o uso da forma *teu*. Exemplos como este corroboram nossa hipótese quanto à semântica do poder e da solidariedade (BROWN e GILMAN, 2003), pois acreditamos que o Deputado utiliza a forma *teu* como um meio de se aproximar do leitor para atingir seu objetivo, pedir voto de uma maneira íntima e solidária.

A seguir, passamos a apresentar o resultado do cruzamento entre os grupos de fatores *paralelismo formal* e *pessoas do discurso reportado*, a fim de constatar se há resultados interessantes na interação entre estas duas variáveis.

Tabela 9: Cruzamento entre a variável *paralelismo formal* e *pessoa do discurso reportado*

	<i>Você</i> acompanhado de <i>teu</i>		Sem pronome pessoal na oração		<i>Tu</i> acompanhado de <i>teu</i>		Vocativo		Total	
	Apl./total	%	Apl./total	%	Apl./total	%	Apl./total	%	Apl./total	%
Disc. Próprio falante	14/17	82	23/29	79	23/23	100	7/7	100	67/76	88
Disc. Pessoa próxima	7/8	88	21/21	100	15/15	100	8/9	89	51/53	96
Disc. Pessoa não- próxima	7/9	78	23/37	62	10/10	100	2/4	50	42/60	70
Total	28/34	82	67/87	77	48/48	100	17/20	85	160/189	85

Os resultados mais significativos da tabela acima são os percentuais referentes ao *discurso de pessoa não-próxima*. Percebemos que os percentuais referentes a este discurso permaneceram baixos, sobretudo com o *vocativo* e *sem pronome pessoal na oração* (que estão em negrito na tabela), o que demonstra que o informante, ao reportar a fala de uma *pessoa não-próxima*, tende a atribuir-lhe a variante mais formal.

4.4 VARIÁVEIS SOCIAIS

Das quatro variáveis sociais analisadas, três se mostraram relevantes para a variação dos possessivos de segunda pessoa, a saber: *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*, a única variável social que não se mostrou relevante foi a *localidade*. Este resultado é muito importante, pois fica clara a determinação social do indivíduo na variação dos possessivos de segunda pessoa.

4.4.1 Sexo do informante

Este foi o terceiro grupo selecionado significativo pelo programa VARBRUL.

Em Loregian-Penkal (2004), a autora encontrou maior tendência ao uso de *tu* na fala das mulheres; ela atribuiu este resultado ao indício de que esta forma possui prestígio social nos dialetos estudados. Com base no estudo de Loregian-Penkal (2004), nossa expectativa é que as mulheres tendam a utilizar a forma *teu*, por preferirem a variante de maior prestígio social (LABOV, 2003).

Abaixo, apresentamos a tabela com os resultados:

Tabela 10: Frequência e probabilidade de uso do possessivo *teu* segundo a variável *sexo* (input: 0,97)

Fatores	Aplicação/total	Percentual	Peso Relativo
Feminino	229/245	93%	0,61
Masculino	127/170	75%	0,34
Total	356/415	86%	

Os resultados da tabela acima corroboram nossa hipótese de que as mulheres tenderiam a utilizar a forma *teu*. As mulheres utilizaram este possessivo em 93% das ocorrências, e PR de 0,61, que o indica como favorecedor do uso do possessivo *teu*. Esse resultado aproxima-se do encontrado por Loregian-Penkal (2004), em que as mulheres, de modo geral, também tendem a utilizar o pronome pessoal *tu*, oferecendo indícios de que as

formas *tu* e *teu* possuem prestígio social nas localidades por ela estudadas²⁴, uma vez que as mulheres tendem a se mostrar mais conservadoras ou mais observadoras da variante de maior prestígio (LABOV, 2003).

Diante do PR de 0,34 de uso de *teu* pelos homens constatamos que há baixa probabilidade de uso de *teu* por eles, embora o percentual de 75% seja alto.

No estudo de Menon (1996) em que analisa a variação de *teu* e *seu* no dialeto de Curitiba, no entanto, é válido salientar que nesta cidade o sistema pronominal é diferente do sistema da região sul, pois o pronome pessoal predominante é o *você*. Em seus resultados, Menon (1996), verifica que as mulheres apresentam PR de 0,53 para o uso de *seu*, já os homens apresentam PR de 0,47. A autora atribui este resultado ao discurso “mais respeitoso, mais polido e mais conservador” das mulheres (MENON, 1996, p. 107). Já a tendência ao uso de *teu* pelos homens, segundo ela, pode ser interpretada como uma marca de agressividade.

4.4.2 Faixa etária do informante

Este foi o quinto grupo selecionado como significativo pelo programa. Com o controle desta variável podemos avaliar se há uma tendência de mudança em tempo aparente ou se a variação encontra-se estável; ou ainda se há pressão do mercado de trabalho para a utilização da variante mais formal *seu*.

Para formular as hipóteses para este grupo de fatores tivemos que pensar em dois planos: o da *formalidade/informalidade* e o da *inovação/conservadorismo*, estas duas situações podem ser observadas a partir dos indícios expressos pela faixa etária.

Nossa hipótese quanto à *inovação/conservadorismo* é de que os informantes mais jovens tendem a utilizar a forma inovadora *seu*, enquanto que os mais velhos, a forma conservadora *teu*.

²⁴ As localidades analisadas nesse estudo sobre os pronomes possessivos *teu/seu* são as mesmas analisadas por Loregian-Penkal (2004), quais sejam: Blumenau, Chapecó, Flores da Cunha, Florianópolis, Lages, Panambi, Porto Alegre, São Borja. A única localidade que não incluímos em nossa amostra e que Loregian-Penkal (2004) incluiu na sua é o Ribeirão da Ilha.

Mas, se pensamos na *formalidade/informalidade*, nossa hipótese é de que os informantes mais jovens utilizam a forma menos formal *teu*, e os mais velhos, a variante mais formal *seu*.

Os resultados estão expressos na tabela a seguir:

Tabela 11: Frequência e probabilidade de uso do possessivo *teu* segundo a variável *faixa etária* (input: 0,97)

Fatores	Aplicação/total	Percentual	Peso Relativo
25 a 49 anos	177/200	88%	0,61
Mais de 50 anos	179/215	83%	0,40
Total	356/415	86%	

Os resultados expressos na tabela acima, PR de 0,61, corroboram nossa hipótese de que os informantes mais jovens tenderiam a utilizar o possessivo *teu* por terem preferência pela forma solidária e menos formal.

Esse resultado pode refletir que o sistema social do período anterior se modificou e as pessoas mais velhas dão indícios desta mudança por serem mais formais. Por exemplo, eu trato minha avó utilizando o pronome *tu*, minha mãe trata a sua mãe (minha avó) utilizando o sintagma *a mãe*, por exemplo, *a mãe quer tal coisa?* E a minha avó quando se reporta à minha fala ao se dirigir a ela, utiliza a forma *a senhora*, exemplo: *tu podes chegar para a vó e dizer: a senhora pode me ajudar?* Que a vó vai te dar o maior apoio. Nesse exemplo, podemos ver as diferenças existentes nas formas de tratamento de três gerações e as modificações nelas ocorridas a favor da *solidariedade*. Portanto, o sistema social de um período anterior a outro se modificou e conseqüentemente o sistema lingüístico também está se modificando.

Nos remetemos ao estudo de Weimberg (1970 apud BIDERMAN, 1972-3)²⁵, que observou o avanço da forma *vos* (variante solidária e informal) entre amigos e inclusive no tratamento com os pais na região de Buenos Aires. A partir do estudo de Weimberg,

²⁵ Este estudo já foi citado no Capítulo 2 desta dissertação.

Biderman (1972-3) confirma a tese de Brown e Gilman de que as relações de solidariedade estão se expandindo em relação às questões de poder no dialeto estudado na Argentina.

Nosso resultado aponta para a mesma direção: os mais jovens tendem a utilizar a forma solidária *teu* em detrimento da forma de poder *seu*. Este resultado também dá um forte indício de que a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa *teu/seu* é motivada pelas diferentes situações comunicativas: *formal/informal*, atestando desta maneira que os falantes mais velhos tendem a optar pela forma de poder e formalidade *seu*. O PR de 0,40 contribui para esta leitura.

Esse resultado aproxima-se do encontrado por Menon (1996), em que os informantes mais jovens apresentam PR de 0,58 para o uso de *teu*, enquanto que os mais velhos apresentam PR de 0,62 para uso de *seu*. Segundo ela, há “uma tendência à mudança no uso das formas: os mais velhos usam mais *seu* e os mais jovens usam mais *teu*” (MENON, 1996, p. 108). Nossos resultados, mesmo em dialetos diferentes, apresentam a mesma tendência de Curitiba, mostrada por Menon.

Nos resultados de Loregian-Penkall (2004), o pronome mais utilizado pelos informantes mais jovens é *tu* em Florianópolis, Chapecó, Blumenau, Panambi e São Borja, ao passo que a segunda faixa etária fez mais uso de *você*. Novamente, nossos resultados aproximam-se dos de Loregian-Penkall (2004, p. 218). A explicação da autora para este fato é a de que “os falantes mais velhos dessas localidades poderiam ser mais formais que os mais jovens. Também que o uso de *tu* talvez esteja associado a uma menor formalidade, ou uma maior intimidade”.

Acreditamos que a explicação dada por Loregian-Penkall (2004) para os pronomes pessoais *tu* e *você* também é válida para os pronomes possessivos. Portanto, os mais jovens tendem a utilizar a forma *teu* por ser menos formal e mais íntima, enquanto que os mais idosos preferem a variante mais formal e menos íntima *seu*.

Os números expressos na tabela acima não dão indícios de que há uma mudança em progresso, ou seja, a variação dos possessivos de segunda pessoa *teu/seu* permanece estável.

Achamos relevante cruzar os fatores *sexo* e *idade*, dois grupos de fatores significativos para a variação dos possessivos de segunda pessoa, a fim de constatar de que maneira estas duas variáveis interagem na variação dos possessivos *teu/seu*.

Os resultados são apresentados na tabela abaixo:

Tabela 12: Cruzamento entre as variáveis *sexo* e *idade*

Sexo/ idade	25 a 49 anos		Mais de 49 anos		Total	
	Apl./total	%	Apl./total	%	Apl./total	%
Masculino	64/79	81	63/91	69	127/170	75
Feminino	113/121	93	116/124	94	229/245	93
Total	177/200	89	179/215	83	356/415	86

Ao cruzar os fatores *sexo* e *idade*, constatamos que nos homens com mais de 50 anos há uma queda no uso do possessivo *teu*, com 69% das ocorrências. Embora seja alto este percentual, é muito inferior aos outros percentuais apresentados na tabela, 81%, 93% e 94%. O percentual de 69% dá indícios de que estes informantes têm uma leve preferência pelo possessivo mais formal se comparados os resultados com o dos homens jovens, que apresentam 81% de uso de *teu*, número muito superior ao apresentado pelos mais idosos.

Já as mulheres, de modo geral, utilizam com frequência o possessivo *teu*. Independentemente da idade, elas mantiveram o percentual de 93% e 94%. Este resultado reafirma o exposto acima sobre o maior uso de *teu* pelas mulheres.

4.4.3 Escolaridade

O sexto e último grupo selecionado como significativo pelo programa VARBRUL é a escolaridade do informante.

Segundo Votre (2004), a escola age como preservadora da forma de prestígio. No entanto, nos possessivos de segunda pessoa *teu/seu*, não há nenhuma forma estigmatizada²⁶,

²⁶ O que é condenado pela gramática (escola) é o uso do pronome pessoal *tu* com o possessivo *seu* ou o uso de *você* com o possessivo *teu*.

por este motivo, nossa hipótese quanto à escolaridade é encontrar em todos os níveis de escolaridade maior uso de *teu*, já que as regiões estudadas são redutos do pronome pessoal *tu*.

Os resultados podem ser visualizados na tabela abaixo:

Tabela 13: Frequência e probabilidade de uso do possessivo *teu* segundo a variável escolaridade (input: 0,97)

Fatores	Aplicação/total	Percentual	Peso Relativo
Ginásio	106/116	91%	0,67
Primário	137/163	84%	0,48
Colegial	113/136	83%	0,37
Total	356/415	86%	

A partir destes resultados, podemos perceber que o nível de escolaridade que mais utiliza o possessivo *teu* é o ginásial²⁷, com 91% das ocorrências e acompanhado de PR de 0,67, o que o aponta como favorecedor do uso deste possessivo.

Os informantes pertencentes ao nível primário mostram PR 0,48 muito próximo do ponto neutro, embora com alto percentual de uso de *teu*, 84%. Já o nível colegial apresenta PR de 0,37, agindo como desfavorecedor do uso do possessivo *teu*.

Como exposto na metodologia, consideramos importante o cruzamento entre o *paralelismo formal* e a *escolaridade*, para tentarmos detectar se a escolaridade exerce influência na prescrição das formas pronominais.

Nossa expectativa é que com o aumento do nível de escolaridade os informantes venham a fazer maior uso de *teu* acompanhado de *tu*; e *seu* acompanhado de *você*, evitando assim utilizar *seu* acompanhado de *tu* e *teu* acompanhado de *você*.

²⁷ A faixa de escolarização denominada 'ginásial', no VARSUL, merece ser olhada com muita atenção. Frequentemente, hipóteses são refutadas porque a faixa ginásial envia os resultados; normalmente, os informantes que enviam os resultados são aqueles com mais de 40 anos, que cursaram o antigo ginásial, que tinha exame de admissão; um ginásial muito diferente do equivalente nos dias de hoje, em termos de aprofundamento de conteúdo.

Abaixo podemos visualizar os resultados encontrados:

Tabela 14: Cruzamento entre a variável *paralelismo formal e a escolaridade*²⁸

	<i>Você</i> acompanhado de <i>teu</i>		Sem pronome pessoal na oração		<i>Tu</i> acompanhado de <i>teu</i>		Vocativo		Total	
	Apl./total	%	Apl./total	%	Apl./total	%	Apl./total	%	Apl./total	%
Primário	36/44	82	46/64	72	47/47	100	8/8	100	137/163	84
Ginásio	13/15	87	40/46	87	50/50	100	3/5	60	106/116	91
Colegial	10/15	67	50/66	76	46/47	98	7/8	88	113/136	83
Total	59/74	80	136/176	77	143/144	99	18/21	86	356/415	86

Os resultados expressos na tabela acima, sobretudo os resultados do pronome pessoal *você* acompanhado pelo possessivo *teu*, são interessantes, pois ao analisar o fator *você* acompanhado de *teu*, os informantes de nível primário apresentam percentual de 82%, de nível ginásial 87% e de nível colegial 67%. A partir desse resultado, constatamos que no nível colegial há uma queda de uso do pronome *você* acompanhado do possessivo *teu*.

Quanto ao fator *tu* acompanhado de *teu*, houve apenas uma ocorrência no nível colegial, o que deixou o percentual em 98%, contrastando com os 100% no nível primário e ginásial. De acordo com Labov (2003) acreditamos que os alunos pertencentes ao colegial, com o auxílio da escola, já adquiriram a percepção estilística das diferentes formas, conseguindo distinguir os usos de uma e de outra forma e o seu significado social. Quando usam o pronome *tu* devem utilizar o possessivo *teu* já que ambos os pronomes são usados em contextos mais informais e quando usam o *você* devem utilizar o possessivo *seu* porque já dominam e reconhecem os diferentes usos destas formas.

Abaixo apresentamos os resultados do cruzamento entre *idade e escolaridade*:

²⁸ Resultados referentes à variante *teu*.

Tabela 15: Cruzamento entre as variáveis *escolaridade e idade*

Escolaridade/ Idade	25 a 50 anos		Mais de 50 anos		Total	
	Apl/total	%	Apl/total	%	Apl/total	%
Primário	74/88	84	63/75	84	137/163	84
Ginásio	28/28	100	78/88	89	106/116	91
Colegial	75/84	89	38/52	73	113/136	83
Total	177/200	89	179/215	83	356/415	86

Os informantes com nível primário, independentemente da idade, permaneceram com o mesmo percentual de 84% de uso de *teu*. Quanto aos informantes de nível ginásial, com os mais idosos, houve uma pequena queda de percentual de uso de *teu*, de 100% nos mais jovens para 84% nos mais idosos. Nos informantes de nível colegial também houve uma queda no uso dos possessivos *teu* nos mais idosos, 89% nos mais jovens e 73% nos mais idosos.

O que podemos concluir a partir destes resultados é que, independentemente da escolaridade, os informantes mais jovens utilizam mais o possessivo *teu*. Esse resultado corrobora nossa hipótese de que os informantes mais jovens tendem a utilizar a forma mais íntima e menos formal *teu*, independentemente da escolaridade.

Abaixo, apresentamos os resultados do cruzamento entre *sexo e escolaridade*:

Tabela 16: Cruzamento entre as variáveis *sexo e escolaridade*

Escolaridade/ Sexo	Masculino		Feminino		Total	
	Apl/total	%	Apl/total	%	Apl/total	%
Primário	67/88	76	70/75	93	137/163	84
Ginásio	21/28	75	85/88	97	106/116	91
Colegial	39/54	72	74/82	90	113/136	83
Total	127/170	75	229/245	93	356/415	86

Analisando os resultados acima podemos constatar, novamente, que as mulheres utilizam mais o possessivo *teu*, enquanto que os homens utilizam mais o possessivo *seu*, independentemente da escolaridade. Enquanto os homens mostram um percentual na casa dos

70%, as mulheres utilizam *teu* em mais de 90% das ocorrências. Este resultado é muito interessante para a nossa análise, pois corrobora a nossa hipótese de que as mulheres tendem a utilizar mais a forma *teu*.

4.4.4 Localidade

Controlamos esta variável com a intenção de verificar se há diferença significativa entre as diferentes cidades analisadas. Este foi o único grupo de fatores de base social que não se mostrou relevante para a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa. No entanto, optamos por apresentar os resultados obtidos, os quais podem ser visualizados na tabela abaixo:

Tabela 17: Frequência de uso do possessivo *teu* segundo a variável localidade

Localidade	Aplicação/total	Percentual
Flores da Cunha	18/20	90%
Panambi	37/40	92%
Porto Alegre	60/62	97%
São Borja	70/82	85%
Florianópolis	77/91	85%
Chapécó	17/20	85%
Lages	59/73	81%
Blumenau	18/27	67%
Total	356/415	85%

Analisando os resultados expressos na tabela, podemos ver que a maior utilização do pronome possessivo *teu* se deu nas cidades gaúchas, onde o percentual de utilização é acima dos 90%, a única que mostrou um comportamento distinto é a cidade de São Borja, com 85% de uso do possessivo *teu*.

De modo geral, os falantes catarinenses utilizam com menor frequência (se comparados aos resultados dos gaúchos) o possessivo *teu*, que ficou em torno de 80%, chegando a 67% apenas em Blumenau.

No momento, não encontramos uma possível explicação para o comportamento diferenciado para as cidades de São Borja e de Blumenau. No estudo de Loregian-Penkall (2004, p. 129), a autora constata que as localidades mais conservadoras quanto ao uso de *tu* são o Ribeirão da Ilha, Flores da Cunha e Panambi. Em São Borja, Florianópolis e Porto Alegre apenas um informante de cada cidade fez o uso somente do pronome *você* ao longo da entrevista. Já Chapecó apresenta dois informantes que fazem uso somente do *você* ao longo da entrevista: Blumenau, quatro informantes; e Lages, seis informantes. Portanto, em Lages mais informantes fazem uso somente do pronome *você*, no entanto é Blumenau que faz mais uso de *seu* e, conseqüentemente, menos uso de *teu*. Acreditamos que essas questões ainda precisam de novos estudos.

Como o grupo de fatores *localidade* não se mostrou significativo, optamos por amalgamar as cidades gaúchas e catarinenses entre si, a fim de constatar se desta maneira este grupo se mostraria relevante. No entanto, mesmo amalgamados não houve diferença no resultado final, não sendo considerados relevantes. Abaixo, apresentamos a tabela com os resultados percentuais amalgamados.

Tabela 18: Frequência de uso do possessivo *teu* segundo a variável *localidade* com as cidades amalgamadas

Fatores	Aplicação/total	Percentual
Cidades catarinenses	171/211	81%
Cidades gaúchas	167/184	91%
Total	355/414 ²⁹	86%

Em Loregian-Penkall (2004, p. 127), a autora analisou os informantes que só utilizaram o pronome *tu*, os informantes que só utilizaram o pronome *você* e os informantes que utilizaram ambos os pronomes. A partir desta análise de Loregian-Penkall (2004), construímos o seguinte grupo de fatores: *alternância dos pronomes tu e você* ao longo da entrevista. Este grupo de fatores não foi apontado significativo pelo programa VARBRUL, mas acreditamos que os resultados são interessantes.

²⁹ Este resultado contém um dado a menos, pois houve uma entrevista (RSSBO12) em que o informante não utilizou nenhum pronome pessoal de segunda pessoa (*tu* e *você*).

4.4.4.1 Alternância dos pronomes tu e você ao longo da entrevista³⁰

Este grupo de fatores consiste em outro tipo de *paralelismo formal* que controla as ocorrências de *tu* e *você* ao longo da entrevista e não somente no período em que ocorreram os possessivos *teu/seu*³¹. Optamos por controlar esta variável a fim de constatar se os informantes de alguma forma utilizam os pronomes *tu* e *você* ao longo da entrevista.

Nossa expectativa é de que os informantes que utilizem somente o pronome *tu* tendam também a só utilizar os pronome *teu*, os que só utilizam o pronome *você* tendam a utilizar *seu*, e os que utilizam ambos os pronomes tendam a utilizar os possessivos *teu* e *seu*. Os resultados podem ser visualizados na tabela abaixo:

Tabela 19: Frequência de uso do possessivo *teu* segundo a variável *alternância dos pronomes tu e você* ao longo da entrevista

Fatores	Aplicação/total	Percentual
Somente <i>tu</i>	99/109	91%
<i>Tu e você</i>	224/261	86%
Somente <i>você</i>	32/44	73%
Total	355/414 ³²	86%

O percentual de 91% de uso de *teu* pelos informantes que só utilizam o pronome *tu* era previsto em nossas hipóteses e corrobora os resultados apresentados na Tabela 4 (referente aos resultados do grupo de fatores *paralelismo formal*), em que há o PR de 0,90, ou seja, alta tendência de uso do possessivo *teu* acompanhado do pronome *tu*, confirmando assim o *paralelismo formal* (SCHERRE e NARO, 1993).

³⁰ Este grupo não se mostrou relevante para a variação dos possessivos *teu/seu*. Isso de certa forma já era esperado, pois o que realmente esperávamos ser relevante era a ocorrência destes pronomes quando próximos do pronome possessivo utilizado. Como este grupo não se mostrou significativo, não há PR, e, portanto, não podemos falar em tendência, apenas em frequência de uso (percentual).

³¹ Só são controladas as ocorrências dos pronomes *tu* e *você* nas entrevistas em que houve ocorrências dos pronomes possessivos.

³² Este resultado contém um dado a menos, pois houve uma entrevista (RSSBO12) em que o informante não utilizou nenhum pronome pessoal.

No entanto, o resultado que nos pareceu muito curioso, e que contraria nossa hipótese, é o alto percentual (73%) de uso de *teu* em informantes que só utilizam o pronome pessoal *você*. Dado esse resultado, procuramos localizar em que cidades se encontram os informantes que utilizaram exclusivamente o pronome *você* com o possessivo *teu*. Fizemos uma busca manual e os resultados podem ser visualizados no quadro abaixo:

Quadro 11: Distribuição dos informantes quanto ao uso dos pronomes pessoais ao longo da entrevista

Fatores	Somente <i>tu</i>	Somente <i>você</i>	Ambos
Porto Alegre	9	1	5
Panambi	1	-	9
São Borja	9	1	5
Flores da Cunha	6	-	5
Florianópolis	7	-	10
Lages	-	5	12
Chapecó	2	1	9
Blumenau	1	3	9

Das 32 ocorrências de possessivo *teu* nas entrevistas em que os informantes só utilizaram o pronome *você*, 23 ocorreram na cidade de Lages (sendo 11 ocorrências de um mesmo informante, 9 de outro informante e 3 de outro, o que totaliza as 23 ocorrências); 4 ocorrências do mesmo informante da cidade de Porto Alegre; 2 ocorrências em Blumenau (em 2 informantes); 2 ocorrências do mesmo informante em São Borja; e 1 ocorrência em Chapecó. Constatamos que estes três informantes da cidade de Lages influenciaram o resultado de 73% de uso de *você* acompanhado de *teu*, isto se dá devido à vasta utilização de *você* por informantes de Lages (LOREGIAN-PENKAL, 2004).

De modo geral, a Tabela 19 atesta que todos os informantes, independentemente dos pronomes pessoais utilizados ao longo da entrevista, têm preferência pelo pronome *teu*, o que já estava previsto em nossas hipóteses.

CONCLUSÃO

A análise realizada nesta dissertação fornece algumas evidências acerca do uso dos pronomes possessivos *teu/seu* em quatro cidades do Rio Grande do Sul e quatro cidades de Santa Catarina, baseadas nos resultados percentuais e PRs apontados pelo Programa VARBRUL. De modo geral, podemos dizer que a forma *teu* é a mais utilizada pelos informantes das cidades analisadas.

Os resultados obtidos corroboraram algumas das hipóteses que nortearam este estudo. Com base nos dados do VARSUL podemos dizer que a variação dos possessivos de segunda pessoa *teu/seu* é lingüisticamente, estilisticamente e socialmente motivada. Quanto à variável lingüística *paralelismo formal*, constatamos que a presença do pronome *tu* exerce influência no uso do possessivo *teu*, já a presença do pronome *você* age como desfavorecedor do uso do possessivo *teu*. Mesmo sabendo que o possessivo *teu* é usado em dialetos que não têm o pronome pessoal *tu* em seu paradigma, como em Curitiba (MENON, 1996) e em São Paulo (KATO, 1985), por exemplo, nossos resultados apontaram que nos dialetos aqui estudados, a forte presença do pronome *tu* leva a um maior favorecimento do possessivo *teu*.

A variação dos possessivos de segunda pessoa também é estilisticamente motivada. O uso do possessivo *teu* é favorecido em relações assimétricas de *superior para inferior* e nas relações simétricas *entre iguais*. No primeiro caso, possivelmente para demonstrar “poder” (BROWN e GILMAN, 2003), e, no segundo, por indicar proximidade entre os interlocutores ao utilizarem a forma solidária. Com relação à variável *pessoa do discurso reportado*

(discurso de pessoa próxima, discurso de pessoa não-próxima e discurso do próprio informante), verificamos que a forma *teu* é favorecida nos discursos do próprio informante e no discurso de pessoa próxima.

Quanto às variáveis sociais, a única não selecionada como significativa foi a *localidade*. As mulheres e os informantes mais jovens tendem a utilizar a variante *teu*. Acreditamos que este resultado mostra que *teu* é a forma de prestígio nestas localidades, uma vez que, segundo Labov (1972, 2003), as mulheres tendem a utilizar com mais frequência formas socialmente prestigiadas na sociedade. Quanto à *escolaridade*, o nível ginásial indicou alta tendência de uso do possessivo *teu*. No entanto, o que nos interessa ao controlar esta variável é analisar até que ponto o uso de *tu* acompanhado do possessivo *seu* é condenado pela escola. Para tanto, fizemos um cruzamento entre as variáveis: *paralelismo formal* e *escolaridade*. Nesse cruzamento, constatamos as seguintes relações: (i) maior nível de escolaridade e menor uso de *tu* acompanhado de *seu* ou de *você* acompanhado de *teu*; e (ii) menor nível de escolaridade e maior uso dos pronomes *tu/seu* ou *você/teu*.

A partir dos resultados encontrados neste estudo, em que o *paralelismo formal* foi a única variável lingüística selecionada significativa, podemos afirmar que o que está regendo a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa *teu/seu* são as determinações socioculturais do indivíduo.

Os resultados deste estudo corroboram a hipótese de Brown e Gilman (2003) quanto à semântica do poder e da solidariedade, pois nas relações assimétricas de *inferior para superior* a forma favorecida é *seu*, o que indica um maior distanciamento e uma forma de respeito. Nas relações assimétricas de *superior para inferior* geralmente é utilizada a forma *teu* para indicar o poder; e nas relações simétricas é utilizada a forma próxima e solidária *teu*. Podemos constatar também que há um monitoramento na fala ao se reportar à fala de pessoa não-próxima, optando-se pela variante mais formal e não-solidária, *seu*. O fato de os jovens tenderem a utilizar a variante *teu* também corrobora a hipótese de Brown e Gilman (2003) quanto à mudança da extensão da solidariedade em detrimento do poder nas sociedades modernas, pois há indícios de que os jovens atualmente estão preferindo a forma solidária *teu*.

Este estudo apresenta resultados interessantes quanto à variação dos pronomes possessivos na fala da região Sul do Brasil e quanto ao estágio dessa variação. Com este estudo temos indícios de que por trás da variação de *teu/seu* há uma série de implicações estilísticas e sociais agindo na escolha de uma ou de outra variante. Mediante alguns relatos de informantes, expostos ao longo da dissertação, temos indícios também de que muitos falantes têm consciência das conseqüências causadas pelo uso de diferentes variantes.

Alem dos pontos a ressaltar, é importante também apresentar algumas limitações deste estudo. A primeira delas é imposta pela natureza do banco de dados VARSUL, que não favorece o uso das formas de segunda pessoa, uma vez que não propicia o diálogo, mas relatos de experiências vividas. Diante de poucos dados não foi possível analisar a variação entre os possessivos *teu/seu* e as formas genitivas *de você/ de ti/ do(a) senhor(a)*, o que impossibilitou testar o possível estágio intermediário da forma *seu* entre a formalidade de *do(a) senhor(a)* e a informalidade de *teu*. Devemos mencionar também a impossibilidade de controlar a variação no *indivíduo*, pois em algumas entrevistas o falante só utilizou os possessivos *teu* ou *seu* uma vez. Seria interessante, também, fazer um estudo mais aprofundado sobre as questões de simetria-assimetria das relações entre os interlocutores controladas em uma de nossas variáveis. Fica aqui o desafio.

REFERÊNCIAS

- ABRAÇADO, J. O possessivo seu – diferentes tipos de ambigüidade e de posse. **Gagroatá**, Niterói, n. 9, p. 193-203, 2000.
- ABREU, M. T. S. **Formas de tratamento: dialeto urbano e oral de Curitiba**. 1987. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 123 p.
- ALMEIDA, A. B. **Pronomes possessivos de 3ª pessoa no Português Falado de São Paulo**. 1993. (Mimeo).
- AMARAL, L. I. C. **A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e sus implicações lingüísticas e sociais**. 2003. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 203 p.
- _____. A importância de variáveis estilístico-discursivas para as análises de fenômenos lingüísticos variáveis. In: VANDRESEN, P. (Ed.). **Variação e mudança no português falado da região sul**. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 47-68.
- ARDUIN, J. A descrição do sistema possessivo de 2ª pessoa na fala catarinense. In: **Anais da XX Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos do GELNE**, João Pessoa, 7 a 10 set. 2004. (no prelo).
- ARDUIN, J.; COELHO, I. L. 2003. A variação do uso dos pronomes possessivos de terceira pessoa na fala de Florianópolis. In: **Anais do II ECLAE** (Encontro Nacional de Ciência da Linguagem Aplicadas ao Ensino), João Pessoa, 7 a 10 set. 2003. CD-ROM.
- BENTIVOGLIO, P. A variação nos estudos sintáticos. In: ANAIS DO GEL, XIV, Campinas, 1987. p. 6-29.
- BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral I**. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995. 387 p.
- BIDERMAN, M. T. A. Formas de tratamento e estruturas sociais. **ALFA**, Marília, n. 18-19, p. 339-381, 1972-73.
- BORGES, J. Os possessivos como indicadores de referência e atribuição. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 155-149, 1985-86.
- BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Ed.). **Sociolinguistics: The essencial readings**. United Kingdom: Blackwell, 2003 [1960]. p. 156-176.
- _____. The pronouns of power and solidarity. In: T. A. Sebeok (Ed.). **Style in Language**. Cambridge, MA: MIT Press, 1960. p. 253-76.
- BRUNO, F. C.; MENDOZA, M. A. **Hacia el Español**. Nivel básico. São Paulo: Saraiva, 2000.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística. Parte II. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Ed.). **Introdução à lingüística 1**. São Paulo: Cortez, 2000. p. 49-75.

CAMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 35. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 2002. 124 p.

CUNHA, C. F. **Gramática da língua portuguesa**. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

DUARTE, M. Eugênia L. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**. 1995. Tese de doutorado. Campinas, UNICAMP, Instituto de Estudos da Linguagem.

FARACO, C. A. 1982. **The imperative sentence in portuguese: a semantic and historical discussion**. Tese de doutorado, University of Salford, UK.

FARACO, C. A. O tratamento *você* em Português: uma abordagem histórica. **Fragmenta**, Curitiba, n. 13, p. 51-82, 1996.

GREGORY, R. G. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. In: **Congresso ABRALIN**, Fortaleza, 2001. (Mimeo).

GUIMARÃES, A. M. M. **A ocorrência de 2ª pessoa: estudo comparativo sobre o uso de tu e você na linguagem escrita**. 1979. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

HERMOSO, A. G; CUENOT, J. R; ALFARO, M. S. **Gramática de español lengua extranjera**. Madrid: Edelsa, 2000.

HORA, D. Teoria da variação: uma retrospectiva. In: _____. (Ed). **Diversidade lingüística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 159-174.

KATO, M. A. A complementaridade dos possessivos e das construções genitivas no português coloquial: réplica a Perini. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 1, n. 1-2, p. 107-120, 1985.

KNIES, C. B.; COSTA, I. B. **Manual do usuário banco de dados lingüísticos VARSUL**. Universidade Federal do Paraná; Universidade Federal de Santa Catarina; Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1995.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic working paper**, Austin, n. 44, p. 43-88, 1978.

_____. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Ed.). **Perspectives on Historical Linguistics**, Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982. p. 17-92.

_____. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

_____. Some sociolinguistic principle. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Ed.). **Sociolinguistics: The essencial readings**. United Kingdom: Blackwell, 2003 [1969], p. 234-250.

_____. Some sociolinguistic principle. **The Study of Nonstandard English**. Champaign, Ill.: National Council of Teachers of English, by special arrangement with the Center for Applied Linguistics, 1969. p. 19-38.

LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? **Language Society**, n.7, p. 171-182, 1978.

LEÃO, P. B. **Formas de tratamento no sul do Brasil: contribuições da Geolingüística, da Sociolingüística e da Pragmática**. 2004. Monografia (Final de curso). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 49 p.

LOREGIAN, L. **Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil**. 1996. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 121 p.

LOREGIAN-PENKAL, L. **Re(análise) da referência de segunda pessoa na fala da Região sul**. 2004. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 260p.

LYONS, J. **Linguagem e lingüística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

MENON, O. P. S. Reestruturação do sistema possessivo em português. In: **Anais do VIII Seminário do Centro de Estudos Lingüísticos e Literários do Paraná**. Umuarama: UNIPAR/FAFID, 1995a. p.334-338.

_____. O sistema pronominal do português do Brasil. **Letras**, Curitiba, n. 44, p. 91-106, 1995b.

_____. Clíticos e possessivos em Curitiba: implicações para o ensino. **Anais do II Simpósio Nacional do GT de Sociolingüística da ANPOLL**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996, p.101-116.

_____. Seu/de você: variação e mudança no sistema dos possessivos. In: HORA, D. (Ed). **Diversidade lingüística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 79-92.

_____. 2000. Pronome de Segunda pessoa no Sul do Brasil: tu/ você/ o senhor em Vinhas da Ira. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 121-163, mar. 2000.

MENON, O. P. S; LOREGIAN-PENKAL, L. Variação no indivíduo e na comunidade: *tu/você* no sul do Brasil. In: VANDRESEN, P. (Ed.) **Variação e mudança no português falado da região sul**. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 147-188.

MENUZZI, S. **3rd Person Possessives in Brazilian Portuguese: On the Syntax-Discourse Relation**. 1996. (Mimeo).

NEGRÃO, E.; MÜLLER, A. L. As mudanças no Português Brasileiro: substituição ou especialização? **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 125-152, 1996.

NETA, A. V, A. Perfil do possessivo de terceira pessoa na fala pessoense. In: HORA, D. (Ed.) **Estudos sociolingüísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa, 2004. p. 129-140.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. de. **Estudo da regularidade na variação dos possessivos no Português do Rio de Janeiro**. 1982. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. Variação no sistema possessivo da terceira pessoa. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 78-79, p. 54-72, 1984.

_____. Um caso de definitude. **Organon**, Porto Alegre, n. 18, p. 90-108, 1991.

_____. Estertores da forma seu na língua oral. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M. de.; SCHERRE, M. M. P. (Ed.). **Padrões sociolingüísticos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. p. 171-181.

_____. Estertores da forma seu na língua oral: resultados sociais. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M. de.; SCHERRE, M. M. P. (Ed.). **Padrões sociolingüísticos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. p. 297-307.

PAGOTTO, E. G. **Varição e identidade**. 2001. Tese (Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 454 p.

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M. L. (Ed.). **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 33-42.

PERINI, M. A. O surgimento do sistema possessivo do Português Coloquial: uma interpretação funcional. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 1, n. 1 e 2, p. 1-16, 1985.

PINTZUK, S. **VARBRUL Programs**. 1988. (Mimeo).

PLATÃO. **A República**. Livro II. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

POPLAK, S. The notion of the plural in Puerto Rico spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, W. (Ed.). **Locating language in time and space**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1980. p. 55-67.

RAMOS, M. P. B. **Formas de tratamento no falar de Florianópolis**, 1989. Dissertação (Mestrado). Curso de Pós-graduação em Lingüística, Universidade federal de Santa Catarina, Florianópolis. 97 p.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983. 506 p.

SAID ALI, M. **Gramática secundária da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

SCHERRE, M M. P.; NARO, A. J. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 01-14, 1993.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999. 96 p.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M. L. (Ed.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 33-42.

ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. Considerações sobre o discurso reportado em *corpus* de língua oral. In: VANDRESEN, P. (Ed.). **Variação e mudança no português falado da região sul**. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 15-46.

WEINER, J.; LABOV, W. Constraints on the agentless passive. **Journal of Linguistics**, n. 19, p. 29-58, 1983.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Empirical foundation for a theory of language change**. Austin, University of Texas Press, 1968.